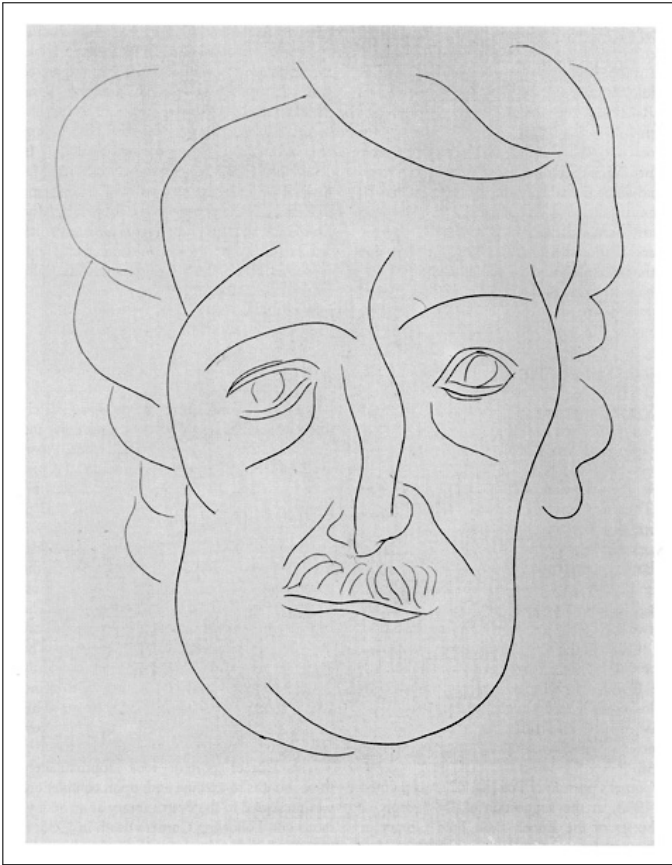

OS TRÊS CONTOS DO
CAVALHEIRO AUGUSTE DUPIN

EDGAR ALLAN POE

TRADUÇÃO
ROBERTO D ALGARTE

2013

EXTRATODOMIOLO.COM



Gravura de Edgar Allan Poe por Henry Matisse,
extraída de “Poésies de Stéphane Mallarmé” (1932).

Edgar Poe

OS TRÊS CONTOS DO
CAVALHEIRO AUGUSTE DUPIN

Os Assassinatos Na Rue Morgue	7
O Mistério De Marie Rogêt	59
A Carta Surripiada	—

but by its very act and essence of intellect, has, in truth, the whole
The faculty in question is possibly much invigorated by mathematics
especially by that highest branch of it which, unjustly, and merely on
grade operations, has been called, as if par excellence, analysis. Yet
in fact to analyse - at chess - plays, for example, does the one without
It follows that the game of chess, in its effects upon mental character
understood. I am not now writing a treatise, but simply prefer a
like narrative by observations very much at random - I will, then,
to assert that the higher powers of the reflective intellect are more a
suddenly taxed by the uncertainties game of draughts than by any
safety of chess. In this latter, where the pieces have different and be-
various and variable values, that which is only complex is mist-
and error) for that which is profound. The attention is here called, for
by its flag for an instant, an oversight is committed resulting in my
possible moves being not only manifold but involute, the chances
are multiplied; and in nine cases out of ten it is the more con-
than the more acute player who errs. In draughts, on the other
moves are unique and have but little variation, the probabilities
diminished, and the more attention being left comparatively unem-
ployed are obtained by either party are obtained by superior acrom-
Let us suppose a game of draughts where the pieces are reduced to few
of moves (the pieces being at all equal) only by some recherche movement, the
exercise of the intellect. Deprived of ordinary resources the analyst
the spirit of his opponent, identifies himself therewith, and not with
at a glance, the sole methods (sometimes indeed absurdly simple) to
reduce into miscalculation or hurry into error.

- 1841 -

OS ASSASSINATOS NA RUE MORGUE

What has long been noted for its influence upon what we
powers; and men of the highest order of intellect have been known
to find a wondrous delight in it, while eschewing chess as
doubtless there is nothing of a similar nature so greatly to be
lysis. The best chess-players in Christendom may be little more
of chess - but proficiency in which implies capacity for success
in potent undertakings where mind struggles with mind. When
mean that perfection in the game which includes a comprehension
(whatever be their character) from which legitimate advantages
are not only manifold but multiform, and lie frequently
thought altogether inaccessible to the ordinary understanding.
is to remember distinctly; and so far the concentration of chess
well as what; while the rules of Hoop (themselves based upon

O conto intitulado *The Murders In The Rue Morgue* foi traduzido a partir dos seguintes textos em inglês: manuscrito de março de 1841; *Graham's Magazine* de abril de 1841; *Prose Romances* lançado em 1843; *Tales* lançado em 1845; cópia do título *Tales* com apontamentos do autor, pertencente à Universidade do Texas; *Works* lançado em 1850. As notas de rodapé são do tradutor, exceto onde se indicar a autoria.

OS ASSASSINATOS NA RUE MORGUE

Qual canção as Sereias cantavam, ou qual nome Aquiles adotou quando se escondeu entre mulheres: embora enigmáticas, tais questões não estão acima de *toda* a conjectura.

SIR THOMAS BROWNE



OS ATRIBUTOS MENTAIS considerados como analíticos são, em si mesmos, muito pouco suscetíveis de análise. Nós os apreciamos apenas por seus efeitos. Sobre eles, sabemos que, dentre outras coisas, são para seu possuidor, quando desmedidamente possuídos, fonte do mais vigoroso prazer. Assim como o homem robusto exulta por sua habilidade física, deliciando-se nestes exercícios que colocam seus músculos em ação, também se gloria o analista na virtuosa atividade do *desintrincar*. Ele se apraz até com as ocupações mais triviais ao praticar seu talento. Apaixonado por enigmas, por charadas, por hieróglifos, ele exhibe, em cada uma de suas soluções, um grau de *acúmen* que, para a percepção ordinária, parece sobrenatural. Seus resultados, obtidos a partir da própria alma e essência de um método, possuem, na verdade, toda a atmosfera da intuição.

A faculdade da re-solução é possivelmente bastante fortalecida pelo estudo matemático e, em particular, por aquele ramo mais avançado que, injustamente, e apenas por conta de suas técnicas regressivas, tem sido denominado análise, *par excel-*

*lence*¹. Todavia, a ação de calcular não é, por si só, a de analisar. Um enxadrista, por exemplo, pratica uma sem dispender esforço na outra. Resulta que o jogo de xadrez, nos seus efeitos sobre os caracteres mentais, é muitíssimo mal interpretado. Não estou escrevendo agora um tratado, mas simplesmente pre-faciando uma narrativa um tanto quanto peculiar, através de observações bastante ao acaso; aproveitarei portanto a ocasião para declarar que os superiores poderes do intelecto reflexivo são mais decidida e proveitosamente demandados pelo singelo jogo de damas do que pela elaborada frivolidade do xadrez. Nesse último, onde as peças possuem movimentos diferentes e *bizarros*, com valores diversos e variáveis, confunde-se (um erro não incomum) o profundo com o meramente complexo. A *atenção* aqui é poderosamente posta em funcionamento. Caso ela esmoreça por um instante, comete-se um descuido, resultando em prejuízo ou derrota. As jogadas possíveis, sendo não apenas variadas mas complicadas, multiplicam as chances desses descuidos e, de cada dez casos, em nove triunfa o jogador mais concentrado, ao invés do mais perspicaz. No jogo de damas, ao contrário, onde os movimentos são *únicos* e com muito pouca variação, a probabilidade de negligência fica diminuída, e a mera atenção, se deixada relativamente ociosa, torna as vantagens obtidas por qualquer uma das partes vantagens resultantes de *acúmen* superior. Para sermos menos abstratos, suponhamos um jogo de damas cujas peças são reduzidas a quatro damas e onde, é claro, nenhum descuido é esperado. É óbvio que aqui a vitória só pode ser decidida (os jogadores postos em condições absolutamente iguais) por algum movimento *rebuscado*², resultante de um forte

¹“Por excelência”.

²No original, o movimento é adjetivado com o estrangeirismo francês

empenho do intelecto. Privado dos recursos usuais, o analista irrompe no espírito de seu oponente, identifica-se com ele a partir daí e, assim, não raramente enxerga, num átimo, os métodos peculiares (muitas vezes métodos absurdamente simples) pelos quais ele pode sucumbir à falha ou incorrer em erro de cálculo.

Há muito, o uíste³ tem sido notado por sua influência no chamado poder de cálculo; e homens do mais elevado nível intelectual têm sido observados exibindo um deleite aparentemente incomensurável nesse jogo, enquanto esquivam-se do xadrez porque o tomam como frívolo. Sem a menor sombra de dúvida, nada há que tenha similar natureza tão demasiadamente trabalhosa quanto a faculdade da análise. O melhor dos enxadristas da Cristandade *não consegue* ir muito além de melhor dos jogadores de xadrez; mas proficiência no uíste implica capacidade para o sucesso naquelas empreitadas mais importantes onde mente luta contra mente. Quando digo proficiência, refiro-me àquela perfeição no jogo, que inclui a compreensão de *todas* a fontes a partir das quais uma vantagem legítima pode ser derivada. Elas são não apenas variadas e abundantes, mas multiformes, residindo frequentemente em meio a recessos de pensamento no todo inacessíveis à compreensão ordinária. Observar com atenção é recordar distintivamente; e, até certo ponto, um enxadrista que se concentra comportar-se-á muito bem no uíste; já que as regras de Hoyle⁴ (baseadas no mero me-

“recherché”, acolhido pelo vocabulário inglês.

³Jogo ancestral do bridge disputado com um baralho de 52 cartas, distribuídas igualmente para quatro jogadores que compõem duas duplas adversárias.

⁴Edmond Hoyle (1672-1769) foi um escritor inglês cuja obra envolvia jogos de cartas e suas regras. Considerado o pai do uíste, lançou em 1742 o livro intitulado “A Short Treatise on the Game of Whist”, onde discorre sobre sua criação.

canismo do jogo) são ampla e suficientemente compreensíveis. Assim, considera-se em geral que ter memória retentiva e seguir regras “ao pé da letra” são parcelas que, adicionadas, resultam no jogar bem. Porém, justo nas questões que ultrapassam os limites de uma simples regra é que a habilidade do analista fica evidenciada. Ele faz, em silêncio, uma série de observações e inferências. Talvez também as façam seus companheiros; e a diferença no alcance da informação obtida não reside tanto na validade da inferência quanto reside na qualidade da observação. O conhecimento necessário está em saber *o que* observar. Nosso jogador, de forma alguma, limita a si próprio; não é porque o jogo é o objetivo que ele rejeita deduções sobre coisas externas. Ele examina o semblante de seu parceiro, comparando-o cuidadosamente com o semblante de cada um de seus oponentes. Considera a disposição das cartas em cada mão do jogo; geralmente computando trunfo por trunfo, e manilha por manilha⁵, através dos olhares que os detentores de tais cartas trocam entre si. À medida que o jogo avança, ele percebe cada alteração de feição, compilando um repositório de ideias a partir de diferenças nas expressões de convicção, de surpresa, de vitória ou de desapontamento. Pela conduta da pessoa que consegue recolher uma vaza⁶, ele julga se ela conseguirá outra na partida. O que é jogado com logro ele identifica pela atmosfera da mesa na qual esses movimentos se dão. Uma palavra casual ou inadvertidamente dita; a queda ou a virada acidentais de uma carta, acompanhada de ansiedade ou falta de cuidado em sua

⁵Trunfo significa uma carta que vale mais que outra, enquanto manilha uma das cinco maiores cartas do jogo.

⁶Trata-se do conjunto de cartas recolhidas de uma só vez pelo vencedor da rodada.

dissimulação; o cômputo das vazas, com a seqüência de suas disposições; embaraço, hesitação, avidez ou tremor – tudo isso proporciona, à sua percepção aparentemente intuitiva, indicações do real estado das coisas. Jogadas as primeiras duas ou três rodadas, ele já tem sob seu completo domínio as informações de cada uma das mãos e, a partir daí, joga suas cartas com objetivo absolutamente preciso, como se o outros participantes tivessem relevado as faces de suas cartas.

O poder analítico não pode ser confundido com a simples engenhosidade; enquanto o analista é necessariamente engenhoso, o homem engenhoso é, amiúde, incrivelmente inapto para a análise. O poder de construir ou combinar, pelo qual a engenhosidade geralmente se manifesta, e para o qual os frenólogos atribuíram (creio eu, erroneamente) um órgão separado, tomando-o por uma faculdade primitiva, tanto tem sido observado frequentemente naqueles cujo intelecto beira senão as fronteiras da idiotia como tem atraído a atenção geral dentre os escritores de textos sobre a moral. Entre engenhosidade e habilidade analítica existe de fato uma diferença muito maior do que entre fantasia e imaginação, mas cujo caráter é rigorosamente análogo. Descobrir-se-á que os engenhosos são sempre fantasiosos, enquanto os *verdadeiramente* imaginativos não são outra coisa senão analíticos.

A narrativa que se segue será apresentada ao leitor, de certa forma, à luz de comentários sobre as proposições já adiantadas.

Residindo em Paris durante a primavera e parte do verão de 18—, ali me tornei conhecido do Monsieur C. Auguste Dupin. Esse jovem cavalheiro vinha de uma excelente, na verdade, de uma ilustre família, mas que, por conta de vários eventos desagradáveis, havia descido à tal nível de pobreza que a energia

de sua personalidade sucumbiu ante ao fato, e ele desistiu de sacudir-se pelo mundo, ou de se preocupar com a recuperação de suas riquezas. Por cortesia de seus credores, ainda permaneceu sob suas posses um parco remanescente de seu patrimônio; e, a partir da renda advinda dele, tratou de conseguir, por meio de rigorosa economia, as necessidades da vida, sem se perturbar com suas superfluidades. Livros, de fato, eram o seu único luxo, e em Paris eles são facilmente obtidos.

Nosso primeiro encontro se deu numa obscura biblioteca na Rue Montmartre, onde o imprevisto de ambos estarmos à procura da mesma obra, tão rara e tão notável, nos tornou companheiros próximos. Vimo-nos repetidas vezes. Fiquei profundamente interessado pela pequena história de sua família, detalhada com a gentileza e a honestidade às quais um francês se entrega sempre que seu tema é apenas o “eu”. Impressionei-me também com a vasta abrangência de sua leitura; e, acima de tudo, senti minha alma incendiada, internamente, pelo ardor selvagem e o frescor vívido de sua imaginação. Procurando em Paris as coisas que eu então procurava, percebi que a sociedade daquele homem seria um tesouro inestimável para mim; e esse sentimento, confiei sinceramente a ele. Arranjou-se finalmente que moraríamos juntos durante minha permanência na cidade; e porque minhas circunstâncias materiais eram um tanto quanto menos constrangedoras que as dele, consentiu-se que eu custearia o aluguel, e também mobiliaria os cômodos – num estilo adequado ao soturno mui fantástico de nosso temperamento comum – de uma mansão grotesca e carcomida pelo tempo, há muito desabitada por conta de superstições que não investigamos, oscilando trôpega numa porção afastada e desolada do Faubourg St. Germain.

Tivesse o mundo conhecimento da rotina de nossa vida nesse lugar, seríamos considerados loucos – embora, talvez, loucos de natureza inofensiva. Nosso isolamento era perfeito. Não admitíamos visitantes. Na verdade, a localização de nosso retiro havia sido cuidadosamente ocultada até de meus antigos colegas, e havia muitos anos que Dupin cessara de travar conhecimento ou de ser reconhecido em Paris. Existíamos apenas dentro de nossos limites.

Havia uma inclinação anômala (pois do que mais devo eu chamá-la?) em meu amigo de ser um enamorado da Noite pela Noite em si; e nessa bizarrice, bem como em todas as suas outras, eu caí silenciosamente; renunciando a mim mesmo em prol de seus caprichos selvagens, num *abandono* absoluto. A lúgubre divindade nem sempre estava conosco; mas podíamos contrafazer sua presença. Às primeiras horas do alvorecer, fechávamos todas as pesadas venezianas de nossa residência envelhecida, quando acendíamos algumas velas que, fortemente perfumadas, lançavam apenas os mais sinistros e débeis dos raios. Com a ajuda deles, ocupávamos então nossas almas com sonhos – lendo, escrevendo, ou conversando, até sermos avisados pelo relógio sobre o advento da real Escuridão. Em seguida, singrávamos pelas ruas, unidos, prosseguindo com os tópicos do dia, ou vagando grandes distâncias até altas horas, procurando, em meio às sombras e às ferozes luzes da cidade populosa, aquele entusiasmo mental infinito que a tranquila observação pode proporcionar.

Em tais momentos, eu não conseguia deixar de notar e admirar (embora, por conta de seu rico ideário, eu já estivesse preparado para presumi-la) a peculiar habilidade analítica de Dupin. Ele também parecia deliciar-se avidamente ao exercitá-la – quando não se comportava exatamente assim ao exibi-la

– e não hesitava em confessar o prazer que então obtinha. À mim, gabava-se, num sorriso baixo e contido, que a maioria dos homens, em relação à essa sua habilidade, carregavam verdadeiras janelas nas almas. Eu já estava habituado a acompanhar tais assertivas por conta das demonstrações diretas e bastante espantosas do íntimo conhecimento que ele tinha a meu respeito. Nesses momentos, ele assumia um jeito frio e abstraído; seu olhar era inexpressivo; enquanto sua voz, geralmente de um precioso tenor, ascendia à de um soprano; mudança que soaria como petulância não fosse ela em prol da objetividade da enunciação e sua completa clareza. Observando-o nesses modos, eu costumava pensar, meditativo, sobre a velha filosofia da Alma Bipartite, e entretinha-me com a fantasia de um duplo Dupin – o criativo e o resoluto⁷.

Que não se considere, a partir do que acabei de dizer, que eu esteja a detalhar algum mistério, ou a redigir algum romance. O que descrevi a respeito desse francês foi meramente o resultado de sua inteligência inquieta, ou talvez doentia. Mas, sobre o caráter de seus comentários nesses momentos em questão, um exemplo transmitirá melhor a ideia.

Certa noite, caminhávamos lentamente por uma rua longa e imunda, nas vizinhanças do Palais Royal. Estando ambos, aparentemente, ocupados com pensamentos, nenhum de nós havia proferido uma única sílaba durante quinze minutos pelo menos.

⁷Em sua tese “The Influence of Duality and Poe’s Notion of the ‘Bi-Part Soul’ on the Genesis of Detective Fiction in the Nineteenth-Century”(2010), Stephanie Craighill argumenta que o termo ‘Alma Bipartite’, criado por Poe, tem suas origens na Psicologia Bipartite de Aristóteles, onde a alma do ser humano é dividida em duas partes: uma racional e outra irracional. Segundo Craighill, a dualidade do personagem Dupin inspirou toda a ficção policial do século XIX, cujos detetives protagonistas eram da mesma forma criativos e resolutos.

Subitamente, Dupin irrompeu com estas palavras:

“Ele é um sujeito muito pequeno, é verdade, e faria melhor no *Théâtre des Variétés*.”

“Não pode haver dúvidas quanto à isso”, repliquei involuntariamente, e à princípio não observando (tão absorto em reflexões eu estava) a maneira extraordinária pela qual meu interlocutor havia se harmonizado com minhas meditações. No instante seguinte, recobrei-me, e minha perplexidade foi intensa.

“Dupin,” disse eu, seriamente, “isso está além da minha compreensão. Não hesito em dizer que estou espantado, e mal posso confiar em meus sentidos. Como foi possível você saber que eu estava pensando em...?” Aqui interrompi, para me certificar, sem deixar dúvidas, se ele realmente sabia em quem eu pensava.

“Em Chantilly,” disse ele, “Por que interrompeu sua pergunta? Você estava ponderando consigo mesmo que a figura diminuta de Chantilly o torna inapto para a tragédia.”

Foi exatamente isso que engendrou o tema de minhas reflexões. Chantilly *outrora* fora um sapateiro da Rua St. Denis que, tornando-se um fanático pelo palco, tentou o papel de Xerxes, na assim intitulada tragédia de Crébillon⁸, e foi notoriamente pasquinado por seus sofrimentos.

“Diga-me, pelo amor de Deus,” exclamei, “o método – se há algum – pelo qual você foi capaz de sondar minha alma nesse caso.” Na verdade, meu abalo era até maior do que aquele que desejava expressar.

“Foi o vendedor de frutas,” replicou meu amigo, “que o levou

⁸Prosper Jolyot de Crébillon (1674-1762) foi um poeta e dramaturgo francês considerado por muitos o sucessor de Voltaire. Autor de diversas peças bem sucedidas, conseguiu encenar “Xerxes” apenas uma vez.

à conclusão de que o sujeito que consertava solados não tem tamanho suficiente para Xerxes *et id genus omne*⁹.”

“Vendedor de frutas! – você me surpreende – desconheço qualquer vendedor de frutas.”

“O homem que foi de encontro à você quando entramos na rua – isso ocorreu há uns quinze minutos.”

Naquele instante, lembrei-me que, de fato, um vendedor de frutas, carregando uma enorme cesta de maçãs sobre a cabeça, quase havia me derrubado, por acidente, quando passávamos da Rue C—— para a via principal onde estávamos; mas o que isso tinha que ver com Chantilly eu não conseguia entender.

Não havia em Dupin uma migalha sequer de *charlatanerie*¹⁰. “Vou explicar,” disse ele, “e assim você compreenderá tudo claramente: primeiro, vamos retrair o curso de suas meditações do momento em que falei com você até o *rencontre*¹¹ com o vendedor de frutas em questão. Eis então os maiores elos da cadeia: Chantilly, Órion, Dr. Nichol¹², Epicuro¹³, Estereotomia, as pedras da rua, o vendedor de frutas.”

Há poucas pessoas que, em algum período de suas vidas, não se divertiram retrair os passos pelos quais conseguiram chegar a certas conclusões mentais próprias. Tal atividade é geralmente muito interessante; e aquele que a experimenta pela

⁹“E qualquer outra coisa do gênero”.

¹⁰“Charlatanismo”.

¹¹“Trombada”.

¹²John Pringle Nichol (1804-1859) foi um educador, astrônomo e economista escocês, autor de obras famosas que buscavam popularizar a astronomia, nas quais defendia a hipótese nebular da criação e da evolução de sistemas solares.

¹³Epicuro de Samos (341 a.C - 270 a.C) foi um filósofo grego, ardoroso defensor do atomismo: filosofia natural que pregava a existência de corpúsculos sólidos indivisíveis chamados átomos.

primeira vez fica surpreso com a distância aparentemente ilimitada e com a incoerência entre o ponto de partida e a meta. Qual não deve ter sido então meu espanto ao ouvir o que o francês acabara de dizer, e por não conseguir deixar de reconhecer que havia dito a verdade. Ele continuou:

“Se bem me lembro, estávamos falando de cavalos pouco antes de deixarmos a Rua C——. Esse foi o último assunto sobre o qual conversamos. Ao cruzarmos essa rua, o vendedor de frutas, com uma enorme cesta sobre a cabeça, passou rapidamente por nós, resvalando, e empurrou você a uma pilha de pedras de calçamento, amontoadas num local onde a calçada está sofrendo reparo. Você pisou um dos fragmentos soltos, escorregou, forçou levemente o tornozelo, mostrou-se aborrecido ou carrancudo, resmungou umas poucas palavras, virou-se para olhar a pilha, e então seguiu em silêncio. Eu não estava totalmente atento ao que você fazia; mas a observação tornou-se para mim, recentemente, uma espécie de necessidade.

“Você manteve os olhos no chão – relanceando, com expressão petulante, os buracos e sulcos no calçamento, (daí percebi que você ainda estava pensando nas pedras) até alcançarmos a pequena travessa chamada Lamartine, que foi calçada, experimentalmente, com blocos sobrepostos e rebitados. Nesse momento, iluminou-se seu semblante e, percebendo o movimento de seus lábios, não tive dúvida que você murmurara a palavra ‘estereotomia’, um termo elegantemente aplicável a esta espécie de calçamento. Eu sabia que você não poderia dizer a si mesmo ‘estereotomia’ sem ser levado a pensar em átomos, e assim nas teorias de Epicuro; e, da mesma forma, ao discutirmos esse assunto não muito tempo atrás, quando mencionei à você a maneira singular, ainda que com pouca observação, em que as

vagas suposições do nobre Grego encontraram confirmação na recente cosmogonia nebulosa, senti que você não poderia deixar de lançar o olhar para o alto, na direção da grande *nebulosa* em Órion, e eu esperava que, com certeza, assim o faria. E você realmente olhou para cima; naquele momento, tive a convicção de que havia seguido seus passos corretamente. Mas naquela *crítica ofensiva* e implacável contra Chantilly, que apareceu no ‘*Musée*’ de ontem, o crítico, fazendo alusões infames à mudança de nome do sapateiro após assumir o coturno¹⁴, citou um escrito latino sobre o qual frequentemente conversamos. Falo da frase

PERDIDIT ANTIQUUM LITERA PRIMA SONUM¹⁵

Eu havia lhe dito que essa frase era uma referência à constelação Órion, antes escrita Úrion; e, por conta de certas impressões pungentes relacionadas à tal explicação, eu já sabia que você não poderia tê-la esquecido. Estava claro, portanto, que não deixaria de combinar as duas ideias de Órion e Chantilly. Pelo aspecto do sorriso que atravessou seus lábios, pude ver que realmente as combinou. Você pensou na imolação do pobre sapateiro. Até ali, mantivera-se curvado no seu caminhar; mas, naquele instante, vi que se recompôs plenamente à postura ereta. Tive então a certeza que você refletiu sobre a figura diminuta de Chantilly. Nesse ponto, interrompi suas meditações para comentar que por ser, de fato, um sujeito muito pequeno – esse Chantilly – ele faria melhor no *Théâtre des Variétés*.”

Não muito tempo após esse evento, estávamos passando os

¹⁴Em prol do trocadilho, traduziu-se o original “buskin” para “coturno”. Como esse calçado é utilizado por personagens de tragédias gregas, “buskin” também significa figurativamente “tragédia”.

¹⁵Verso 536 do Livro V da obra “Fastos” de Ovídio. Em tradução literal, significa “arruinou o som com a primeira letra”.

olhos numa edição vespertina do “Gazette des Tribunaux”, quando os seguintes parágrafos detiveram nossa atenção:

ASSASSINATOS EXTRAORDINÁRIOS. — Nesta madrugada, por volta das três horas, os habitantes do Quartier St. Roch foram despertos de seu sono por uma sucessão de terríveis guinchos, emitidos, aparentemente, do quarto andar de uma casa na Rue Morgue, a qual se sabia habitada unicamente por uma tal Madame L’Espanaye e sua filha, Mademoiselle Camille L’Espanaye. Após certa demora, causada por uma tentativa frustrada de obter acesso pela via usual, o portão foi arrombado com um pé de cabra, e de oito a dez moradores entraram, acompanhados por dois *gendarmes*¹⁶. Nesse momento, os gritos haviam cessado; mas, enquanto o grupo subia apressadamente o primeiro lance de escadas, duas ou mais vezes, numa discussão raivosa, foram distinguidas, e pareciam vir da parte superior da casa. Quando alcançaram o segundo andar, esses sons, igualmente, haviam cessado, e toda a casa ficou absolutamente em silêncio. O grupo se espalhou e assim percorreram quarto por quarto. Ao chegarem numa grande câmara, ao fundo, no quarto andar (cuja porta, encontrada trancada, com a chave por dentro, foi aberta à força), o espetáculo que se viu afetou cada um dos presentes não menos com horror do que com perplexidade.

O apartamento estava na mais brutal desordem — os móveis quebrados e jogados por todas as direções. Havia apenas uma cama; e dela o colchão havia sido retirado, e jogado no meio do piso do quarto. Numa cadeira, repousava uma navalha, lambuzada de sangue. Defronte à lareira, haviam duas ou três mechas longas e espessas de cabelo humano da cor cinza, também salpicadas com sangue, aparentemente arrancadas pela raízes. No chão, foram encontrados quatro Napoleões¹⁷, um brinco de topázio, três colheres grandes de prata, três menores feitas de *métal d’Alger*¹⁸ e duas bolsas, contendo aproximadamente quatro mil francos em ouro. As gavetas de um *birô*, que ficava num dos cantos, estavam abertas, e aparentemente haviam sido saqueadas, embora ainda restassem diversos itens dentro delas. Um pequeno cofre de ferro foi descoberto sob o colchão (não debaixo da cama). Ele estava

¹⁶Oficial francês responsável por manter a ordem pública.

¹⁷Antiga moeda de outro francesa, cunhada com a effigie de Napoleão, cujo valor era vinte francos.

¹⁸Liga de metal barata, imitando a prata, feita com chumbo, estanho e antimônio.

aberto, com a chave ainda na porta. Não havia muita coisa, além de algumas cartas velhas e outros papéis de menor importância.

De Madame L'Españaye não se viu vestígio; mas ao observarem uma quantidade incomum de fuligem na lareira, fez-se uma averiguação no duto da chaminé, e dali (horrível relatar!) puxaram o cadáver da filha, que se encontrava de cabeça para baixo; tendo sido foçado duto acima, na sua estreita abertura, por uma distância considerável. O corpo ainda estava quente. Ao examiná-lo, foram percebidas diversas escoriações, sem dúvida ocasionadas pela violência com a qual fora empurrado e depois puxado. Na face, haviam vários arranhões graves, e, no pescoço, contusões escuras, com marcas profundas de unhas, como se a falecida tivesse sido estrangulada até a morte.

Após investigação minuciosa de cada uma das partes da casa, sem descoberta adicional alguma, o grupo abriu caminho até um pequeno jardim calçado, na parte de trás da residência, onde jazia o cadáver da anciã, com o pescoço tão extensamente cortado que, na tentativa de levantá-la, a cabeça caiu. O corpo, bem como a cabeça, estavam pavorosamente mutilados – o primeiro de uma tal maneira que dificilmente retinha alguma aparência humana.

Para esse horrível mistério, acreditamos não existir ainda a menor pista.

O jornal do dia seguinte trouxe estes detalhes adicionais.

A Tragédia na Rue Morgue. Diversos indivíduos relacionados com esse *affair*¹⁹ [Na França, a palavra “*affair*” ainda não tem aquele significado leviano que por aqui o expressamos.] dos mais extraordinários e assustadores foram investigados, mas absolutamente nada veio à tona para elucidá-lo. Abaixo, damos a saber todo o testemunho material obtido.

Pauline Dubourg, lavadeira, afirma em depoimento que conhecia ambas as falecidas há três anos, tendo lavado suas roupas durante esse período. A anciã e sua filha pareciam ter um bom relacionamento – muito afetuosas uma com a outra. O serviço que demandavam lhe rendia excelente pagamento. Não pôde dizer muito a respeito das condições ou dos meios de vida que tinham. Acredita que Madame L. lia a sorte para viver. Sabia-se que a anciã tinha dinheiro guardado. Nunca encontrou pessoa alguma na casa quando lá pegava as roupas ou ao levá-las para casa. Tem certeza que não possuíam serviçais empregados.

¹⁹Significa “caso”, “matéria”.

Parecia-lhe que não havia móvel em parte alguma da residência exceto no quarto andar.

Pierre Moreau, comerciante de tabaco, afirma em depoimento que costumava vender pequenas quantidades de fumo e rapé para Madame L'Españay há quase quatro anos. Nascido na vizinhança, sempre residira ali. A falecida e a filha ocupavam a casa, onde os cadáveres foram encontrados, há mais de seis anos. O local fora anteriormente ocupado por um joalheiro que sublocou os quartos superiores para diversas pessoas. A casa já era propriedade de Madame L'Españay. Ela ficou insatisfeita com os abusos do inquilino em seu imóvel e mudou-se ela mesma para o local, recusando-se a alugar quaisquer de seus cômodos. A anciã comportava-se infantilmente. A testemunha havia visto a filha cinco ou seis vezes durante os seis anos. As duas levavam uma vida extremamente reservada – acreditava-se que tinham muito dinheiro. Ele ouvira dizer, entre os vizinhos, que Madame L. lia a sorte – não acreditava nisso. Nunca vira pessoa alguma entrar pela porta da casa exceto a anciã e sua filha, um carregador, uma ou duas vezes, e um médico, cerca de oito ou dez vezes.

Diversas outras pessoas, vizinhos, deram evidência desse mesmo fato. Nunca se comentou sobre alguém frequentando a casa. Não se sabia da existência de quaisquer relações mais profundas de Madame L. e sua filha com outras pessoas. As venezianas das janelas frontais raramente eram abertas. As da parte de trás estavam sempre fechadas, excetuando aquela no cômodo grande dos fundos, no quarto andar. Era uma boa casa – não muito antiga.

Isidore Musèt, gendarme, afirma em depoimento que foi chamado a casa por volta das três da madrugada, e encontrou cerca de vinte ou trinta pessoas ao portão, procurando obter acesso. Forçou sua abertura, na direção do comprimento, com uma baioneta – não com um pé de cabra. Não teve muita dificuldade em conseguir abri-lo, por ser um portão duplo ou de duas folhas, não aparafusado na parte inferior e nem na superior. Os guinchos prosseguiram até o portão ser forçado – quando então cessaram repentinamente. Pareciam ser gritos de alguma pessoa (ou pessoas) em grande agonia – eram altos e prolongados; não eram baixos e rápidos. A testemunha ficou à frente do grupo em seu trajeto escadas acima. Ao alcançar o primeiro pavimento, ouviu duas vozes em alta e raivosa discussão – uma delas rouca, a outra bem mais estridente – uma voz muito estranha. Conseguiu distinguir algumas palavras na primeira, que eram de um homem francês. Tem certeza que não era a voz de uma mulher.

Conseguiu distinguir as palavras ‘*sacré*’ e ‘*diable*’²⁰. A voz estridente era de alguém estrangeiro. Não pôde saber com certeza se era a voz de um homem ou de uma mulher. Não conseguiu decifrar o que foi dito, mas acredita tratar-se da língua espanhola. O estado do quarto e dos corpos foi descrito pela testemunha tal qual o fizemos ontem.

Henri Duval, vizinho, e prateiro por ofício, afirma em depoimento que fazia parte do grupo que primeiro entrou na casa. No geral, corrobora o testemunho de Musêt. Assim que forçaram a entrada, fecharam novamente a porta, a fim de manter do lado de fora a aglomeração de pessoas, que se formou muito rapidamente, não obstante o adiantado da hora. A voz estridente, pensou a testemunha ser de alguém italiano. Tem certeza que não era francês. Não consegue assegurar se era voz de homem. Bem poderia ser de uma mulher. A língua italiana não lhe é familiar. Não pôde distinguir as palavras, mas está convencido, pela entonação, de que a pessoa que falava era italiana. Conhecia Madame L. e sua filha. Conversava com ambas frequentemente. Tem certeza que a voz estridente não era de uma das falecidas.

— *Odenheimer, restaurateur*²¹ — Essa testemunha prestou depoimento voluntário. Por não falar francês, foi interrogado com a ajuda de um tradutor. É natural de Amsterdã. Estava passando pela casa na ocasião dos guinchos. Eles perduraram por alguns minutos — dez provavelmente. Eram altos e prolongados — bastante terríveis e angustiantes. Foi um dos que entraram na residência. Corroborou as evidências prévias em todos os aspectos exceto em um deles. Tem certeza que a voz estridente era de um homem — um francês — Não conseguiu distinguir as palavras proferidas. Eram ruidosas e rápidas — irregulares — ditas aparentemente tanto sob efeito de medo quanto de raiva. A voz era repulsiva — não tinha tanta estridência quanto era repulsiva. Não a chamaria de uma voz estridente. A voz rouca dizia repetidamente ‘*sacré*’, ‘*diable*’ e, apenas uma vez, ‘*mon Dieu*’²².

Jules Mignaud, banqueiro, da firma Mignaud et Fils, Rue Deloraine. Trata-se do velho Mignaud. Madame L’Espanaye dispunha de algumas propriedades. Havia aberto uma conta em sua casa bancária na primavera de — (oito anos atrás). Depositava frequentemente pequenas somas. Nada conferira na conta até o terceiro dia que precedeu sua morte, quando sacou pessoalmente

²⁰“Religioso” e “diabo”.

²¹“Dono de restaurante”.

²²“Meu Deus!”.

a soma de 4000 francos. Tal montante foi pago em ouro, levado por um funcionário até sua casa.

Adolphe Le Bon, funcionário da Mignaud et Fils, afirma em depoimento que, no dia em questão, acompanhou Madame L'Españay até seu domicílio com os 4000 francos, guardados em duas bolsas. Uma vez aberta a porta, Mademoiselle L. apareceu e tomou de suas mãos uma das bolsas, enquanto a anciã o aliviou da outra. Ele fez então uma reverência e saiu. Não viu pessoa alguma na rua àquela hora. Trata-se de uma rua obscura, uma viela – bastante deserta.

William Bird, alfaiate, afirma em depoimento que fazia parte do grupo que entrou na casa. Ele é inglês. Vive em Paris há dois anos. Foi um dos primeiros a subir as escadas. Ouviu as vozes que discutiam. A voz rouca era de um homem francês. Pôde decifrar várias palavras, mas não consegue se lembrar de todas elas. Ouviu distintivamente '*sacré*' e '*mon Dieu*'. Naquele momento, havia um som como o de várias pessoas brigando – um som de raspagem, de arraste. A voz estridente era muito alta – mais alta que a rouca. Tem certeza que não era a voz de um inglês. Parecia ser a de um alemão. Poderia ser também a de uma mulher. Ele não entende alemão.

Quatro das testemunhas citadas acima, ao serem chamadas para novo depoimento, afirmaram que a porta da câmara na qual o corpo de Mademoiselle L. foi encontrado estava trancada por dentro quando o grupo ali chegou. Tudo estava em perfeito silêncio – sem gemidos ou ruídos de qualquer espécie. Logo após forçarem a porta, ninguém foi visto. As janelas, tanto as do quarto dos fundos quanto as do quarto da frente, estavam abaixadas e firmemente travadas por dentro. Uma porta entre os dois quartos estava fechada, mas não trancada. A porta que permite a passagem do quarto da frente para o corredor estava trancada por dentro, com a chave na fechadura. Um pequeno quarto à frente da casa, no quarto andar, dando para o início do corredor, estava acessível, com a porta entreaberta. Esse quarto estava apinhado de colchões velhos, caixas e outras coisas do gênero. Tudo isso foi cuidadosamente retirado e examinado. Não houve um centímetro sequer de parte alguma da casa que não tenha sido cuidadosamente examinado. Nas chaminés, foram feitas varreduras de alto a baixo. A casa é daquelas de quatro andares, com sótãos (*mansardes*). Um alçapão no telhado estava selado com pregos – parecia não ter sido aberto havia anos. Sobre o tempo decorrido entre a audição das vozes que discutiam e o arrobamento da porta do quarto, as testemunhas deram depoimentos variados. Algumas disseram que teve duração breve, de

cerca de três minutos – outras, que teve duração prolongada, de cinco. A porta foi aberta com dificuldade.

Alfonzo Garcio, agente funerário, afirma em depoimento que reside na Rue Morgue. É natural da Espanha. Fazia parte do grupo que entrou na casa. Não procedeu à subida das escadas. Angustiado por natureza, ficou apreensivo com as conseqüência daquela agitação. Ouviu as vozes que discutiam. A voz rouca era de um homem francês. Não conseguiu distinguir o que foi dito. A voz estridente era de um inglês – tem certeza disso. Não entende a linha inglesa, mas julgou pela entonação.

Alberto Montani, confeitoiro, afirma em depoimento que foi um dos primeiros a subir as escadas. Ouviu as vozes em questão. A voz rouca era de um homem francês. Distinguiu diversas palavras. Quem falava parecia estar obsecrando. Não conseguiu decifrar as palavras da voz estridente. Elas eram ditas rápida e irregularmente. Acha que a voz é de uma pessoa russa. Corrobora o testemunho geral. Ele é italiano. Nunca conversou com alguém natural da Rússia.

Diversas testemunhas, chamadas para novo depoimento, atestaram, neste ponto, que as chaminés em todos os cômodos do quarto andar são muito estreitas para permitir a passagem de um ser humano. Por ‘varredura’ queremos dizer do uso de vassouras com escovas cilíndricas, como aquelas utilizadas pelos que limpam chaminés. Tais vassouras foram passadas de alto a baixo em cada fumeiro da casa. Nos fundos, não há passagem pela qual alguém pudesse ter descido enquanto o grupo procedia à subida das escadas. O corpo de Mademoiselle L’Espanaye estava tão firmemente comprimido na chaminé que não pôde ser retirado até que quatro ou cinco membros do grupo reuniram forças para puxá-lo.

Paul Dumas, médico, afirma em depoimento que foi chamado para examinar os corpos, por volta do amanhecer. Ambos então repousavam sobre o estrado da cama, na câmara onde Mademoiselle L. havia sido encontrada. O cadáver da moça estava bastante contundido e escoriado. O fato de haver sido empurrado chaminé acima era suficiente para justificar aqueles machucados. O pescoço estava extensamente esfolado. Havia diversos arranhões profundos logo abaixo do queixo, juntamente com uma série de manchas lívidas que indiscutivelmente haviam sido impingidas por dedos. O rosto estava pavorosamente pálido, com os globos oculares protusos. A língua havia sido parcialmente mordida de um lado a outro. Foi constatada uma grande contusão na altura da boca do estômago, produzida, aparentemente, pela pressão de um joelho. Na opinião de M. Dumas, Made-

moiselle L'Espanaye havia sido estrangulada até a morte por alguma pessoa ou pessoas desconhecidas. O cadáver da mãe estava terrivelmente mutilado. Todos os ossos da perna e braço direitos estavam fraturados de alguma forma. A tíbia esquerda encontrava-se bastante fragmentada, bem como todas as costelas do lado esquerdo. O corpo inteiro, horrivelmente contundido e pálido. Não foi possível dizer como as lesões haviam sido infligidas. Um pesado porrete de madeira, ou uma espessa barra de ferro – uma cadeira – qualquer objeto grande, pesado, e obtuso teria produzido aqueles resultados se manejado por um homem muito forte. Mulher alguma conseguiria infligir aqueles golpes por meio de qualquer objeto. A cabeça da falecida, quando vista pela testemunha, estava inteiramente separada do corpo, e também bastante destroçada. O pescoço havia sido evidentemente cortado com algum instrumento muito afiado – provavelmente uma navalha.

Alexandre Etienne, cirurgião, foi chamado junto com M. Dumas para examinar os corpos. Corroborou o testemunho e as opiniões de M. Dumas.

Nada mais de importante foi elucidado, embora várias outras pessoas tenham sido interrogadas. Nunca antes um assassinato tão misterioso e tão estarrecedor em suas particularidades foi cometido em Paris – se realmente um assassinato foi cometido de alguma forma. O trabalho da polícia está completamente ineficaz – algo incomum em casos dessa natureza. De qualquer maneira, não há sequer aparente sombra de pistas.

A edição vespertina do jornal informou que persistia ainda uma enorme agitação no Quartier St. Roch – que as premissas em questão haviam sido novamente estudadas e novos interrogatórios de testemunhas realizados, embora todos sem resultado. Um pós-escrito, no entanto, mencionou que Adolphe Le Bon havia sido detido e preso – embora nada tenha surgido para incriminá-lo além dos fatos já detalhados.

Dupin parecia estar particularmente interessado no andamento desse caso – pelo menos, assim julguei por suas maneiras, por não ter feito nenhum comentário. Somente após o anúncio de que Le Bon havia sido preso, ele me pediu uma opinião a

respeito dos assassinatos.

Eu apenas pude concordar com toda a Paris, considerando-os um mistério insolúvel. Não enxerguei meios pelos quais fosse possível rastrear o assassino.

“Não devemos julgar os meios”, disse Dupin, “a partir da casca, das aparências de um inquérito. A polícia parisiense, tão enaltecida por dispor de *acúmen*, é, na realidade, apenas esperta, e nada mais. Não há método em seus procedimentos além do método momentâneo. Promovem um amplo desfile de mensurações; mas, não raramente, elas estão tão mal adaptadas aos objetivos propostos quanto a justificativa de Monsieur²³ Jourdain para pedir seu *robe-de-chambre – pour mieux entendre la musique*²⁴. Os resultados que alcançam são, não raramente, surpreendentes, mas, em sua maior parte, são obtidos por mera diligência e presteza. Quando tais qualidades são ineficazes, seus esquemas fracassam. Vidocq²⁵, por exemplo, era bom em conjecturas, e um homem perseverante. Porém, sem um pensamento abalizado, ele cometia erros continuamente por conta da própria intensidade de suas investigações. Comprometia a nitidez de seu olhar porque mantinha o objeto muito próximo. Talvez ele conseguisse enxergar um ou dois pontos com incommum clarividência, mas ao fazê-lo, perdia a visão do caso como

²³“Senhor”.

²⁴Monsieur Jourdain é o personagem principal da peça “Bourgeois Gentilhomme” de Molière (1622-1673). No ato I, cena II, ele pede seu robe de chambre *pour mieux entendre la musique* ou “a fim de melhor ouvir a música”.

²⁵Eugène-François Vidocq (1775-1857) foi um criminalista francês, fundador e primeiro diretor da *Sûreté Nationale*: a polícia civil francesa. Ex-criminoso, sua vida inspirou o personagem Jean Valjean do épico “Os Miseráveis”, escrito por Victor Hugo. Fundador da primeira agência de investigação particular que se tem notícia, Vidocq é considerado o pai da criminologia moderna.

um todo. Há, portanto, esta coisa de sermos muito profundos. A verdade nem sempre está em um poço. Na realidade, no que diz respeito aos conhecimentos mais importantes, acredito que ela esteja, invariavelmente, na superfície. A profundidade repousa nos vales, onde procuramos a verdade, e não no topo das montanhas, onde é encontrada. Os modos e as fontes desse tipo de erro ficam bem tipificados na contemplação dos corpos celestes. Relancear uma estrela – vê-la de soslaio, voltando para sua direção a parcela exterior da *retina* (mais suscetível a débeis impressões de luz que o interior), é observar a estrela distintivamente – é apreciar melhor seu brilho – um brilho que se turva à medida que colocamos nossa visão, *por completo*, sobre ela. Um número maior de raios, é verdade, atinge o olho nesse último caso, mas, no primeiro, há uma capacidade mais refinada para a compreensão. Devido à profundidade excessiva, desorientamos e debilitamos o pensamento; e, por um escrutínio muito rígido, muito concentrado, ou muito direto, é até possível fazer com que Vênus desapareça do firmamento.

“Quanto a esses assassinatos, por exemplo, façamos nós mesmos alguns interrogatórios, antes que formemos uma opinião influenciados pela polícia. Uma investigação nos proporcionará divertimento [assim colocado, achei esse termo estranho, mas não disse coisa alguma] e, ademais, Le Bon prestou-me, certa vez, um serviço pelo qual não sou ingrato. Iremos e veremos o local com nossos próprios olhos. Conheço G—, o Chefe de Polícia²⁶, e não haveremos de ter dificuldades para obter a per-

²⁶ Acredita-se que G— oculte o sobrenome do banqueiro, industrial e político francês Henri Joseph Gisquet (1792-1866), chefe da polícia de Paris de 1831 a 1836, famoso pela severidade de suas medidas e por ordenar ações policiais repressoras.

missão necessária.”

A permissão foi obtida, e seguimos de imediato para a Rue Morgue: uma daquelas vias deploráveis que se interpõem entre a Rue Richelieu e a Rue St. Roch. Quando lá chegamos, já era final de tarde, pois esse bairro fica muito distante daquele onde residíamos. A casa foi prontamente encontrada porque ainda haviam diversas pessoas que olhavam fixamente para cima, na direção das venezianas fechadas, com despropositada curiosidade, do lado oposto da rua. Tratava-se de uma usual casa parisiense, com um portão, tendo num de seus lados uma guarita envidraçada com janela de folhas deslizantes, indicando uma *loge de concierge*²⁷. Antes de entrar, caminhamos pela rua, dobramos na descida de um beco, e então, sempre virando, passamos à parte de trás da residência – Dupin, entrementes, examinava toda a vizinhança, e também a casa, com minuciosa atenção, na qual não consegui perceber um possível objetivo.

Retraçando nossos passos, chegamos novamente à parte da frente do domicílio, tocamos a campainha, e, tendo mostrado nossas credenciais, fomos admitidos pelos agentes encarregados. Subimos as escadas, alcançando a câmara onde o corpo de Mademoiselle L’Espanaye havia sido encontrado e onde ambas as falecidas ainda jaziam. A desordem do quarto, como de costume, havia sido mantida à duas penas. Não vi coisa alguma além do que já havia sido noticiado no “Gazette des Tribunaux”. Dupin esmiuçou cada coisa – não excetuando os corpos das vítimas. Fomos então aos outros quartos e também ao jardim; com um *gendarme* nos acompanhando o tempo todo. A investigação nos ocupou até o escurecer, quando partimos. No caminho de

²⁷“Portaria”.

casa, meu companheiro adentrou o escritório de um dos jornais diários, permanecendo ali por um momento.

Falei anteriormente que os caprichos de meu amigo eram diversos, e que *Je les ménageais* – para tal expressão, não há uma equivalente em inglês²⁸. Naquele momento, seu humor impediu qualquer conversa sobre o assunto do assassinato, até por volta do meio-dia seguinte. Ele então perguntou repentinamente se eu havia observado qualquer coisa de peculiar na cena das atrocidades.

Havia algo em seu modo de enfatizar a palavra “peculiar” que me fez estremecer, sem que soubesse por quê.

“Não, nada peculiar”, disse eu, “pelo menos nada além do que já vimos noticiado no jornal.”

“Temo que o ‘Gazette’ ”, ele replicou, “não tenha assimilado o horror incomum do acontecido. Desconsidere, pois, as negligentes opiniões de tal impresso. A mim me parece que esse mistério é considerado insolúvel pela mesma razão que o faria ser visto como de fácil solução – refiro-me ao caráter *excêntrico*²⁹ de seus atributos. A polícia está confusa pela aparente ausência de motivação – não pelo assassinato em si, mas por sua atrocidade. Também está intrigada com a aparente impossibilidade de conciliação das vozes que foram ouvidas discutindo, com o fato de ninguém ter sido descoberto no andar de cima, exceto a assassinada Mademoiselle L’Espanaye, e com o fato de que não havia meios de se escapar sem que o grupo, subindo as escadas,

²⁸O termo “ménageais” é a conjugação, em primeira pessoa, do pretérito imperfeito do verbo “ménager”, que possui o significado, entre outros, de “ceder aos sentimentos”. Assim, no contexto em questão, a frase “Je les ménageais” significa “Eu cedia a eles”.

²⁹No original, o caráter é “outré”: estrangeirismo francês acolhido pelo vocabulário inglês.

notasse. A brutal desordem do quarto; o cadáver empurrado chaminé acima, de cabeça para baixo; a assustadora mutilação do corpo da anciã; todas essas considerações, juntamente com aquelas que já mencionei e com outras que não preciso mencionar, bastaram para paralisar as forças – tornando completamente ineficaz o enaltecido *acúmen* – dos agentes governamentais. Eles incorreram no erro grosseiro, porém frequente, de confundir o incomum com o abstruso. Mas é justamente por meio desses desvios do plano do ordinário que a razão pressente seu caminho – se houver algum – na busca pela verdade. Em investigações tais como a que estamos agora perseguindo, não se deveria perguntar tanto ‘o que aconteceu’, mas ‘o que aconteceu que jamais acontecera antes’. Na verdade, a facilidade com que cheguei, ou que já cheguei, à solução desse mistério é diretamente proporcional à sua suposta insolubilidade aos olhos da polícia.”

Numa silenciosa perplexidade, fitei meu interlocutor.

“Agora, estou aguardando”, continuou ele, olhando para a porta de nosso apartamento – “Agora, estou aguardando uma pessoa que, embora, ao que me parece, não tenha sido o autor de tal carnificina, deve ter tido, em alguma medida, influência na sua perpetração. No que diz respeito à pior parte desses crimes que se cometeram, é provável que ele seja inocente. Espero estar certo dessa suposição; pois sobre ela construí minha expectativa de decifrar todo o enigma. A todo momento, antevejo esse homem aqui, nesta sala. Seria correto cogitar que ele não chegasse, mas a probabilidade maior é de que virá. Caso isso aconteça, será necessário detê-lo. Aqui estão as pistolas; e ambos sabemos como utilizá-las quando a ocasião exige.”

Peguei as pistolas, mal sabendo o que fazia e mal acredi-

tando no que ouvia, enquanto Dupin prosseguia como se estivesse muito mais num solilóquio. Já falei do jeito abstraído de meu amigo em tais momentos. Seu discurso era endereçado a mim; mas sua voz, embora não fosse alta de maneira alguma, tinha aquela entonação que se emprega frequentemente numa conversa com alguém a uma grande distância. Seus olhos, inexpressivos, consideravam apenas as paredes.

“Que as vozes discutindo, ouvidas pelo grupo que subia as escadas”, disse ele, “não eram as vozes das duas mulheres, ficou completamente comprovado pelas evidências. Tal fato nos livra de qualquer dúvida quanto à hipótese da anciã ter aniquilado primeiro a filha e, em seguida, cometido suicídio. Falo desse ponto mormente em prol do método investigativo, pois a força de Madame L’Espanaye era completamente desproporcional à tarefa de empurrar o cadáver da filha chaminé acima, nas condições onde fora encontrado; e também a natureza dos ferimentos em seu próprio corpo afastam inteiramente a ideia de auto destruição. Os assassinatos foram então cometidos por terceiros; e as vozes desses terceiros são aquelas que foram ouvidas discutindo. Permita-me, agora, ressaltar não os testemunhos completos a respeito dessas vozes, mas o que tiveram de peculiar. Você observou algo de peculiar neles?”

Comentei então que, enquanto todas as testemunhas concordaram em supor que a voz rouca era a de um homem francês, houve bastante discordância em relação à voz estridente, ou, como um dos depoentes a chamou, voz repulsiva.

“Essa é a evidência propriamente dita”, disse Dupin, “mas não sua peculiaridade. Você nada conseguiu observar que seja diverso. Há, contudo, algo de diferente a ser observado. As testemunhas, como você comenta, concordaram sobre a voz rouca;

foram unânimes nesse ponto. Mas, quanto à voz estridente, a peculiaridade está não no fato de terem discordado, mas de que um italiano, um inglês, um espanhol, um holandês e um francês tentaram descrevê-la, cada qual dizendo ser voz *de um estrangeiro*. Cada um deles tem certeza que não era a voz de algum compatriota. Assemelham-na não com a voz de alguém natural de alguma nação, cujo idioma lhes seja familiar, mas o contrário. O francês a considera voz de um espanhol, e ‘teria conseguido distinguir algumas palavras *fosse ele afeito à língua espanhola*’. O holandês sustenta que a voz era de um homem francês, mas vimos noticiado que ‘*por não entender francês, essa testemunha foi interrogada com a ajuda de um tradutor*’. O inglês pensa que se trata da voz de um alemão, mas ‘*não entende alemão*’. O espanhol ‘tem certeza’ que a voz é de um inglês porque, de um modo geral, ‘*julga pela entonação*’, ‘*já que não possui conhecimento de inglês*’. O italiano acredita que seja a voz de um russo, mas ‘*nunca conversou com alguém natural da Rússia*’. Além disso, um segundo francês diverge do primeiro, e afirma que a voz era de um italiano; mas, *não sendo conhecedor dessa língua*, tal qual o espanhol, ‘*conveneu-se pela entonação*’. Então, como deve ter sido estranhamente incomum essa voz que *suscitou* testemunhos como esses! – em cujos *tons* nem mesmo cidadãos das cinco grande divisões da Europa conseguiram reconhecer algo familiar! Você dirá que pode ter sido a voz de um asiático – de um africano. Nem asiáticos e nem africanos pululam em Paris; entretanto, sem desconsiderar tal inferência, apenas chamarei sua atenção, agora, para três pontos. A voz é chamada por uma testemunha ‘de repulsiva ao invés de estridente’. É caracterizada por duas outras como tendo sido ‘rápida e *irregular*’. Palavra alguma ou som algum assemelhado

à palavra foram mencionados por qualquer testemunha como distinguíveis.

“Desconheço”, prosseguiu Dupin, “qual é a impressão que eu possa ter causado, até agora, ao seu entendimento; mas não hesito em dizer que deduções legítimas, mesmo advindas dessa parte dos testemunhos – parte que diz respeito às vozes rouca e estridente – são, por si só, suficientes para engendrar uma suspeita que deve direcionar todo o progresso ulterior da investigação desse mistério. Eu disse ‘deduções legítimas’, mas o real sentido dessas palavras não está, por assim dizer, totalmente expresso. Tencionei insinuar que tais deduções são as únicas adequadas e que a suspeita surge inevitavelmente a partir delas, como seu único resultado. Todavia, não revelarei que suspeita é essa por enquanto. Desejo apenas que você tenha em mente o fato de que era consideravelmente forçoso, à mim próprio, dar uma forma definitiva – uma certa tendência – às minhas investigações na câmara.

“Transportemo-nos agora, em pensamento, para essa câmara. O que primeiro devemos procurar aqui? Os meios que os assassinos empregaram para escapar. Não é exagero dizer que nenhum de nós dois acreditamos em eventos sobrenaturais. Madame e Mademoiselle L’Espanaye não foram aniquiladas por espíritos. Os executores da ação são entes materiais, e escaparam por vias materiais. Como fizeram então? Felizmente, há apenas uma maneira de se racionar sobre tal ponto, e essa maneira *precisa* nos conduzir à uma decisão definitiva. Examinemos, um por um, os possíveis meios de fuga. Está claro que os assassinos estavam no quarto onde Mademoiselle L’Espanaye foi encontrada, ou pelo menos no quarto adjacente, quando o grupo subiu as escadas. É apenas nesses dois apartamentos, portanto,

que precisamos procurar respostas. A polícia devassou o chão, o teto, e a alvenaria das paredes, em todas as direções. Nenhum detalhe *oculto* poderia ter escapado à sua vigilância. Mas, não confiando em *seus* olhos, examinei com os meus. *Não* haviam, de fato, detalhes ocultos. Ambas as portas dos quartos que dão acesso ao corredor estavam firmemente trancadas por dentro, com as chaves na fechadura. Voltemo-nos agora para o duto da chaminé. Embora de largura normal até uns dez ou doze pés acima da lareira, esse duto, a partir daí e até o final de sua extensão, não admite sequer o corpo de um gato roliço. Sendo de absoluta impossibilidade a fuga por tais meios, resta-nos então as janelas. Por aquelas do quarto da frente, ninguém conseguiria escapar sem ser notado pela multidão que estava na rua. Os assassinos *devem* ter passado, portanto, pelas janelas do quarto dos fundos. Assim, chegando a tal conclusão pelo raciocínio inequívoco que desenvolvemos, não é nosso papel, como racionadores, descartá-la por conta de impossibilidades evidentes. Cabe à nós provar que essas tais ‘impossibilidades’ evidentes não são, na realidade, tão impossíveis assim.

“Há duas janelas na câmara. Uma delas está desobstruída pelos móveis, e é totalmente visível. A parte mais baixa da outra fica escondida atrás da cabeceira da desajeitada cama, colocada bem próxima à essa janela. A primeira foi encontrada firmemente travada por dentro. Ela resistiu à força extrema empregada pelos que tentaram levantá-la. Um largo furo de verruma, direcionado para à esquerda, havia sido feito em seu caixilho e um prego bastante robusto foi encontrado ali encravado, até à altura da cabeça. Ao se examinar a outra janela, um prego similar foi observado, encravado da mesma forma; além disso, uma vigorosa tentativa para levantar sua folha deslizante

também falhou³⁰. Naquele momento, a polícia ficou completamente convencida de que a fuga não ocorrera por essas vias. E, *portanto*, pensou-se ser um ato de supererrogação a remoção dos pregos para se abrir as janelas.

“Minha investigação particular foi, de certa forma, mais específica, e assim ocorreu pelo motivo que acabei de dizer: porque nesse caso – eu já sabia – é *preciso* provar que todas as impossibilidades evidentes não fazem parte da realidade.

“Prosegui pensando deste modo: *a posteriori*³¹. Os assassinos *de fato* escaparam por uma dessas janelas. Assim sendo, eles não poderiam ter travado novamente as folhas deslizantes por dentro, como elas foram encontradas; consideração que pôs fim, devido à sua obviedade, ao escrutínio da polícia nesse aposento. Contudo, as folhas deslizantes *foram* travadas. Elas *devem*, portanto, ter a capacidade de auto travamento. Não houve como fugir de tal conclusão³². Andei até o batente desobstruído, removi o prego com certa dificuldade, e tentei levantar a folha. Ela resistiu a todos os meus esforços, como eu já previra. Deve haver – eu soube naquele instante – uma mola oculta; e a corroboração dessa ideia convenceu-me que minhas premissas estavam, ao menos, corretas, por mais misteriosas que ainda fossem as circunstâncias envolvendo os pregos. Uma procura cuidadosa logo desvelou a mola escondida. Pressionei-a e, satisfeito com a descoberta, absteve-me de erguer a folha deslizante.

³⁰O autor descreve janelas do tipo guilhotina, com folhas duplas, onde uma é fixa e a outra desliza verticalmente.

³¹Conhecimento ou justificação dependente de experiência ou evidência empírica. No original, o autor escreveu “à posteriori”.

³²Dupin inicia aqui a alternância de dois estilos narrativos distintos: ao falar da cronologia dos eventos, ele é um mero observador de si mesmo; quando revela sua linha de raciocínio, está “transportado” para o momento e o local de sua investigação.

“Naquele momento, recoloquei o prego e me atentei bastante a ele. Um indivíduo, passando por esta janela, deve tê-la fechado novamente, e assim ela foi travada pela mola – entretanto, o prego não poderia ter sido recolocado. A conclusão era elementar, e novamente reduziu o campo das minhas investigações. Os assassinos *devem* ter escapado utilizando a outra janela. Supondo, então, serem iguais as molas sobre cada uma das folhas deslizantes, como era o provável, *deve* haver alguma diferença entre os pregos ou, pelo menos, entre as formas como foram fixados. Colocando-me sobre o estrado da cama, examinei minuciosamente o segundo batente, atrás da cabeceira. Ali, deslizando a mão, facilmente eu descobri e pressionei a mola, que tinha, como já suspeitara, características idênticas à sua vizinha. Naquele momento, examinei o prego. Era tão robusto quanto o outro e, aparentemente, fora colocado da mesma forma – cravado até quase à altura da cabeça.

“Você vai dizer que eu estava confuso; e se realmente pensa assim, deve ter se equivocado quanto à natureza das inferências. Usando uma terminologia esportiva, eu não havia ‘cometido falta’ uma única vez sequer. O faro não havia sido perdido nem mesmo por um instante. Não havia defeito em elo algum da corrente. Eu havia delineado todo o segredo até seu último resultado – e tal resultado era *o prego*. Ele tinha, diria eu, em todos os aspectos, a mesma aparência do seu correspondente na outra janela; mas esse fato era absolutamente desprezível (conclusivo, como parecia ser) diante da constatação de que ali, naquele momento, a ponta do novelo tinha sido encontrada. ‘*Deve* haver algo de errado’, disse eu, ‘com o prego’. Toquei-o; e sua cabeça, com cerca de um quarto de polegada do seu corpo, desprendeuse em meus dedos. O restante do corpo ficou no furo de verruma,

onde fora partido. A fratura era antiga (seus bordos estavam incrustados com ferrugem), e havia sido provocada por um golpe de martelo; golpe esse que embutiu, no topo da folha inferior, a parte superior do prego que incluía a cabeça. Naquele instante, eu cuidadosamente recoloquei essa parte no entalhe, de onde a havia retirado, e a semelhança com um prego íntegro foi perfeita – a fissura ficou invisível. Pressionando a mola, eu delicadamente levantei a folha deslizante algumas polegadas; e a cabeça veio junto com ela, permanecendo firme em seu apoio. Fechei a janela e o prego, como um todo, adquiriu novamente aparência de íntegro.

“O que se encontrava cifrado até aquele momento, foi decifrado. O assassino havia escapado pela porção da janela que era vista apenas por quem estivesse sobre a cama. Caindo por si só imediatamente após a fuga (ou fechada propositalmente), a janela foi travada pela mola; e foi justamente a retenção dessa mola que confundiu a polícia quanto ao prego – por causa disso, investigações ulteriores foram consideradas desnecessárias.

“A próxima pergunta refere-se à forma empregada para o acesso ao quarto. Sobre esse ponto, fiquei satisfeito após nossa caminhada em torno da residência. À cerca de cinco pés e meio do batente em questão, corre um para-raios. Dele, seria impossível alguém alcançar a janela propriamente dita, sem falar em conseguir entrar por ela. Observei, entretanto, que as venezianas do quarto andar são de um tipo peculiar, chamado pelos carpinteiros parisienses *ferrades* – um tipo raramente utilizado hoje em dia, mas visto frequentemente em antigas mansões de Lyons e Bourdeaux. Elas têm o formato de uma porta comum (peça única, não articulada), exceto por sua metade superior, que é entrelaçada, ou gradeada com treliças abertas – propor-

cionando, assim, um excelente apoio para as mãos. No caso em questão, tais venezianas possuem largura total de três pés e meio. Quando as vimos da parte de trás da casa, ambas estavam abertas até quase pela metade – isso significa dizer que elas se encontravam descerradas formando ângulos retos com a parede. É provável que os policiais, assim como eu, tenham examinado a parte posterior da habitação; e se assim procederam, quando olharam as *ferrades* na linha de sua largura (algo que devem ter feito), não notaram a grande extensão dessa largura, ou então, no conjunto de todos os eventos, não levaram tal extensão em consideração. Na verdade, uma vez satisfeitos com a constatação de que fuga alguma poderia ter corrido nesse aposento, eles incorreram naturalmente numa investigação bastante precipitada. Todavia, para mim ficou claro que a veneziana da janela à cabeceira da cama, se basculada completamente até tocar a parede, distaria não mais que dois pés do para-raios. Também ficou evidente que, empregado um nível incomum de esforço e coragem, uma invasão por essa janela, a partir do para-raios, pode ter sido realizada. Esticando-se a uma distância de dois pés e meio (supomos agora a veneziana completamente aberta), um assaltante pode ter se agarrado firmemente na parte treliçada. Então, desprendendo-se do para-raios, apoiando cuidadosamente seus pés contra a parede, e saltando audaciosamente sobre ela, ele pode ter basculado a veneziana de tal modo a fechá-la, e, se imaginarmos a janela aberta nesse momento, pode até mesmo ter balançado seu corpo para dentro do quarto.

“Quero que você leve especialmente em conta que falei de um nível *bastante* incomum de esforço como requisito para o sucesso desse feito tão arriscado e difícil. Tenciono mostrar a você, primeiramente, que essa ação pode ter sido de fato rea-

lizada; em segundo lugar e *principalmente*, desejo impingir em seu entendimento o caráter *bastante extraordinário* – quase sobrenatural – da agilidade que pode ter conseguido realizar tal proeza.

“Sem dúvida, você vai dizer, utilizando o linguajar da lei, que a fim de ‘elucidar o meu caso’, eu deveria, ao invés de insistir numa completa apreciação de todo o esforço requerido no evento, dar menos valor à tal questão. Pode ser que essa seja a prática no âmbito da lei, mas ela não dispõe da razão. Meu objetivo último é apenas a verdade. Meu propósito imediato é levá-lo a justapor o esforço bastante incomum, do qual acabei de lhe falar, com aquela voz estridente (ou repulsiva) e irregular, de caráter tão peculiar, a qual não se conseguiu ao menos duas pessoas que concordassem sobre sua nacionalidade e em cuja entonação não se detectou silabação.”

À essas palavras, um conceito vago e inacabado do que Dupin queria dizer acorreu-me à cabeça. Eu parecia estar à beira da compreensão, sem forças para alcançá-la – do mesmo modo que, vez por outra, nos encontramos na iminência da lembrança, sem conseguirmos, por fim, lembrar. Meu amigo prosseguiu com seu discurso.

“Você vai perceber”, disse ele, “que desloquei a pergunta sobre o meio de fuga para o de acesso. Tencionei sugerir a ideia de que ambos se deram da mesma maneira, no mesmo lugar. Voltemo-nos agora para o interior do quarto. Aqui, inspecionemos as aparências. Foi dito que as gavetas do birô haviam sido saqueadas, embora ainda restassem diversos itens de vestuário dentro delas. Tal conclusão é absurda. Trata-se de uma mera bagunça – bastante ingênua – e nada mais. Como podemos saber se os itens encontrados nas gavetas não eram todos aque-

les que originalmente elas já guardavam? Madame L'Espanaye e sua filha levavam uma vida extremamente reservada; não tinham companhia; raramente saíam; necessitavam muito pouco ter numerosas opções de vestimenta. As roupas encontradas eram, no mínimo, de qualidade tão boa quanto quaisquer outras que eventualmente essas mulheres pudessem ter. Se um ladrão houvesse levado alguma delas, por que não levou a melhor? Por que não levou todas? Em uma palavra, por que abandonou quatro mil francos em ouro limitando-se a levar uma trouxa de roupas? O ouro *foi* abandonado. Quase toda a soma mencionada por Monsieur Mignaud, o banqueiro, foi descoberta, em bolsas, sobre o chão. Assim, quero que você descarte de seus pensamentos a ideia disparatada dos policiais para a *motivação* dos assassinatos, engendrada em suas mentes pela parcela das evidências referente à 'dinheiro entregue à porta de casa'. Coincidências dez vezes mais incríveis do que essa (a entrega de dinheiro e assassinato cometido três dias após a vítima tê-lo recebido) acontecem com todos nós, a cada hora de nossas vidas, sem que atraíam atenção sequer momentânea. Coincidências são, em geral, grandes pedras de tropeço no caminho deste grupo de pensadores que foram educados nada conhecerem a respeito da teoria das probabilidades – teoria à qual os mais gloriosos resultados da pesquisa humana devem os mais gloriosos esclarecimentos. No caso em questão, tivesse o ouro desaparecido, o evento da sua entrega três dias antes teria constituído algo mais que uma simples coincidência. Seria fato corroborante daquela ideia da motivação. Mas, sob as reais circunstâncias do caso, se é para supor que o ouro seja a motivação de todo esse ultraje, devemos considerar também que o autor é um idiota tão vacilante que foi capaz de abandonar juntos seu ouro e sua

motivação.

“Assim, fixando em mente os pontos para os quais chamei sua atenção – a voz peculiar, a agilidade incomum e a surpreendente ausência de motivação num assassinato tão atroz como esse – relanceemos a carnificina propriamente dita. Temos uma mulher estrangulada até a morte por meio de esforço empreendido com as mãos, empurrada chaminé acima, de cabeça para baixo. Assassinos comuns não empregam tais meios de ação. Menos ainda, dispõem eles de quem assassinaram. Pela forma que o cadáver foi empurrado chaminé acima, você tem que admitir que há algo de *excessivamente excêntrico* – algo no todo irreconciliável com nossa noção usual de conduta humana, mesmo supondo seus atores os mais degenerados dos seres humanos. Pense, também, em como deve ter sido enorme a força que conseguiu empurrar o corpo *para cima* numa abertura estreita, sendo de tal forma contundente que quase não foi suficiente o esforço conjunto das diversas pessoas que puxaram o corpo *para baixo*.

“Volte-se, agora, para outros indícios de emprego de um esforço ainda mais admirável. Defronte à lareira, haviam mechas espessas – muito espessas – de cabelo humano da cor cinza. Elas haviam sido arrancadas pelas raízes. Você deve fazer ideia do enorme vigor necessário para se arrancar da cabeça, conjuntamente, vinte ou trinta fios de cabelo que seja. Assim como eu, você viu os cachos de cabelo em questão. Suas raízes (uma visão hedionda!) e fragmentos da carne do escalpo estavam coagulados – sinal incontestável da força prodigiosa que havia sido exercida para desenraizar talvez meio milhão de fios de cabelo de uma só vez³³. O pescoço da anciã não estava apenas

³³O couro cabeludo de um ser humano adulto possui, em média, de noventa mil a cento e cinquenta mil fios de cabelo.

cortado; sua cabeça encontrava-se completamente separada do corpo: o instrumento utilizado foi uma mera lâmina. Quero que você observe também a *brutal* ferocidade desses atos. Sobre as contusões no corpo de Madame L’Espanaye, eu não me manifesto. Monsieur Dumas e seu valoroso assistente Monsieur Etienne declararam que tais contusões foram infligidas por algum instrumento obtuso; e até agora esses senhores estão certos. Está claro que esse instrumento obtuso foi o calçamento de pedra do jardim, o qual a vítima havia atingido após cair daquela porção da janela que era vista por quem estivesse sobre a cama. Tal ideia, por mais simples que possa parecer agora, escapou à polícia pela mesma razão que também escapou à ela a extensa largura das venezianas – porque, pela disposição dos pregos, sua percepção ficou hermeticamente vedada à qualquer possibilidade de que as janelas houvessem sido abertas.

“Assim, se você, além de todas essas coisas, houver refletido adequadamente sobre a estranha desordem da câmara, já teremos ido longe o suficiente para conseguir combinar as ideias da espantosa agilidade, da força sobre-humana, da brutal ferocidade, da carnificina sem motivação, do horrível *grotesco*³⁴ absolutamente alheio ao humano, e da voz que tinha sotaque estrangeiro a ouvidos de homens de diversas nações, desprovida de qualquer silabação distinta ou inteligível. O que sucedeu afinal? Qual impressão causei em sua imaginação?”

No momento em que Dupin me fez a pergunta, senti um formigamento no corpo. “Um louco”, disse eu, “cometeu esse ato – algum louco desvairado, fugitivo de uma *Maison de Santé*³⁵

³⁴No original, “grotesquerie”: estrangeirismo francês acolhido pelo vocabulário inglês.

³⁵“Casa de repouso”.

vizinha.”

“Sob alguns aspectos”, ele replicou, “sua ideia não é irrelevante. Mas as vozes de loucos, mesmo em seus mais ferozes paroxismos, não correspondem de forma alguma àquela voz peculiar, que foi ouvida nas escadas. Loucos têm alguma nacionalidade, e seu linguajar, por mais incoerente que suas palavras possam ser, sempre possuem a coerência da silabação. Ademais, o cabelo de um louco não se parece com o que seguro aqui em minha mão. Desembarcei este pequeno tufo, preso nos dedos da mão rigidamente fechada de Madame L’Espanaye. Diga-me o que consegue obter dele.”

“Dupin,”, disse eu, completamente alarmado; “esse cabelo é dos mais incomuns – não é cabelo *humano*.”

“Eu não afirmei que seja”, disse ele; “mas, antes de decidirmos sobre esse ponto, quero que você dê uma olhada num pequeno esboço que tracei aqui nesse papel. Trata-se de um desenho *fac-simile* do que foi descrito numa parte dos testemunhos como ‘contusões escuras e marcas profundas de unhas’ no pescoço de Mademoiselle L’Espanaye, e em outra, (pelos Messrs. Dumas e Etienne) como uma ‘série de manchas lívidas que indiscutivelmente haviam sido impingidas por dedos’.

“Você vai perceber”, continuou meu amigo, desdobrando o papel sobre a mesa diante nós, “que este desenho dá a ideia de que o pescoço foi seguro forte e fixamente. Não há *deslizamento* aparente. Cada um dos dedos manteve – provavelmente até a morte da vítima – o terrível aperto pelo qual já haviam, inicialmente, se incrustado na pele. Agora, experimente colocar todos os seus dedos, ao mesmo tempo, nas impressões respectivas que você está vendo.”

Experimentei em vão.

“Talvez não estejamos dando à essa questão um justo julgamento”, disse ele. “O papel está desdobrado sobre uma superfície plana; mas o pescoço humano é cilíndrico. Eis aqui um rolo de madeira, cuja circunferência é aproximadamente a mesma do pescoço. Envolve nele o desenho e faça uma nova tentativa.”

Assim o fiz; mas a dificuldade foi ainda mais evidente do que antes. “Isso”, eu disse, “não é marca de mão humana alguma.”

“Leia agora”, replicou Dupin, “esse fragmento de um texto de Cuvier³⁶.”

Tratava-se de um relato com minúcias anatômicas e descrições gerais sobre um enorme orangotango fulvo, encontrado nas Ilhas das Índias Orientais³⁷. A estatura gigantesca, a força e agilidade prodigiosas, a ferocidade selvagem, e as tendências imitativas desses mamíferos são suficientemente conhecidas de todos. Compreendi, de imediato, o completo horror do assassinato.

“A descrição dos dedos”, disse eu, ao terminar a leitura, “está perfeitamente de acordo com esse desenho. Vejo que animal algum, apenas um orangotango, da espécie aqui mencionada, poderia ter impingido as marcas que você traçou. O tufo

³⁶Jean Léopold Nicolas Frédéric Cuvier (1769-1832), conhecido também como Georges Cuvier, foi um naturalista e zoólogo francês, cujos trabalhos sobre fósseis de animais lançaram as bases da Anatomia Comparada e da Paleontologia. Dentre outros setenta e dois proeminentes cientistas franceses, seu nome está gravado na face noroeste da Torre Eiffel.

³⁷Orangotangos são primatas hominídeos do gênero *pongo* que se dividem em duas espécies: orangotango-de-bornéu e orangotango-de-sumatra. Ambos são similares no tamanho – um macho adulto pode atingir 1,75m de comprimento e 2m de envergadura nos braços –, mas os primeiros são mais pesados. De origem asiática, esses dóceis e solitários macacos são encontrados na Indonésia e na Malásia, ilhas que fazem parte do que se denomina atualmente Arquipélago Malaio, outrora conhecido como Ilhas das Índias Orientais.

de cabelo ocre guarda, também, características idênticas ao da fera descrita por Cuvier. Mas ainda não consigo compreender os detalhes desse mistério assustador. Ademais, foram ouvidas *duas* vozes que discutiam, e uma delas era inquestionavelmente a de um homem francês.”

“É verdade; e você vai se lembrar de uma expressão atribuída à essa voz, de maneira quase unânime, pelas testemunhas: a expressão ‘*Mon Dieu!*’. Naquelas circunstâncias, ela foi corretamente caracterizada por uma das testemunhas (Montani, o confeitiro) como uma expressão de reprimenda ou de admoestação. Assim, sobre essas duas palavras, construí minhas expectativas para a completa solução do problema. Um homem francês presenciou o assassinato. É possível – na verdade, é muito mais do que provável – que ele seja inocente de qualquer participação nos atos sangrentos que ocorreram. O orangotango pode ter escapado de seus domínios. Ele pode ter perseguido o animal até a câmara; mas, devido às agitadas circunstâncias que se sucederam, não conseguiu mais recapturá-lo. O animal ainda está à solta. Não prosseguirei com tais afirmações conjecturais – não é correto que eu as considere algo além disto: conjecturas – uma vez que os contornos da análise sobre a qual estão fundamentadas não estão suficientemente delineados para serem apreciados por meu próprio intelecto, e também porque eu não conseguiria simular a tentativa de tornar tais afirmações inteligíveis à compreensão dos outros. Nós as consideraremos, então, conjecturas e nos referiremos a elas como tal. Se o francês em questão é de fato, como suponho, inocente dessa atrocidade, este anúncio que deixei ontem à noite no escritório do ‘*Le Monde*’³⁸ (um jornal dedicado a assuntos navais, bastante procurado por ma-

³⁸Não se trata do jornal homônimo francês fundado em 1944.

rinheiros), quando retornávamos para casa, o trará até o nosso domicílio.”

Ele me entregou um papel onde li o seguinte:

CAPTURADO – No Bois de Boulogne, no início da madrugada do — deste mês³⁹ (a madrugada do assassinato), um orangotango de tom ocre, muito grande, da espécie “orangotango-de-bornéu”. O dono (constatou-se ser um marinheiro, pertencente a uma embarcação maltesa) pode reaver o animal mediante identificação satisfatória do mesmo e pagamento de uns poucos encargos referentes à sua captura e guarda. Comparecer ao Número —, Rue —, Faubourg St. Germain – au troisième⁴⁰.

“Como foi possível”, eu perguntei, “você ficar sabendo que o homem é um marinheiro, pertencente a uma embarcação maltesa?”

“Na verdade, eu não sei.”, disse Dupin. “Não tenho certeza disso. Entretanto, aqui está um pequeno pedaço de fita que, por sua forma e por seu aspecto oleoso, foi evidentemente utilizado para prender o cabelo numa daquelas longas tranças que os marinheiros tanto gostam. Ademais, esse nó é daqueles que poucos, além dos marinheiros, conseguem dar, sendo peculiar aos malteses. Apanhei essa fita no pé do para-raios. Não poderia ter pertencido a alguma das falecidas. Se, ao final, minha inferência, feita a partir dessa fita, estiver errada, a inferência que o francês é marinheiro de uma embarcação maltesa, ainda assim não causarei mal algum em ter colocado num anúncio o que escrevi no papel. Se eu estiver errado, ele vai apenas supor que fui enganado por alguma circunstância a qual não se dará ao trabalho de investigar. Mas se eu estiver certo, um grande ponto será alcançado. Presente no assassinato, embora inocente

³⁹No original “inst.”, abreviatura de “instante mense”.

⁴⁰Significa “no terceiro andar”. No conto “A Carta Surripiada”, Poe revela o endereço completo: Número 33, Rue Dunôt, Faubourg St. Germain.

dele, o francês, naturalmente, hesitará em atender ao anúncio, em requerer o orangotango. Ele então vai raciocinar: ‘Sou inocente; sou pobre; o orangotango me é de grande valia – para alguém na minha situação, vale uma fortuna. Deveria eu perdê-lo por conta de inúteis receios do perigo? Ele está aqui, ao meu alcance. Foi encontrado no Bois de Boulogne – à uma enorme distância da cena daquela carnificina. Como poderão alguma vez suspeitar que uma fera selvagem cometeu aqueles atos? O trabalho da polícia foi ineficaz – fracassaram em obter a mais ínfima das pistas. Mesmo que conseguissem seguir o rastro do animal, seria impossível provar que presenciei o assassinato ou conferir à mim culpa, por conta dessa presença. Sou, acima de tudo, conhecido. O anunciante se refere a mim como o possuidor da fera. Não tenho certeza sobre os limites que esse seu conhecimento possa ter alcançado. Se eu não reivindicar uma propriedade de tão elevado valor, da qual já se sabe que sou o dono, tornarei o animal, no mínimo, passível de suspeita. Não é minha política querer atrair atenção para mim ou para a fera. Atenderei ao anúncio, pegarei o orangotango, e o mantereirei por perto até que todo esse assunto tenha se dissipado.’ ”

Nesse momento, ouvimos passos nas escadas.

“Fique preparado”, disse Dupin, “com suas pistolas, mas não as utilize e nem as mostre até que eu faça um sinal.”

A porta da frente da casa havia sido deixada aberta, e o visitante havia entrado, sem tocar a campainha, subindo vários degraus da escadaria. Entretanto, num dado momento, ele pareceu hesitante. Logo depois, nós o ouvimos descendo. Dupin já estava se dirigindo rapidamente para a porta quando, novamente, o ouvimos subindo. Ele não recuou uma segunda vez, subiu decidido e bateu à porta de nossa câmara.

“Entre!”, disse Dupin num tom alegre e caloroso.

Um homem entrou. Tratava-se evidentemente de um marinheiro – sujeito alto, corpulento e musculoso, com uma certa expressão temerária no semblante, não de todo desinteressante. Tinha o rosto bastante queimado de sol, com mais da metade escondido por suíças e um volumoso bigode. Tinha com ele um enorme porrete feito de carvalho, mas, fora isso, parecia estar desarmado. Reverenciou-nos desajeitadamente e nos disse “boa tarde” num francês que, embora lembrasse um pouco o sotaque de Neuchâtel⁴¹, indicava, suficientemente, ser de origem parisiense.

“Sente-se meu amigo.”, disse Dupin, “Suponho que veio atender ao anúncio sobre o orangotango. Devo confessar que eu quase o invejo por ser o dono dele; um animal incrivelmente belo e, sem dúvida, de muito valor. Qual idade você imagina que ele tenha?”

O marinheiro deu um longo suspiro, com ar de quem se aliviava de algum peso intolerável, e em seguida replicou, num tom seguro:

“Não tenho como dizer – mas ele não deve ter mais de quatro ou cinco anos. Você está com ele aqui?”

“Oh não! Não dispomos de espaço adequado para mantê-lo aqui. Ele está numa cocheira de aluguel na Rue Dubourg, aqui nas imediações. Você pode ir pegá-lo pela manhã. É claro que você está preparado para identificar a propriedade?!”

“Com certeza estou, meu senhor.”

“Lamentarei entregá-lo.”, disse Dupin.

⁴¹Trata-se de um cantão (estado) da Suíça, localizado na região fronteira à França, cujo idioma oficial é o francês.

“Senhor, não é minha intenção fazê-lo crer que teve todo esse trabalho por nada.”, disse o homem. “Jamais imaginaria isso. Estou disposto a pagar uma recompensa pelo achado do animal – isto é, pagar qualquer coisa que seja razoável.”

“Bem,” replicou meu amigo, “tudo isso é muito justo, com certeza. Deixe-me pensar! – O que devo eu pedir? Ah! Vou lhe dizer. Minha recompensa será esta: você vai me passar toda a informação em seu poder a respeito desses assassinatos na Rue Morgue.”

Dupin pronunciou as últimas palavras muito tranquilamente, num tom de voz bem baixo. Também tranquilamente, ele caminhou em direção à porta, trancou-a, colocando a chave no bolso. Em seguida, sacou a pistola de seu peitilho e a depositou, sem a mínima afobação, sobre a mesa.

O marinheiro enrubesceu como se estivesse lutando contra a asfixia. Sobressaltaram-lhe os pés e ele agarrou seu porrete; mas, no momento seguinte, recostou-se em sua cadeira, tremendo violentamente, exibindo um semblante de morte. Não emitiu uma só palavra. Compadeci-me dele, do fundo do meu coração.

“Meu amigo,” disse Dupin num tom afável, “você está se apavorando desnecessariamente – deveras desnecessariamente. Não tencionamos lhe causar mal algum. Dou-lhe como garantia de que não pretendemos prejudicá-lo minha honra de cavalheiro e de homem francês. Sei perfeitamente bem que é inocente das atrocidades na Rue Morgue. Todavia, isso não será motivo para contestar que você, em alguma medida, está envolvido nos assassinatos. A partir do que falei, você já deve ter notado que dispus de meios para me informar sobre esse caso – meios que você jamais poderia ter imaginado. Nesse contexto, a situação

que se apresenta é a seguinte: nada que pudesse ter sido evitado você fez – algo que, certamente, não o torna culpável. Também não foi culpado por roubo, embora pudesse ter roubado impunemente. Você nada tem a esconder; não tem motivo para isso. Por outro lado, está obrigado, por todos os princípios da honra, a confessar tudo o que sabe. Neste exato momento, um homem inocente está preso, acusado de um crime cujo autor você pode apontar.”

O marinheiro havia recuperado sua presença de espírito, em grande medida, enquanto Dupin proferia essas palavras; embora sua petulância inicial houvesse desaparecido.

“Que Deus me ajude.”, disse ele, após um breve silêncio, “Eu vou lhe contar tudo o que sei a respeito desse caso; muito embora não espero que você acredite na metade do que direi – eu seria realmente um tolo se o fizesse. Ainda assim, *sou* inocente, e partirei com a alma limpa se morrer por causa disso.”

Segue, na sua essência, o que foi exposto. Ele havia feito uma viagem recente ao Arquipélago Indiano. Um grupo, do qual fazia parte, desembarcou em Bornéu, avançando pelo interior da ilha, numa excursão de lazer. Ele e um companheiro haviam capturado um orangotango. Com a morte desse companheiro, ficou com a posse exclusiva do animal. Após enormes dificuldades, ocasionadas pela ferocidade intratável do cativo durante a viagem de volta para casa, ele conseguiu, após um longo tempo, alojá-lo em local seguro, no seu próprio domicílio em Paris, onde, a fim de não atrair para si a desagradável curiosidade dos vizinhos, manteve-o cuidadosamente recluso, até o momento que o animal se recuperasse de um ferimento no pé, causado por uma lasca de madeira do navio. Seu último intento era vendê-lo.

Retornando a casa de uma noitada entre marinheiros, ou melhor, na madrugada do assassinato, ele encontrou a fera ocupando seu quarto de dormir, cômodo que havia invadido a partir de um pequeno gabinete adjacente, onde era suposto que estivesse seguramente confinada. Com uma navalha na mão, e inteiramente ensaboado, o animal estava sentado diante de um espelho, na tentativa de se barbear; ato ao qual, sem dúvida alguma, assistira seu mestre realizar, pelo buraco da fechadura do gabinete. Aterrorizado pela visão de um arma tão perigosa nas mãos de um animal tão feroz, e tão capaz de utilizá-la, o homem, durante algum tempo, ficou completamente perdido em relação ao que fazer. Ele havia se acostumado, entretanto, a acalmar a criatura, mesmo em seus ânimos mais agressivos, pelo uso de um chicote, ao qual, naquele momento, ele recorreu. Vendo o chicote, o orangotango saltou de imediato, atravessando a porta da câmara, escadas abaixo e, por uma janela desgraçadamente deixada aberta, ganhou a rua.

O francês o perseguiu desesperado. O macaco, com a navalha na mão, parava ocasionalmente olhando para trás e gesticulando para o seu perseguidor, até que esse último quase o alcançasse. Em seguida, o animal fugia novamente. A perseguição prosseguiu dessa forma por um bom tempo. Como eram aproximadamente três horas da madrugada, as ruas estavam absolutamente tranquilas. Descendo uma travessa que fica atrás da Rue Morgue, chamou a atenção do fugitivo uma luz que brilhava pela janela aberta da câmara de Madame L'Esplanaye, no quarto andar de sua casa. Correndo em direção a residência, ele percebeu o para-raios, escalou-o com inconcebível agilidade, agarrou-se à veneziana, que estava completamente recostada contra a parede, e, por seus próprios meios, balançou o corpo atirando-se

diretamente para a cabeceira da cama. Toda essa façanha não atingiu um minuto. Ao entrar no quarto, o orangotango chutou a veneziana para fora, abrindo-a novamente.

O marinheiro, entretantes, ficou satisfeito e perplexo ao mesmo tempo. Naquele momento, ele foi tomado por uma grande expectativa de recapturar o brutamontes, uma vez que seria muito difícil que o animal conseguisse escapar da situação complicada na qual se aventurara, a não ser pelo para-raios, onde, ainda assim, poderia ser interceptado ao descer. Por outro lado, causou-lhe uma enorme ansiedade cogitar o que a fera poderia fazer dentro da casa. Essa última reflexão instou ao homem que continuasse perseguindo o fugitivo. Um para-raios pode ser escalado sem dificuldade, especialmente por um marinheiro; mas, quando ele atingiu a altura da janela, localizada bem distante à sua esquerda, não pôde prosseguir; o máximo que conseguiu foi esticar-se de tal forma a obter uma visão rápida do interior do quarto. Por ter ficado excessivamente horrorizado nesse relance, ele quase caiu de onde se segurava. Foi nesse momento que emergiram na noite aqueles guinchos hediondos, sobressaltando o sono dos habitantes da Rue Morgue. Madame L'Españay e sua filha, em suas roupas de dormir, aparentemente estiveram ocupadas organizando alguns papéis no cofre de ferro já mencionado, que fora transportado para o centro do quarto. O cofre estava aberto e seu conteúdo colocado ao lado, sobre o chão. As vítimas deviam estar sentadas com suas costas voltadas para a janela; e, por conta do tempo decorrido entre a invasão da fera e os gritos, o animal, provavelmente, não foi percebido de imediato. A batida da veneziana teria sido naturalmente atribuída ao vento.

Quando o marinheiro olhou para dentro do quarto, o gigan-

tesco animal já havia agarrado Madame L'Espanaye pelos cabelos (que estavam soltos porque ela os havia penteado) e brandia a navalha perto do rosto da anciã, imitando os movimento de um barbeiro. A filha jazia prostrada e imóvel; ela havia desmaiado. A luta e os gritos da anciã (durante a qual cabelos lhe foram arrancados da cabeça) tiveram o efeito de transformar os prováveis intentos pacíficos do orangotango em intentos de cólera. Com um golpe preciso de seu braço musculoso, ele quase separou do corpo da vítima a cabeça. A visão do sangue inflamou sua fúria, que atingiu o frenesi. Rangendo os dentes e com os olhos flamejantes, precipitou-se sobre o corpo da menina, e incrustou-lhe no pescoço as garras assustadoras, mantendo-o apertado até sua morte. Com olhar vago e selvagem, ele observava agora a cabeceira da cama, acima da qual conseguiu discernir seu mestre, que estava petrificado de horror. A fúria do animal, que sem dúvida ainda guardava em suas lembranças o temido chicote, foi instantaneamente convertida em medo. Ciente de que era merecedor de punição, parecendo-lhe conveniente ocultar seus feitos sangrentos, ele começou a saltar pela câmara, na agonia de uma agitação nervosa, derrubando e quebrando a mobília enquanto se movia; também arrastando o colchão, retirado da cama. Para arrematar, ele primeiro agarrou o cadáver da filha e o empurrou chaminé acima, onde foi encontrado; em seguida, pegou o da anciã, arremessando-o imediatamente pela janela de ponta-cabeça.

Quando o macaco ainda se aproximava do batente da janela carregando aquele fardo mutilado, o marinheiro, horrorizado, encolheu-se contra o para-raios, e, escorregando-se por ele ao invés de descê-lo cuidadosamente, correu de imediato para casa, receando as consequências da carnificina; e também abando-

nando, de bom grado, por conta de seu pavor, toda a solicitude em relação ao destino do orangotango. As palavras ouvidas pelo grupo à escadaria eram exclamações de horror e medo emitidas pelo francês, mescladas com os grunhidos demoníacos do brutamontes.

Tenho agora muito pouco a acrescentar. O orangotango deve ter escapado da câmara, pelo para-raios, momentos antes do arrombamento da porta. Deve ter fechado a janela ao passar por ela. Num momento posterior, ele acabou sendo capturado pelo próprio dono, que auferiu uma enorme soma ao vendê-lo no *Jardin des Plantes*⁴². Le Bon foi rapidamente posto em liberdade por conta de nossa narrativa sobre as circunstâncias do caso (com alguns comentários de Dupin) no *bureau*⁴³ do Chefe de Polícia. Esse funcionário público, embora bastante disposto ao ouvir meu amigo, não conseguiu esconder por completo sua contrariedade com o rumo que o caso tomou, e permitiu-se, prazerosamente, a um ou dois sarcasmos sobre a particularidade que todos têm de se meter em assuntos alheios.

“Deixem-no falar”, disse Dupin, que não julgara necessário uma réplica. “Deixem-no discursar; isso aliviará sua consciência. Estou satisfeito por tê-lo derrotado em seu próprio castelo. Não obstante, o fato de ter fracassado na solução desse mistério não é, de forma alguma, algo tão surpreendente quanto ele considera; pois, na verdade, o nosso amigo Chefe de Polícia é antes esperto que profundo. Em sua sabedoria não há o *estame*. Ele é todo cabeça, sem o corpo, como as figuras da deusa

⁴²Um dos sete departamentos que compõem o Museu Nacional de História Natural, sendo o principal jardim botânico da França. Dentre suas unidades, há um pequeno zoológico, fundado em 1795.

⁴³“Escritório”.

Laverna⁴⁴ ou, na melhor das hipóteses, todo cabeça e ombros, como um bacalhau. Mas, apesar de tudo, ele é uma boa criatura. Gosto dele especialmente por conta de um único golpe de mestre, um golpe hipócrita, pelo qual conseguiu sua reputação de engenhoso. Refiro-me à maneira que ele ‘*de nier ce qui est, et d’expliquer ce qui n’est pas*’.^{45 46}”

⁴⁴Na mitologia romana, Laverna é a deusa dos ladrões, dos trapaceiros, do mundo inferior, representada apenas por uma cabeça.

⁴⁵Rousseau – Nouvelle Heloise. (N. do A.)

⁴⁶Significa “nega o que é, e explica o que não é”. A citação foi extraída da obra citada pelo autor, onde Rousseau, numa nota de rodapé, comenta uma explicação de Platão sobre aparições de fantasmas. O comentário é “C’est une manie commune aux philosophes de tous les âges de nier ce qui est et d’expliquer ce qui n’est pas” ou “É um hábito comum nos filósofos de todas as épocas negar o que é e explicar o que não é.”

but by its very list and course of interest, have, in truth, the whole

The faculty in question is possibly much invigorated by mathematics especially by that highest branch of it which, unjustly, and merely on grade operations, has been called, as if par excellence, analysis. Yet in fact to analyse - at chess-players, for example, does the one without. It follows that the game of chess, in its effects upon mental character understood. I am not now writing a treatise, but simply prefer a linear narrative by observations very much at random - I will, therefore assert that the higher powers of the reflective intellect are more rapidly taxed by the uncertainties game of draughts than by any variety of chess. In this latter, where the pieces have different and various and variable values, that which is only complex is mistaken error) for that which is profound. The attention is here called, by its flag for an instant, an oversight is committed resulting in my humble moves being not only manifold but involute, the chances are multiplied; and in nine cases out of ten it is the more common than the more acute player who compares. In draughts, on the other hand, moves are unique and have but little variation, the probabilities diminished, and the more attention being left comparatively unimpeded are obtained by either party are obtained by superior acumen. Let us suppose a game of draughts where the pieces are reduced to few of value, and the player who has the advantage that here the result (the player being at all equal) only by some recherche movement, the exertion of the intellect. Deprived of ordinary resources the analyst the spirit of his opponent, identifies himself therewith, and not without a glance, the sole methods (sometimes indeed absurdly simple) reduce into miscalculation or hurry into error.

- 1842 -

O MISTÉRIO DE MARIE ROGÊT

What has long been noted for its influence upon what we call genius; and men of the highest order of intellect have been known to find a wondrously unaccountable delight in it, while eschewing chess as doubtless there is nothing of a similar nature so greatly to be coveted. The best chess-players in Christendom may be little more than adepts of chess - but proficiency in which implies capacity for successful and arduous undertakings where mind struggles with mind. When we mean that perfection in the game which includes a comprehension (whatever be their character) from which legitimate advantages are not only manifold but multiform, and lie frequently thought altogether inaccessible to the ordinary understanding. It is to remember distinctly; and so far the conventional chess well as what; while the rules of Hoop (themselves based upon

O conto intitulado *The Mystery of Marie Roget* foi traduzido a partir dos seguintes textos em inglês: revista *Ladies' Companion* de novembro de 1842 a fevereiro de 1843; *Tales* lançado em 1845; cópia do título *Tales* com apontamentos do autor, pertencente à Universidade do Texas; *Works* lançado em 1850. As notas de rodapé são do tradutor, exceto onde se indicar a autoria.

NOTA DO AUTOR

Para a publicação original de “Marie Rogêt”, os rodapés ora acrescentados foram considerados desnecessários; mas o intervalo de vários anos desde a tragédia na qual este conto se baseia torna oportuno que eles sejam escritos, e também que sejam ditas algumas palavras explicando a ideia geral. Uma jovem, *Mary Cecilia Rogers*, foi assassinada nos arredores de Nova Iorque¹; e embora sua morte tenha causado uma longa e intensa comoção, o mistério que a envolveu ainda não havia sido solucionado quando o presente trabalho foi escrito e publicado (Novembro de 1842). Nele, tencionando relatar a sorte de uma *grisette*² parisiense, o autor perseguiu, em seus detalhes minuciosos, os fatos essenciais do real assassinato de Mary Rogers, enquanto simplesmente reproduziu os inessenciais. O “Mistério de Marie Rogêt” foi composto distante da cena da atrocidade, não se dispondo de outros meios de investigação além dos jornais. Assim, muito escapou ao autor daquilo que poderia lhe ser proveitoso se estivesse no local e visitasse os cenários do caso. Todavia, não seria impróprio registrar que as confissões de *duas* pessoas (uma delas, a Madame Deluc da narrativa), feitas em diferentes períodos, bem posteriores à publicação, confirmaram, na sua inteireza, não apenas a conclusão geral, mas absolutamente *todos* os detalhes hipotéticos principais a partir dos quais chegou-se à tal conclusão.

¹Em 28 de julho de 1841, o corpo de Mary Cecilia Rogers foi encontrado sem vida, boiando no Rio Hudson na altura de Hoboken, Nova Jersey. O crime chocou os Estados Unidos e suas causas nunca foram esclarecidas.

²Jovem francesa da classe trabalhadora, coquete e namorada.

O MISTÉRIO DE MARIE ROGÊT

SEQUÊNCIA DE “OS ASSASSINATOS NA RUE MORGUE”

“Es giebt eine Reihe idealischer Begebenheiten, die tier Wirklichkeit parallel lauft. Selten fallen sic zusammen. Menschen and Zufalle sind. So bei der Reformation; startt dies Protestantismus kam das Lutherthum hervor.”

Há sucessões idealizadas de eventos que correm em paralelo a sucessões reais. Elas raramente coincidem. Homens e circunstâncias geralmente modificam a cadeia idealizada de eventos, de tal forma que a fazem parecer imperfeita, e suas consequências são igualmente imperfeitas. Assim, com a Reforma, em vez do Protestantismo surgiu o Luteranismo.

Moralische Ansichten, NOVALIS³

HÁ POUCAS PESSOAS, mesmo entre os mais serenos pensadores, que vez por outra não tenham se espantado - numa meia crença imprecisa, ainda que eletrizante, no sobrenatural - com *coincidências* de caráter aparentemente tão fantástico que o intelecto é incapaz de aceitá-las apenas como *meras* coincidências. Tais sentimentos - pois as meias crenças às quais me refiro não possuem a força plena de um *pensamento* - são raramente suprimidos na sua inteireza exceto quando se alude à doutrina das possibilidades, ou, conforme a terminologia técnica, ao Cálculo das Probabilidades. Nesse contexto, tal Cálculo é, na sua essência, algo puramente matemático; e assim temos a anomalia daquilo que há de mais rigidamente exato na ciência aplicado à obscuridade e espiritualidade daquilo que há de mais intangível no ato da especulação.

³*Non de plume* [pseudônimo] de Von Hardenburg. (N. do A.)

Os detalhes extraordinários que ora me vejo instado a tornar públicos serão percebidos como formadores, relativamente à sequência temporal, do ramo primário de *coincidências* sucessivas de difícil compreensão, cujo ramo secundário ou conclusivo será identificado pelos leitores com o antigo assassinato de MARY CECILIA ROGERS, em Nova Iorque.

Quando, há cerca de um ano, num trabalho intitulado “Os Assassinos na Rue Morgue”, eu procurei retratar alguns dos notáveis atributos mentais de meu amigo, o Cavalheiro C. Auguste Dupin, não me ocorreu que seria preciso retomar o assunto algum dia. Retratar tais características constituiu o meu objetivo; e esse objetivo, que foi atingido ao longo da desenfreada sucessão de circunstâncias, trouxe à tona as idiosincrasias de Dupin. Eu poderia ter aduzido outros exemplos, embora não mais precisasse provar coisa alguma. Entretanto, eventos recentes, em seu surpreendente desenrolar, fizeram-me buscar detalhes adicionais, que trarão consigo a atmosfera de uma confissão forçada. Ouvindo o que ouvi recentemente, seria de fato estranho se eu mantivesse silêncio em relação ao que há tanto tempo ouvi e também presenciei.

Logo após o desfecho da tragédia envolvendo as mortes de Madame L’Espanaye e sua filha, o Cavalheiro não mais dispensou atenção ao caso, recaindo no seu velho jeito absorto e taciturno. Afeito, desde sempre, à abstração, eu rapidamente entrava nesses seus modos; e, sempre habitando nossas câmaras no Faubourg Saint Germain, oferecíamos o Futuro aos ventos enquanto dormitávamos tranquilamente no Presente, entrelaçando o tedioso mundo à nossa volta com sonhos.

Mas esses sonhos não eram totalmente ininterruptos. Pode-se facilmente presumir que a conduta de meu amigo no drama da Rue Morgue não deixou de causar impressão no imaginário da polícia parisiense. Através de seus emissários, o nome de Dupin tornara-se um termo familiar. Como aquelas inferências - simples e pelas quais ele desintrincara o mistério - nunca foram explicadas até mesmo ao Prefeito, ou a qualquer outro indivíduo, exceto a mim, não surpreende, é claro, o caso ter sido considerado como algo não muito diferente de um

milagre, ou as habilidades analíticas do cavalheiro terem lhe conferido a qualidade de intuitivo. Sua sinceridade o teria levado a demover tal preconceito de todo e qualquer inquiridor; mas seu temperamento indolente impediu qualquer alvoroço adicional num assunto pelo qual seu interesse cessara há muito. Ocorreu então que ele se percebeu a estrela guia da polícia; e não foram poucos os casos em que se tentou engajar seus serviços na prefeitura. Um dos mais notáveis foi o assassinato de uma jovem chamada Marie Rogêt.

Esse evento ocorreu cerca de dois anos após a atrocidade na Rue Morgue. Marie, cujos nomes de batismo e de família irão prontamente chamar a atenção por suas semelhanças com os da desafortunada “garota de cigarros”⁴, era filha única da viúva Estelle Rogêt. O pai morrera durante a infância da criança, e desde sua morte até o período de dezoito meses que antecedeu o assassinato, assunto de nossa narrativa, mãe e filha residiam juntas na Rue Pavée Saint André⁵; onde Madame, assistida por Marie, mantinha uma *pension*⁶. Assim, a garota se envolveu em casos amorosos até atingir o vigésimo segundo ano de idade, quando sua enorme beleza atraiu os olhos de um perfumista que ocupava uma das lojas nos porões do Palais Royal, e cuja freguesia era constituída principalmente por desolados aventureiros que infestavam aquela vizinhança. Monsieur Le Blanc⁷ não desconhecia as vantagens que seriam obtidas com a presença da formosa Marie em sua perfumaria; e suas propostas liberais foram aceitas avidamente pela garota, mas com certa hesitação por Madame.

As previsões do comerciante concretizaram-se, e suas dependências logo se tornaram notórias devido ao charme da jovial *grisette*. Ela já era sua funcionária há cerca de um ano quando os admiradores da moça transtornaram-se por conta de seu repentino desaparecimento

⁴Refere-se ao ofício da vítima Mary Cecilia Rogers. Comum à época do conto, uma garota de cigarros vendia ou distribuía cigarros e charutos em tabacarias, bares, restaurantes ou cassinos, carregando um tabuleiro sustentado por uma alça que se apoiava na nuca.

⁵Nassau Street. (N. do A.)

⁶“Pensão”.

⁷Anderson. (N. do A.)

da loja. Monsieur Le Blanc não foi capaz de esclarecer sua ausência, e Madame Rogêt perturbou-se ansiosa e terrivelmente. Os jornais populares prontamente abordaram o assunto, e a polícia já estava a ponto de iniciar sérias investigações quando, numa bela manhã, após o intervalo de uma semana, Marie, aparentando boa saúde, mas com certo ar de tristeza, reapareceu na perfumaria, em seu balcão habitual. Todos os questionamentos rapidamente aquietaram-se, exceto aqueles de caráter particular. Monsieur Le Blanc, como antes, declarou total ignorância. Marie, juntamente com Madame, respondeu a todas as perguntas; explicou que a semana anterior havia sido passada no campo, na casa de um parente. Assim, o caso esfriou, e foi completamente esquecido; a garota, manifestamente para se ver livre da impertinência dos curiosos, logo deu um adeus definitivo ao perfumista, e procurou o abrigo da residência materna na Rue Pavée Saint André.

Cerca de três anos após esse retorno, os amigos de Marie alarmaram-se com seu segundo desaparecimento repentino. Três dias se passaram e nada se ouviu a respeito dela. No quarto dia, seu cadáver foi encontrado boiando no Sena⁸, perto da margem oposta ao bairro da Rue Saint André, num ponto não muito distante dos ermos arredores da Barrière du Roule⁹.

A atrocidade deste assassinato (pois ficou logo evidente que um assassinato havia sido cometido), a juventude e beleza da vítima e, acima de tudo, sua notoriedade anterior, conspiraram para produzir uma intensa agitação nas mentes dos sensíveis habitantes parisienses. Não me vem à lembrança qualquer ocorrência similar que tenha produzido um efeito tão amplo e intenso. Ao longo de várias semanas, nas discussões sobre esse caso tão atrativo, até mesmo os relevantes temas políticos do período foram esquecidos. O prefeito empenhou-se com afincamento incomum; e, naturalmente, a capacidade da polícia parisiense como um todo foi demandada ao extremo.

⁸Hudson. (N. do A.)

⁹Weehawken. (N. do A.)

Logo após a primeira descoberta do cadáver, não se cogitou que o assassino fosse capaz de frustrar, por mais do que um breve período de tempo, os questionamentos que imediatamente surgiram. Somente após o transcurso de uma semana, foi considerado necessário oferecer uma recompensa; e, mesmo assim, tal recompensa foi limitada a mil francos. Nesse meio tempo, a investigação procedeu com vigor, não sempre sem julgamentos, e vários indivíduos foram averiguados sem propósito algum; enquanto isso, devido à incessante ausência de pistas sobre o mistério, a agitação popular elevou-se bastante. Ao final do décimo dia, julgou-se conveniente duplicar a soma originalmente proposta; e então, finalmente, transcorrida a segunda semana sem o advento de quaisquer descobertas, também pelo preconceito que há em Paris contra as arbitrariedades cometidas pela polícia em outros graves *émeutes*¹⁰, o Prefeito tomou para si a decisão de oferecer a soma de vinte mil francos “pela condenação do assassino” ou, se fosse provado que mais de um estava envolvido, “pela condenação de qualquer um dos assassinos”. No anúncio divulgando essa recompensa, foi prometido pleno perdão a qualquer cúmplice que apresentasse evidências contra seu comparsa; e a esse aviso, onde quer que estivesse colocado, apensou-se um letrado particular de uma comissão de cidadãos oferecendo dez mil francos adicionais à quantia proposta pela prefeitura. Assim, a recompensa completa perfazia não menos que trinta mil francos; soma considerada extraordinária se levarmos em conta a humilde condição da garota, e a alta incidência, nas grandes cidades, de atrocidades como a que foi descrita.

Nesse contexto, ninguém duvidou que o mistério do assassinato seria rapidamente esclarecido. Contudo, não obstante em um ou dois eventos, prisões - anunciadas como reveladoras - tivessem sido realizadas, nada foi elucidado que pudesse implicar os suspeitos; e assim, eles foram imediatamente dispensados. Por mais estranho que possa parecer, a terceira semana após a descoberta do corpo havia transcorrido sem qualquer elucidação do assunto, antes mesmo que o rumor

¹⁰“Levantes”.

dos eventos que tanto haviam alvoroçado a opinião pública chegasse aos ouvidos de Dupin e aos meus. Envolvidos em pesquisas que absorviam toda a nossa atenção, passara-se quase um mês sem que nenhum de nós tivesse saído de casa, ou recebido uma visita, ou visto mais que de relance os principais artigos políticos em alguns dos jornais diários. As primeiras informações sobre o assassinato nos foram trazidas por G—, pessoalmente¹¹. Ele recorreu a nós no início da tarde do dia treze de julho de 18—, e permaneceu conosco até altas horas da noite. Estava melindrado com o completo fracasso de seus esforços para desentocar os assassinos. Sua reputação – assim ele o disse com um peculiar ar parisiense – estava em jogo. Até mesmo sua honra estava ameaçada. Os olhos do público estavam todos voltados para ele; e não havia sacrifício algum que não estivesse disposto a fazer em prol da elucidação do mistério. Já terminava sua fala num tom um tanto quanto divertido, elogiando o que denominava prazerosamente o *tato* de Dupin, quando fez a ele uma proposta direta e certamente generosa, cuja natureza não me sinto na liberdade de revelar, e que também não coaduna com o assunto principal de minha narrativa.

O elogio meu amigo procurou refutar o máximo que pôde, mas a proposta ele a aceitou de imediato, embora as vantagens dela advindas fossem, de um modo geral, provisórias. Estabelecido tal acordo, o prefeito prontamente irrompeu em explanações sobre seus pontos de vista, intercalando-as com longos comentários sobre evidências que até aquele momento ainda não conhecíamos. Ele discursou muito e, sem dúvida, o fez sabiamente; período no qual eu ocasionalmente arrisquei uma ou outra sugestão, enquanto a noite se consumia em sonolência. Dupin, sentado impassível em sua poltrona habitual, era o modelo da atenção respeitosa. Ele usou óculos durante toda a entrevista, e alguns relances ocasionais sob suas lentes verdes foram suficientes para me convencer de que ele dormiu não tão profundamente, mas em silêncio, durante as sete ou oito laboriosas horas que precederam à saída do prefeito.

¹¹Ver nota sobre Gisquet à página 29.

Pela manhã, consegui, na prefeitura, um relatório completo de todas as evidências levantadas e, em diversas redações, uma cópia de cada um dos jornais que, do primeiro ao último, haviam publicado qualquer informação decisiva a respeito desse caso lamentável. Livre de tudo o que era absolutamente refutável, toda aquela massa de informações sustentava então o que se segue.

Maria Rogêt deixou a residência de sua mãe, à Rue Pavée St. Andrée, por volta das nove horas de uma manhã de domingo, dia vinte e dois de junho de 18—. Ao sair, avisou Monsieur Jacques St. Eustache¹², e somente ele, sobre sua intenção de passar o dia com uma tia que residia à Rue des Drômes. A Rue des Drômes era uma via curta e estreita, porém populosa, não muito distante das margens do rio, e a uma distância de cerca de duas milhas, na direção mais curta possível, da *pension* de Madame Rogêt. St. Eustache era o pretendente oficial de Marie, hóspede da *pension*, na qual também fazia suas refeições. Ele deveria buscar sua prometida ao entardecer e acompanhá-la até a casa dela. À tarde, entretanto, aconteceu de chover torrencialmente; e assim, supondo que a garota fosse passar a noite na casa da tia (como ela já o fizera em outras circunstâncias similares), ele não julgou necessário manter sua promessa. Com o avançar da noite, ouvia-se Madame Rogêt (que era uma anciã de saúde frágil, com setenta anos de idade) anunciar um receio de que jamais veria Marie novamente; mas esses comentários atraíram pouca atenção à época.

Na segunda-feira, apurou-se que a garota não estivera na Rue des Drômes; e quando o dia transcorreu sem notícias dela, realizou-se uma busca tardia em diversos pontos da cidade e nas suas cercanias. Entretanto, não foi antes do quarto dia após o período de seu desaparecimento que algo satisfatório sobre a garota foi apurado. Nesse dia (quarta-feira, vinte e cinco de junho), um certo Monsieur Beauvais¹³, que, na companhia de um amigo, estava fazendo perguntas sobre Ma-

¹²Payne. (N. do A.)

¹³Crommelin. (N. do A.)

rie perto do Barrière du Roule, à margem do Sena, oposta à Rue Pavée St. André, foi informado que um cadáver havia sido rebocado para a margem por alguns pescadores, que o tinham encontrado boiando no rio. Ao ver o corpo, Beauvais, após uma certa hesitação, identificou-o como sendo o da garota da perfumaria. Seu amigo reconheceu mais prontamente.

O rosto estava coberto por um sangue escuro, parte do qual emanava da boca. Nela não se via espuma, como no caso dos que exclusivamente se afogam. Não havia descoloração do tecido celuloso. Na região da garganta, havia contusões e marcas de dedos. Os braços, rijos, encontravam-se dobrados sobre o peito. A mão direita estava cerrada, enquanto a esquerda parcialmente aberta. No punho esquerdo havia duas escoriações circulares, aparentemente provocadas pela ação de cordas, ou de apenas uma corda enrolada em várias espirais. Parte do punho direito estava também bastante esfolada, bem como as costas, ao longo de sua extensão; mais especificamente nas omoplatas. Para trazer o corpo até a margem, os pescadores amarraram-no com uma corda, mas nenhuma das escoriações foi causada por esse procedimento. Os músculos do pescoço estavam bastante inchados. Não havia cortes aparentes, ou contusões que parecessem provocadas por golpes. Um pedaço de cordão foi encontrado arramado tão firmemente em volta do pescoço que não era possível vê-lo; encontrava-se completamente encravado na carne, seguro por um nó situado logo abaixo da orelha esquerda. Isso, por si só, já teria sido suficiente para causar a morte. O testemunho médico discorreu convicto sobre a integridade da falecida; disse que ela fora submetida a uma violência brutal. O cadáver, quando encontrado, estava numa condição tal que, para os amigos, não deveria haver dificuldades de reconhecimento.

O vestido, onde não estava amarrotado, encontrava-se bastante rasgado. Na parte externa da roupa, havia uma tira de tecido, com cerca de um pé de espessura, rasgada de baixo para cima, da barra até a cintura, mas que não fora extraída. A tira estava enrolada três vezes em volta da cintura, presa às costas por uma espécie de presilha. A porção do vestido logo abaixo da sobrecasaca era de musselina fina;

e dela uma tira com dezoito polegadas de espessura fora arrancada completamente - arrancada com bastante precisão e com muito cuidado. Ela foi encontrada em volta do pescoço, amarrada com folga e segura por um nó firme. Sobre essa tira de musselina e a tira de cordão atou-se o elástico de uma touca, que ficou pendurada. O nó que fixou esse elástico não era do tipo feminino, mas um nó deslizante ou de marinheiro.

Após seu reconhecimento, o cadáver não foi levado, como de costume, ao necrotério (essa formalidade era supérflua), mas apressadamente sepultado não muito longe do ponto de onde havia sido retirado. Por conta dos esforços de Bravais, o assunto foi diligentemente abafado, tanto quanto possível; e transcorreram vários dias antes que surgisse qualquer tipo de comoção pública. Um jornal semanal¹⁴, entretanto, dedicou-se extensivamente ao tema. O cadáver foi desenterado, procedendo-se a um novo exame; mas nada foi elucidado além daquilo que já havia sido observado. No entanto, as roupas foram, desta vez, submetidas à mãe e aos amigos da falecida, e completamente identificadas como aquelas usadas pela garota ao sair de casa.

Entrementes, a agitação crescia a cada hora. Vários indivíduos foram presos e depois soltos. St. Eustache, em especial, ficou sob suspeita; fracassando, à princípio, em dar uma explicação inteligível de seu paradeiro no domingo que Marie saiu de casa. Entretanto, submeteu posteriormente a Monsieur G— depoimentos escritos narrando satisfatoriamente seus passos a cada hora do dia em questão. Com o passar do tempo, sem que ocorresse novidade alguma, milhares de rumores contraditórios circularam, enquanto os jornalistas ocupavam-se com *conjecturas*. Dentre elas, a que atraiu maiores atenções difundiu a ideia de que Marie Rogêt ainda vivia e que o corpo encontrado no Sena era de alguma outra desafortunada. Aqui, convém que eu submeta ao leitor algumas passagens que dão corpo à citada conjectura.

¹⁴O “Mercury” de Nova Iorque. (N. do A.)

Tais passagens¹⁵ são traduções *littéraires* do L'Etoile¹⁶: um jornal, em geral, conduzido com bastante competência.

Mademoiselle Rogêt saiu da casa de sua mãe na manhã de um domingo, dia vinte e dois de junho de 18—, com o firme propósito de ir ver sua tia, ou algum outro parente, na Rue des Drômes. Desse momento em diante, não há provas de que alguém a tenha visto. Dela, não há vestígio ou notícia alguma. * * * * Até aqui, não ocorreu pessoa alguma se apresentar dizendo tê-la visto naquele dia, após ter deixado a casa da mãe. * * * * Neste momento, embora não haja evidências de que Marie Rogêt estivesse entre os vivos após às nove horas do domingo, vinte e dois de junho, temos provas de que, até essa hora, ela estava viva. Ao meio-dia de quarta-feira, um corpo feminino foi encontrado boiando às margens próximas ao Barrière du Roule. Isso se deu - mesmo presumindo que Marie Rogêt foi jogada no rio em algum momento das três horas que transcorreram após ter deixado a casa da mãe - somente três dias após ela ter saído de casa; três dias e algumas horas. Mas é tolice supor que o assassinato - se realmente um assassinato foi cometido - pudesse ter ocorrido cedo o suficiente a ponto de permitir que os assassinos jogassem o corpo no rio antes da meia noite. Os culpados por crimes horríveis desse tipo preferem a escuridão à luz. * * * * Assim, concluímos que se o corpo encontrado no rio for mesmo de Marie Rogêt, ele só poderia ter permanecido na água por dois dias e meio, ou três no máximo. A experiência tem mostrado que corpos afogados, ou corpos atirados na água imediatamente após morte violenta, requerem de seis a dez dias para uma decomposição suficiente que os traga de volta à superfície. Mesmo quando um projétil é disparado contra um cadáver e ele emerge antes de cinco ou seis dias de submersão, volta a afundar se permanecer intocado. Nesse contexto, perguntamos: o que houve nesse caso que o fez afastar do curso natural dos acontecimentos? * * * * Se o corpo, mantido seu estado estropiado, tivesse permanecido nas margens até terça-feira à noite, seria encontrado no local algum indício dos assassinos. Também é um ponto duvidoso se o corpo viria à tona prematuramente, mesmo tendo sido jogado dois dias após sua morte. Além disso, é altamente improvável que algum vilão, ao cometer um assassinato como este aqui considerado, jogasse o corpo sem um peso

¹⁵Os excertos ao longo do conto são, em sua maioria, citações quase textuais dos jornais da época.

¹⁶O “Brother Jonathan” de Nova Iorque, editado por H. Hastings Weld, Esq. (N. do A.)

para fazê-lo afundar, quando tal precaução poderia ser facilmente tomada.

Neste ponto, o editor prossegue argumentando que o corpo deve ter permanecido na água “não apenas três dias, mas cinco vezes três dias, pelo menos”, porque estava tão avançada sua decomposição que Beauvais teve grande dificuldade em reconhecê-lo. Esse último ponto, entretanto, foi totalmente refutado. Aqui, continuo a tradução:

Assim, quais são os fatos a partir dos quais M. Beauvais afirma não ter dúvidas de que o corpo era realmente o de Marie Rogêt? Ele rasgou a manga do vestido, e diz ter encontrado marcas que, para ele, asseguraram a identidade. O público em geral supôs que tais marcas referiam-se à alguma descrição de cicatrizes. Ele diz ter esfregado o braço, encontrando *pelos* sobre ele - algo tão indefinido, em nossa opinião, quanto se possa imaginar; tão conclusivo quanto encontrar um braço numa manga. M. Beauvais não retornou aquela noite, mas enviou uma mensagem à Madame Rogêt na noite de quarta-feira, às sete horas, informando que uma investigação sobre sua filha ainda estava em andamento. Admitindo que Madame Rogêt, por conta da sua idade e da sua aflição, não conseguiria averiguar os trabalhos (uma hipótese bastante plausível), alguém certamente teria pensado que valeria a pena averiguar, assistindo às investigações, se considerasse que o corpo era de Marie. Mesmo assim, ninguém foi averiguar. Sobre esse assunto, nada foi dito ou ouvido à Rue Pavée St. André que tenha chegado ao conhecimento até mesmo dos moradores do mesmo prédio. M. St. Eustache, o namorado e pretendente de Marie, que se hospedava na casa de sua mãe, afirmou em depoimento que não soube da descoberta do corpo de sua pretendida até a manhã seguinte, quando M. Beauvais apareceu em sua câmara e contou a ele sobre o acontecido. Para uma notícia como essa, surpreende-nos a enorme frieza com a qual foi recebida.

Dessa forma, o L'Etoile se esforçou para criar um ar de apatia nos parentes de Marie, inconsistente com a suposição de tais parentes acreditarem que era dela o cadáver. As insinuações do jornal equivalem ao seguinte: Marie, com a conivência de amigos, se ausentou da cidade por razões relativas a uma acusação contra sua castidade; e esses amigos, ao saberem da descoberta de um corpo no Sena, um tanto

semelhante ao da garota, aproveitaram a oportunidade para impressionar o público com a crença em sua morte. Mas o L'Etoile precipitou-se novamente. Ficou claramente comprovado que não houve apatia, como se imaginava; que a anciã encontrava-se extremamente frágil, e tão agitada que não conseguia cumprir com suas obrigações; que St. Eustache, muito longe de receber a notícia friamente, ficou atônito de aflição, enfatiando-se tão freneticamente que M. Beauvais convenceu um amigo e um parente a tomar conta dele, e impedir que ele comparecesse aos trabalhos da exumação. Ademais, embora declarado pelo L'Etoile que o cadáver foi reenterrado às custas do dinheiro público, que a vantajosa oferta de uma sepultura particular foi totalmente recusada pela família e que nenhum de seus membros compareceu à cerimônia; embora - digo novamente - tudo isso tenha sido afirmado pelo L'Etoile para fundamentar a impressão que tencionou transmitir, *tudo* isso foi satisfatoriamente refutado. Numa edição subsequente do jornal, tentou-se lançar suspeitas sobre Beauvais. O editor diz:

Neste momento, ocorre uma mudança no caso. Fomos informados que, numa ocasião, quando Madame B— se encontrava na casa de Madame Rogêt, M. Beauvais, saindo dali, disse à ela que um *gendarme* era esperado e que ela, Madame B., não devia dizer coisa alguma ao *gendarme* até que ele retornasse, deixando o assunto para o próprio Beauvais resolver. * * * * Nas atuais circunstâncias do caso, M. Beauvais parece ter todos os pormenores confinados em sua cabeça. Nenhum só passo pode ser dado sem a presença de M. Beauvais, pois se alguém, por sua vontade, tomar qualquer caminho que seja, estará agindo contra ele. * * * * Por alguma razão, ele determinou que ninguém deve ter qualquer contato com a evolução do caso, exceto ele próprio; e enxotou de seu caminho os parentes homens - de acordo com os relatos deles - de uma maneira bastante singular. Ele parece ter sido bastante avesso à ideia de permitir que os parentes vissem o corpo.

Pelo fato que se segue, a suspeita então lançada sobre Beauvais ganhou algumas cores. Um visitante em seu escritório, poucos dias antes do desaparecimento da garota e durante a ausência de seu ocupante, observou *uma rosa* no buraco da fechadura da porta e o nome “*Marie*” escrito numa lousa pendurada muito próxima.

A impressão geral - até onde conseguimos captar dos jornais - parecia crer que Marie tinha sido vítima de uma gangue de malfeitores; que, por eles, a garota havia sido arrastada para o outro lado do rio, maltratada e assassinada. No entanto, o *Le Commercial*¹⁷ - impresso de vasta influência -, combateu seriamente essa ideia popular. De suas colunas, cito aqui uma ou duas passagens:

Estamos convencidos de que, até agora, as buscas têm transcorrido norteadas por uma intuição equivocada, na medida em que estão sendo direcionadas apenas ao *Barrière du Roule*. É impossível que alguém tão conhecido por centenas de pessoas, como esta jovem, pudesse ter passado por três quarteirões sem ter sido visto por pessoa alguma; e qualquer um que a visse, iria se lembrar, pois ela despertava interesse em todos os que a conheciam. Quando ela saiu, as ruas estavam cheias de gente. * * * * É impossível que ela pudesse ter ido ao *Barrière du Roule*, ou à *Rue des Drômes*, sem ser reconhecida por uma dezena de pessoas; todavia, ninguém se apresentou dizendo tê-la visto fora da casa da mãe, e não há evidência alguma, exceto o testemunho relativo às suas *intenções expressas*, de que ela realmente tenha saído. Seu vestido encontrava-se rasgado, a envolvia e também estava amarrado; dessa forma, o corpo foi carregado como um pacote. Se o assassinato tivesse sido cometido no *Barrière du Roule*, não haveria a necessidade de tal preparo. O fato do corpo ter sido encontrado boiando perto do *Barrière* não comprova de onde ele foi lançado na água. * * * * De uma das anáguas da desafortunada, um pedaço, com dois pés de comprimento e um pé de largura, foi arrancado e amarrado sob seu queixo pela parte de trás da cabeça, provavelmente para impedir gritos. Isso foi realizado por indivíduos que não possuíam um lenço de bolso.

No entanto, um ou dois dias antes do Prefeito ter a nós recorrido, algumas informações importantes chegaram à polícia que pareciam derrubar a parte principal, pelo menos, da argumentação do *Le Commercial*. Aconteceu que dois garotos pequenos, filhos de Madame Deluc, enquanto vagueavam pelos bosques próximos ao *Barrière du Roule*, avançaram por um denso matagal, no qual havia de três a quatro pedras grandes formando uma espécie de assento, com encosto

¹⁷O "Journal of Commerce" de Nova Iorque. (N. do A.)

e escabelo. Na pedra mais alta, repousava uma anágua branca; na segunda, uma echarpe de seda. Ali também foram encontrados uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso. O lenço trazia o nome “Marie Rogêt”. Fragmentos do vestido foram descobertos nos espinheiros em volta. A terra estava pisoteada, os arbustos quebrados e havia evidências notórias de luta. Entre o matagal e o rio, foram encontradas cercas derrubadas e o terreno apresentava sinais claros de uma pesada carga que sobre ele havia sido arrastada.

Um jornal semanal, o *Le Soleil*¹⁸, publicou os seguintes comentários sobre essa descoberta - comentários que apenas ecoaram o sentimento de toda a imprensa parisiense:

Evidentemente, todos os objetos permaneceram ali por pelo menos três ou quatro semanas; eles mofaram bastante devido à ação da chuva, ficando grudados um no outro por causa do bolor. A grama já havia crescido em volta e sobre alguns deles. A seda da sombrinha era resistente, mas suas fibras estavam coladas umas nas outras por dentro. A parte superior, onde o tecido era duplo e dobrado, estava toda mofada e apodrecida, rasgando-se quando a sombrinha foi aberta. * * * * Os pedaços da sobrecasaca da garota arrancados pelos arbustos tinham cerca de três polegadas de largura por seis de comprimento. Uma parte deles era a bainha da sobrecasaca, que havia sido remendada; a outra pertencia à saia da sobrecasaca, não à bainha. Os pedaços pareciam tiras extraídas, e se encontravam num espinheiro, a cerca de um pé acima do solo. * * * * Assim, não pode haver dúvidas de que a cena desta atrocidade atroz foi descoberta.

Em consequência dessa descoberta, uma nova evidência surgiu. Madame Deluc revelou em depoimento que mantém uma hospedaria não muito longe da margem do rio oposta ao *Barrière du Roule*. Ali, a vizinhança vive reclusa - particularmente reclusa. O local é o refúgio dominical dos canalhas da cidade, que atravessam o rio em barcos. Por volta das três horas da tarde do domingo em questão, uma jovem garota chegou à hospedaria, acompanhada por um homem também jovem, de compleição escura. Os dois permaneceram ali por algum

¹⁸O “*Sat. Evening Post*” da Filadélfia, editado por C. J. Peterson, Esq. (N. do A.)

tempo. Ao partir, eles tomaram a estrada em direção a algumas matas densas existentes nas redondezas. Chamou a atenção de Madame Deluc o vestido usado pela garota, por conta de sua semelhança com o que vestia uma parenta já falecida. Notou particularmente uma echarpe. Logo após a saída do casal, uma gangue de patifes resolveu aparecer; comportaram-se tempestuosamente, comeram e beberam sem pagar, seguiram pelo mesmo caminho do jovem e da garota, retornaram à hospedaria perto do anoitecer, e atravessaram de volta o rio aparentemente bastante apressados.

Foi logo após o escurecer, ao final dessa mesma tarde, que Madame Deluc, e também seu filho mais velho, ouviram gritos femininos nas redondezas da hospedaria. Os gritos foram violentos porém breves. Madame D. reconheceu não apenas a echarpe encontrada no matagal, mas o vestido que foi encontrado recobrimdo o cadáver. Um motorista de ônibus, Valence¹⁹, também declarou em depoimento que viu Marie Rogêt atravessar o Sena de balsa, no domingo em questão, acompanhada por um jovem de compleição escura. Ele, Valence, conhecia Marie, e não poderia se equivocar quanto à identidade da garota. Os artigos encontrados no matagal foram completamente identificados pelos parentes de Marie.

Os dados relativos às evidências e informações que eu mesmo coletei dos jornais, por sugestão de Dupin, envolviam apenas um ponto adicional - mas um ponto de grandes consequências, aparentemente. Parece que, imediatamente após a descoberta das roupas, conforme descrito acima, o corpo sem vida, ou quase sem vida, de St. Eustache, o prometido de Marie, foi encontrado nas redondezas do local onde, atualmente, todos supõem ter sido a cena da atrocidade. Uma ampola vazia, com o rótulo “Laudanum”²⁰, foi encontrada perto do rapaz. Sua respiração evidenciava o envenenamento. Ele morreu sem falar coisa

¹⁹Adam. (N. do A.)

²⁰Láudano: tintura alcoólica do ópio utilizada no controle da diarreia e da dor. Devido à sua alta concentração, superdosagens desse fármaco costumam ocorrer e uma dose minimamente superior à recomendada pode ser letal. Suicídios por Láudano eram muito comuns no século XIX.

alguma. Sobre seu corpo foi encontrada uma carta, contendo uma breve declaração de amor à Marie, e seu intento autodestrutivo.

“Mal preciso lhe dizer”, proferiu Dupin, enquanto ele terminava o escrutínio de minhas notas, “que este é um caso muito mais intrincado do que o caso da Rue Morgue; do qual se diferencia em um importante aspecto: trata-se de um exemplo de crime *comum*, embora atroz. Nada há de particularmente *excêntrico* nesse caso. Você observará que, por essa razão, o mistério foi considerado de fácil solução, quando, por essa mesma razão, deveria ter sido considerado difícil. Por isso, primeiramente, considerou-se desnecessário oferecer uma recompensa. Os mirmidões²¹ de G— imediatamente julgaram-se capazes de compreender como e por que tal atrocidade *fora* cometida. Conseguiram construir em sua imaginação maneira - muitas maneiras - e motivo - muitos motivos; e porque não era impossível que qualquer par desses numerosos motivos e maneiras *pudesse* ser o verdadeiro, assumiram que um deles *tinha que ser*. Mas a facilidade com a qual essas concepções inconstantes foram construídas, e a alta plausibilidade que cada uma assumiu, deveriam ter sido encaradas como indicativas das dificuldades ao invés das facilidades que devem assistir a elucidação. Já observei anteriormente que é por proeminências acima do plano do ordinário que a razão pressente seu caminho - se houver algum - na busca pela verdade, e que o questionamento apropriado nesses casos não é tanto ‘o que aconteceu?’, mas ‘o que aconteceu que jamais acontecera antes?’ Durante as investigações na casa de Madame L’Espanaye²², os agentes de G— ficaram desencorajados e confusos devido àquele *caráter altamente incomum* que, para um intelecto devidamente equilibrado, proporcionaria o presságio mais seguro para o sucesso. Esse mesmo intelecto, entretanto, poderia mergulhar no mais profundo desespero com a natureza ordinária do caso desta garota da perfumaria, mas, ainda assim, também nada diria, além de triunfos fáceis, aos funcionários da prefeitura.

²¹Povos tessálicos que acompanharam Aquiles à Guerra de Troia. No texto, o termo é utilizado jocosamente para se referir a “bravos seguidores”.

²²Veja “Os Assassinatos na Rue Morgue”. (N. do A.)

“No caso de Madame L’Espanaye e sua filha, não tivemos dúvidas, mesmo no começo de nossa investigação, que um assassinato havia sido cometido. A ideia de suicídio foi excluída de imediato. Aqui também, desde o início, livramo-nos de toda e qualquer suspeita relativa a auto assassinato. O corpo achado no Barrière du Roule foi descoberto em circunstâncias que não nos cria oportunidade para qualquer insegurança nesse ponto importante. No entanto, cogitou-se que o cadáver encontrado não é aquele da Marie Rogêt para cuja condenação do assassino, ou assassinos, foi oferecida uma recompensa e a respeito da qual, exclusivamente, nosso acordo com o prefeito foi realizado. Ambos conhecemos bem esse senhor. Não convém acreditar muito nele. Se, iniciando nossas investigações a partir da descoberta do corpo e daí trilhando um assassino, nós descobrirmos que esse corpo é de algum outro indivíduo que não Marie; ou se, começando pela Marie viva, nós a encontrarmos ainda vivente, então, em qualquer um dos casos, perderemos nosso trabalho, pois é com Monsieur G— que estamos lidando. Portanto, para nosso próprio propósito, senão para o propósito da justiça, é indispensável que a primeira etapa por nós executada seja estabelecer a identidade do cadáver com a desaparecida Marie Rogêt.

“Junto ao público, os argumentos do L’Etoile tiveram peso; e a convicção de tal importância demonstrou o próprio jornal pela maneira que iniciou um de seus artigos sobre o assunto: ‘Muitos dos jornais matutinos do dia’, diz o jornal, ‘falam de um artigo *conclusivo* na edição de segunda-feira deste L’Etoile’. Para mim, esse artigo parece tão pouco conclusivo quanto o cuidado de seu redator. Devemos ter em mente que, em geral, o objetivo de nossos jornais é antes criar sensação - fazer valer seu ponto de vista - do que promover a causa da verdade. O segundo fim só é atingido quanto calha coincidir com o primeiro. O impresso que prefere simplesmente a opinião prosaica (por mais bem fundamentada que tal opinião seja) não aufere para si crédito algum com a população. A massa considera profundo somente aquele que insinua *contradições pungentes* na ideia geral. No raciocínio, não menos que na literatura, o que mais imediata e amplamente

se aprecia é o *epigrama*²³. Em ambos, ele ocupa o escalão mais baixo dos méritos.

“Quero dizer que considerar Marie Rogêt ainda viva é ao mesmo tempo epigramar e melodramatizar a ideia, ao invés de buscar nela qualquer notória plausibilidade; e isso, insinuado pelo L’Etoile, lhe assegurou uma recepção favorável do público. Examinemos as manchetes da argumentação desse jornal, buscando evitar a incoerência com a qual ela foi exposta.

“O objetivo primeiro do redator foi mostrar, por conta da brevidade do intervalo entre o desaparecimento de Marie e a descoberta do cadáver flutuando no rio, que tal cadáver não é o da garota. Assim, a redução desse intervalo ao menor período de tempo possível tornou-se, de imediato, o objetivo do redator. Na imprudente busca desse objetivo, ele incorreu, como resultado, em meras hipóteses. ‘É tolice supor’, diz ele, ‘que o assassinato - se realmente um assassinato foi cometido - pudesse ter ocorrido cedo o suficiente a ponto de permitir que os assassinos jogassem o corpo no rio antes da meia-noite’. De imediato, questiono, com bastante naturalidade, *por quê?* Por que é tolice supor que o assassinato tenha sido cometido *cinco minutos* após a garota deixar a casa da mãe? Por que é tolice supor que o assassinato tenha sido cometido a qualquer hora do dia? Há assassinatos ocorrendo o tempo todo. Tivesse o assassinato ocorrido em algum momento entre às nove horas da manhã de domingo e a quinze minutos para a meia-noite, haveria tempo suficiente para que ‘jogassem o corpo no rio antes da meia-noite’. Assim, a hipótese do L’Etoile envolve precisamente o seguinte: o assassinato, de forma alguma, foi cometido no domingo; e se permitirmos que esse jornal assumira isso, estaremos permitindo que ele tome liberdades de qualquer tipo. O parágrafo que inicia ‘É tolice supor que o assassinato etc...’, embora esteja impresso no L’Etoile, pode ser imaginado como tendo de fato se manifestado na mente de seu redator *assim*: ‘É tolice supor que

²³Texto breve que expressa um único pensamento principal, festivo ou satírico, de forma engenhosa.

o assassinato - se realmente um assassinato foi cometido - pudesse ter ocorrido cedo o suficiente a ponto de permitir que os assassinos jogassem o corpo no rio antes da meia-noite; afirmamos que é tolice supor tudo isso e, ao mesmo tempo, também supor (já que estamos decididos a supor) que o corpo *não* foi jogado *depois* da meia-noite'; enfim, uma frase suficientemente inconsequente, mas não um absoluto disparate como a que foi impressa.

“Se meu propósito”, prosseguiu Dupin, “fosse apenas *criar uma celeuma* sobre esse ponto da argumentação do L’Etoile, eu poderia seguramente deixar minhas considerações como estão. Entretanto, não é com o L’Etoile que temos que lidar, mas com a verdade. A frase em questão, tal como está, possui apenas um único significado, o qual já declarei; mas é fundamental que busquemos o que há por trás das meras palavras, as ideias que tais palavras obviamente pretendiam, mas fracassaram em transmitir. O jornalista planejou dizer que uma vez cometido o assassinato, a qualquer período do dia ou da noite de domingo, seria improvável os assassinos se aventurarem a carregar o cadáver até o rio antes da meia-noite. E é justamente aí onde se sustenta a hipótese que eu critico. Assumi-se que o assassinato foi cometido numa tal localização, e sob tais circunstâncias, que *carregar o corpo* até o rio tornou-se necessário. O assassinato, no entanto, pode ter ocorrido à beira do rio, ou nele próprio; e, assim, lançar o cadáver na água, a qualquer período do dia ou da noite, pode ter sido o recurso mais óbvio e mais imediato para o seu descarte. Você vai perceber que nada considero aqui como algo provável, ou coincidente com minha própria opinião. Até o momento, minhas considerações não fazem referência aos *fatos* do caso. Desejo apenas alertá-lo com relação ao tom das *cogitações* do L’Etoile, chamando sua atenção para o caráter *ex parte*²⁴ que elas assumiram.

“Tendo prescrito então um limite para adequar suas ideias preconcebidas; tendo assumido que se aquele fosse o corpo de Marie, ele só poderia ter estado na água por um período muito breve de tempo,

²⁴“Unilateral”.

o jornal prossegue dizendo:

‘A experiência tem mostrado que corpos afogados, ou corpos atirados na água imediatamente após morte violenta, requerem de seis a dez dias para uma decomposição suficiente que os traga de volta à superfície. Mesmo quando um projétil é disparado contra um cadáver e ele emerge antes de cinco ou seis dias de submersão, volta a afundar se permanecer intocado.’

“Tais afirmações têm sido tacitamente aceitas por todos os jornais de Paris, com exceção do *Le Moniteur*²⁵. Esse impresso busca rebater apenas o trecho do parágrafo que se refere a ‘corpos afogados’, citando cinco ou seis casos nos quais corpos de indivíduos sabidamente afogados foram encontrados boiando após um período de tempo menor do que aquele no qual insiste o *L’Etoile*. Mas há algo excessivamente não filosófico na tentativa do *Le Moniteur* em contestar as afirmações gerais do *L’Etoile* ao dispor de uma citação sobre ocorrências particulares que vão de encontro a tais afirmações. Se fosse possível aduzir cinquenta ao invés de cinco exemplos de corpos encontrados boiando ao término de dois ou três dias, ainda assim esses cinquenta exemplos poderiam ser adequadamente considerados apenas exceções à regra do *L’Etoile*, até o momento em que a regra propriamente dita fosse refutada. Admitindo tal regra (e ela o *Le Moniteur* não rejeita, insistindo apenas nas exceções), a argumentação do *L’Etoile* permanece forte, pois ela não tenciona envolver algo além da questão *probabilística* do corpo ter emergido em menos de três dias; probabilidade essa que estará a favor da posição do *L’Etoile* até que ocorrências tão ingenuamente aduzidas sejam suficientes em número para estabelecer uma regra antagonica.

“Você perceberá, de imediato, que qualquer argumentação envolvendo essa manchete deve ser impelida totalmente contra a regra propriamente dita; e para tal, precisamos examinar a *lógica* dessa regra. O corpo humano, em geral, não é muito mais leve nem muito mais

²⁵O “Commercial Advertiser” de Nova Iorque, editado por Col. Stone. (N. do A.)

pesado que a água do Sena; em outras palavras, a densidade relativa²⁶ do corpo humano, na sua condição natural, é aproximadamente igual à densidade relativa da água doce que ele desloca. Os corpos de pessoas gordas e corpulentas, de ossos pequenos, e também de mulheres em geral, são mais leves²⁷ que o dos magros com ossos grandes, e também de homens. Além disso, a densidade relativa da água do rio é de alguma forma influenciada pela ocorrência das marés. Mas, deixando de lado essa questão da maré, pode-se dizer que poucos corpos humanos afundam por si só, mesmo em água doce. Praticamente, qualquer um deles, caindo num rio, será capaz de boiar caso sofra o efeito da densidade relativa da água doce forte o bastante em comparação com a densidade relativa de seu corpo; em outras palavras, caso ocorra de todo o seu corpo ficar imerso, admitindo o mínimo possível de exceções. A posição conveniente para quem não consegue nadar é a posição vertical, de quem caminha sobre o solo, com a cabeça totalmente jogada para trás e imersa; permanecendo apenas boca e narinas acima da superfície da água. Assim circunstanciado, nota-se que o ser humano flutua sem dificuldade e sem esforço. Todavia, é evidente que as densidades relativas do corpo e da água deslocada equilibram-se adequadamente; e que qualquer miudeza causará a preponderância de um deles. Um braço, por exemplo, levantado da água e depois retirado o seu suporte gera peso adicional suficiente para imergir toda a cabeça, enquanto o auxílio acidental do menor pedaço de madeira é capaz de elevar a cabeça como se ela estivesse olhando em volta. Assim, o sujeito desacostumado ao nado, ao se debater, invariavelmente joga os braços para cima, enquanto tenta manter a cabeça na sua usual posição perpendicular. Disso resulta a imersão da boca e das narinas e a entrada de água nos pulmões durante os esforços para respirar sob a superfície. Muita água também é recebida pelo estômago, e então todo o corpo torna-se mais pesado por conta da diferença de peso entre o ar que originalmente preenchia tais cavidades e o fluido

²⁶Razão entre a densidade de uma substância e a densidade de uma substância de referência, geralmente a água.

²⁷Possuem menor densidade relativa.

que passa a ocupá-los. Essa diferença, como regra geral, é suficiente para promover o afundamento do corpo, mas insuficiente nos casos de indivíduos com ossos pequenos e uma quantidade anormal de gordura ou flacidez. Tais indivíduos boiam mesmo após um afogamento.

“O cadáver, supondo-o no fundo do rio, permanecerá ali até que, por algum motivo, sua densidade relativa se torne menor que a da água que deslocou. Esse efeito é provocado, entre outras causas, pela decomposição. O resultado da decomposição é produção de gás, que distende os tecidos celulósicos e todas as cavidades, ocasionando aquela aparência *inflada*, tão repulsiva. Quando tal distensão progride até o ponto onde o volume do corpo aumenta sem o correspondente aumento de *massa* ou peso, sua densidade relativa torna-se menor que a da água deslocada, e ele rapidamente aparece à superfície. A decomposição, entretanto, é influenciada por uma infinidade de circunstâncias, é acelerada ou retardada por incontáveis agentes como, por exemplo, o calor ou frio da estação, a concentração mineral ou a pureza da água, a baixa ou alta profundidade dessa água, sua velocidade ou estagnação, a temperatura do corpo, seu estado infeccioso ou saudável antes da morte. Dessa forma, fica evidente que não podemos determinar, com o mínimo de exatidão, o período de tempo a partir do qual o corpo emerge devido à decomposição. Sob certas condições ele pode ser trazido à superfície em uma hora; sob outras, isso pode não acontecer de forma alguma. Há infusões químicas pelas quais a estrutura animal pode ser preservada eternamente da deterioração: o Dicloreto de Mercúrio²⁸ é uma delas. Entretanto, além da decomposição, pode ocorrer a geração de gás dentro do estômago - algo que geralmente acontece - devido à fermentação acética de matéria vegetal (ou dentro de outras cavidades devido a outras causas), gás esse suficiente para induzir a distensão que conduz o corpo à superfície. O efeito produzido pelo disparo de um projétil advém da mera vibração: ela pode tanto soltar o corpo da lama ou do lodo onde estava

²⁸Cloreto de Mercúrio II: produto altamente tóxico, outrora ministrado para o tratamento da sífilis. Atualmente, essa substância é utilizada apenas como um reagente químico e não mais como um fármaco.

preso, permitindo que ele emerja quando outros agentes já haviam se preparado para fazê-lo, quanto pode superar a tenacidade de algumas partes putrescentes do tecido celuloso, permitindo que as cavidades se distendam pela influência do gás.

“Agora, esse parágrafo do jornal vai se afigurar, por completo, um amálgama de inconsequência com incoerência. A experiência, como um todo, *não* tem mostrado que ‘corpos afogados’ *requerem* de seis a dez dias para uma decomposição suficiente que os traga de volta à superfície. Tanto a ciência quanto a experiência têm mostrado que o período para sua emersão é, e necessariamente assim deve ser, indeterminado. Se, além disso, um corpo emergir devido ao disparo de um canhão, ele *não* ‘volta a afundar se permanecer intocado’ até que a decomposição esteja num estágio tal que todo o gás produzido tenha escapado. Entretanto, quero chamar sua atenção para a distinção que se deve fazer entre ‘corpos afogados’ e ‘corpos atirados na água imediatamente após morte violenta’. Embora o autor admita essa distinção, ele coloca ambos numa mesma categoria. Já comentei sobre como o corpo de um homem afogado torna-se mais pesado, em termos relativos, que a água deslocada por ele e sobre como ele não afunda de forma alguma, exceto nos casos onde a vítima se debate, levantando os braços acima da água e engasgando-se ao tentar respirar abaixo da superfície; algo que faz preencher com água as cavidades pulmonares originalmente ocupadas com ar. Mas estes debater-se e engasgar-se não ocorreriam em ‘corpos atirados na água imediatamente após morte violenta’. Nesse caso, *o corpo, como regra geral, não afundaria de maneira alguma*; fato do qual o L’Etoile é evidentemente ignorante. Quando o estágio de decomposição já está muito avançado - quando a carne já se desprende bastante dos ossos -, então, somente nessa etapa, e *não antes*, pode-se perder o cadáver de vista.

“E agora, o que devemos fazer com o argumento de que o corpo pode não ser o de Marie Rogêt por ter sido encontrado boiando após um período de apenas três dias? Se fosse um caso de afogamento, sendo mulher, ela poderia nunca ter afundado; ou, tendo afundado, poderia ter reaparecido em vinte e quatro horas, ou menos. Entre-

tanto, ninguém supôs que fosse um caso de afogamento; logo, morta antes de ser atirada ao rio, ela pode ter sido encontrada boiando num momento qualquer após o assassinato.

“ ‘Mas’, diz o L’Etoile, ‘se o corpo, mantido seu estado estropiado, tivesse permanecido nas margens até terça-feira à noite, seria encontrado no local algum indício dos assassinos.’ Aqui é difícil perceber a intenção do redator. Ele tenciona antecipar o que imagina ser uma objeção à sua teoria; a saber, a teoria de que o corpo foi mantido nas margens por dois dias, sofrendo rápida decomposição, *mais* rápida do que se estivesse imerso na água. O redator supõe que, se fosse esse o caso, o corpo *deveria* ter aparecido à superfície na quarta-feira, e acredita que *apenas* nessas circunstâncias isso poderia acontecer. Em consequência, ele se apressa em salientar que o corpo *não foi* mantido nas margens; pois, se assim ocorresse, ‘seria encontrado no local algum indício dos assassinos.’ Presumo que esteja rindo da *ilação*. Você não está conseguindo ver como a mera *permanência* do corpo às margens do rio poderia *proliferar indícios* dos assassinos. E nem eu.

“Além disso, é altamente improvável’, prossegue o nosso jornal, ‘que algum vilão, ao cometer um assassinato como este aqui considerado, jogasse o corpo sem um peso para fazê-lo afundar, quando tal precaução poderia ser facilmente tomada.’ Observe aqui a hilariante confusão de raciocínio! Ninguém - nem mesmo o L’Etoile - contesta o assassinato cometido *no corpo que foi encontrado*. As marcas de violência são bastante óbvias. O único objetivo do nosso redator é mostrar que o corpo não é o de Marie. Ele deseja demonstrar que *Marie* não foi assassinada - não que o cadáver não tenha sido. Contudo, sua observação demonstra apenas o segundo ponto. Há um cadáver sem um peso amarrado. Assassinos, lançando-o na água, não fracassariam em atar-lhe um peso. Logo, o corpo não foi jogado por assassinos. Se algo foi realmente demonstrado, isso foi tudo o que ele conseguiu. A questão da identidade sequer foi tocada, e o L’Etoile tem feito um grande esforço para contradizer agora o que admitiu momentos antes. ‘Estamos absolutamente convencidos’, diz o jornal, ‘que o corpo encontrado é o de uma mulher assassinada.’

“E esse não é o único caso, mesmo nessa parte de seu texto, que nosso redator inadvertidamente argumenta contra si próprio. Seu objetivo evidente, como já disse, é reduzir, o máximo possível, o período entre o desaparecimento de Marie e a descoberta do cadáver. Contudo, deparamos com ele *insistindo* na tese de que nenhuma pessoa viu a garota desde o momento que ela deixou a casa da mãe. ‘Não temos evidências’, diz ele, ‘de que Marie Rogêt estava entre os vivos após às nove horas do domingo, vinte e dois de junho.’ Como seu argumento é obviamente *ex parte*, ele deveria, pelo menos, ocultar esse assunto, pois caso se descobrisse alguém que houvesse visto Marie, digamos, na segunda, ou na terça-feira, o período em questão seria muito menor, e, por seu próprio raciocínio, a probabilidade do cadáver ser o da *grisette* diminuiria bastante. Todavia, é divertido observar que o L’Etoile insiste nesse ponto, acreditando piamente que isso promoverá seu argumento geral.

“Reexaminemos agora com cuidado a parcela dessa argumentação que faz referência à identificação do cadáver por Beauvais. A respeito dos *pelos* sobre o braço, o L’Etoile foi claramente ardiloso. M. Beauvais, não sendo um idiota, jamais mencionaria, na identificação do cadáver, somente pelos *sobre um braço*. Braço algum é *desprovido* de pelos. A declaração *genérica* do L’Etoile é uma mera degeneração da fraseologia da testemunha. Beauvais deve ter falado sobre alguma *peculiaridade* desses pelos; alguma peculiaridade em sua cor, quantidade, comprimento ou disposição.

“ ‘Seu pé’, diz o jornal, ‘era pequeno - também o são milhares de pés. Sua jarreteira²⁹ não é prova de coisa alguma, e também seus sapatos, pois sapatos e jarreteiras são vendidos em engradados. O mesmo pode ser dito das flores em seu chapéu. Um ponto no qual M. Beauvais insiste fortemente é que o fecho da jarreteira encontrada havia sido liberado para que ela fosse ajustada. Mas isso não significa coisa alguma porque a maioria das mulheres julga mais apropriado levar um par de jarreteiras para casa e ali ajustá-las ao tamanho das

²⁹Liga em forma de anel que cinge uma meia à perna.

pernas do que experimentá-las na loja onde as comprou.’ Aqui é difícil supor seriedade por parte do redator. Se M. Beauvais, procurando o corpo de Marie, descobrisse um cadáver compatível com o tamanho e a aparência da desaparecida, ele teria confiança (sem referência à qualquer questão de vestuário) para formar a opinião de que sua busca havia sido bem sucedida. Se, além do tamanho e dos contornos do corpo, ele tivesse encontrado pelos de aparência peculiar sobre o braço, os quais observara em Marie ainda viva, sua opinião poderia se fortalecer justificadamente; e o aumento da certeza poderia muito bem ser compatível com o grau de peculiaridade, ou do caráter incomum, do sinal peloso. Sendo os pés de Marie pequenos, se os do cadáver também o fossem, o aumento da probabilidade do corpo ser da garota não resultaria de um aumento a taxas meramente aritméticas, mas em grande parte geométricas ou cumulativas. Acresça-se a tudo isso estes sapatos iguais aos que se apurou Marie estar usando no dia de seu desaparecimento, e embora tais sapatos sejam ‘vendidos em engradados’, ficam ampliadas, por esse e outros motivos, as chances de se delimitar certezas. Aquilo que por si só não seria evidência de identificação torna-se, por conta de sua condição comprobatória, prova das mais seguras. Assim, deem-nos flores num chapéu, correspondentes àquelas que a desaparecida estava usando, e nada mais procuraremos. Se nos derem apenas *uma* flor, nada mais procuraremos - o que dizer então de duas, três ou mais? Cada flor que se acresce avulta a evidência; não é prova que se *adiciona* à prova, mas que se *multiplica* em centenas ou milhares delas. Vamos descobrir agora, na falecida, jarreteiras que ela costumava usar quando estava viva; muito embora seja uma tolice prosseguir com isso. Ocorre que essas jarreteiras são cingidas, pelo ajuste de um fecho, exatamente da mesma forma que Marie cingira as dela momentos antes de sair de casa. Então, é loucura ou hipocrisia levantar dúvida. O que o L’Etoile diz sobre o caráter usual desse encurtamento da jarreteira nada revela além da sua persistência no erro. A natureza elástica de uma jarreteira com fecho demonstra por si só o caráter *incomum* do encurtamento. Aquilo que é feito para se auto ajustar pode, por necessidade, requerer um ajuste manual; mas

isso é raro. Deve ter sido uma casualidade, em seu sentido estrito, essas jarreteiras de Marie precisarem do aperto citado. Elas, por si só, já determinariam indubitavelmente a identidade da garota. Entretanto, não é que o cadáver tenha sido encontrado com as jarreteiras da desaparecida, ou calçado com os sapatos dela, ou vestido com sua touca, ou com as flores da sua touca, ou tendo os pés idênticos, ou uma marca peculiar no braço, ou seu tamanho e sua aparência gerais; mas trata-se de um cadáver que tem tudo isso, *cumulativamente*. Se conseguissem provar que o editor do *L'Etoile* realmente cogitou levantar dúvidas nessas circunstâncias, então não haveria necessidade, para o seu caso, de um mandato *de lunatico inquirendo*³⁰. Ele julgou perspicaz ecoar a conversa fiada dos advogados que, na sua maioria, contentam-se em ecoar os preceitos bitolados dos tribunais. Eu diria que muito do que um tribunal rejeita como prova é, para o intelecto, a melhor das evidências, pois o tribunal, guiado por princípios genéricos de evidenciação - princípios conhecidos e registrados -, tem aversão a mudar de ideia em certos casos particulares. Esta inabalável aderência a princípios, negligenciando vigorosamente qualquer exceção contrária, é um meio seguro de alcançar o máximo da verdade atingível, em qualquer período longo de tempo. Portanto, no conjunto, tal prática é filosófica; mas não é menos garantido que ela engendre enormes erros individuais^{31 32}.

“Em relação às insinuações levantadas contra Beauvais, você vai resolver descartá-las num instante. Você já deve ter perscrutado o

³⁰Documento que solicita averiguação da sanidade mental de uma pessoa.

³¹“Uma teoria fundamentada nas qualidades de um objeto impedirá que ele seja revelado segundo suas finalidades; e aquele que organiza temas de acordo com suas causas, não mais os avaliará de acordo com seus resultados. Assim, a jurisprudência de cada nação mostrará que o direito deixa de ser justiça quando se torna ciência e sistema. Os erros que vêm conduzindo o direito comum a uma devoção cega a princípios de classificação serão constatados ao se observar a frequência com que o legislador se vê obrigado a agir para restaurar a equidade perdida.” LANDOR. (N. do A.)

³²A citação no rodapé anterior foi extraída do romance “Stanley” escrito pelo jurista e crítico literário norte-americano Horace Binney Wallace (1817-1852), sob o pseudônimo de William Landor.

verdadeiro caráter desse senhor de boa índole. Ele é do tipo *indiscreto*, dotado de muito sentimentalismo e pouca perspicácia. Qualquer pessoa com essas características comportar-se-á, numa ocasião de *profunda* agitação, de uma tal maneira que a tornará suspeita aos olhos excessivamente aguçados ou tendenciosos. M. Beauvais, como se afigura em suas anotações, teve algumas entrevistas particulares com o editor do L'Etoile, afrontando-o ao se aventurar na opinião de que o cadáver, não obstante a teoria proposta pelo editor, era de fato o de Marie. 'Ele insiste', diz o jornal, 'em afirmar que o cadáver é o de Marie, mas não consegue apresentar um contexto, além daqueles sobre os quais já comentamos, que faça com que outros acreditem em sua opinião.' Mas, sem aludir novamente ao fato de que uma evidência mais contundente para fazer 'com que os outros acreditem' *jamaiz* poderia ser aduzida, pode-se comentar que, em casos deste tipo, é compreensível alguém acreditar em algo sem dispor de habilidade para dar uma única razão dessa crença a um terceiro. Nada é mais vago do que as impressões de uma identidade particular. Cada qual reconhece seu vizinho, todavia poucos são os exemplos de alguém preparado para dar razões à tal reconhecimento. O editor do L'Etoile não tinha o direito de se sentir afrontado pela convicção, sem as devidas razões, de M. Beauvais.

"Notar-se-á que as circunstâncias suspeitas que o envolvem encaixam-se muito melhor em minha hipótese de uma *sentimental indiscrição* do que na sugestão de culpa feita pelo redator. Uma vez adotada essa interpretação mais benevolente, não encontraremos dificuldades para compreender a rosa no buraco da fechadura; o nome 'Marie' na lousa; o 'enxotou de seu caminho os parentes homens'; o 'avesso à ideia de permitir que os parentes vissem o corpo'; a admoestação dada à Madame B— para que ela não conversasse com *gendarme* algum até o seu retorno (retorno de Beauvais); e, por último, sua evidente determinação para que ninguém tivesse 'qualquer contato com a evolução do caso, exceto ele próprio'. A mim me parece inquestionável que Beauvais era um pretendente de Marie; que ela coqueteou para ele; e que ele ambicionava ser considerado para gozar de sua total intimi-

dade e total confiança. Nada mais direi sobre esse ponto e, como as evidências refutam completamente as afirmações do L'Etoile no que diz respeito a *apatia* da mãe e outros parentes - apatia inconsistente com a suposição de que eles consideravam o cadáver como sendo da garota da perfumaria -, prosseguiremos agora como se essa questão da *identidade* estivesse perfeitamente resolvida.”

“E o que você acha’, indaguei em seguida, “sobre as opiniões do Le Commercial?”

“Acho que, na sua essência, elas são bem mais dignas de atenção do que qualquer outra já veiculada sobre o assunto. As deduções, obtidas a partir de premissas, são filosóficas e inteligentes; embora tais premissas, em duas ocasiões pelo menos, estejam fundadas numa observação imperfeita. O Le Commercial quer insinuar que Marie foi capturada, não muito longe da casa da mãe, por alguma gangue de facínoras. ‘É impossível’, insiste o jornal, ‘que alguém tão conhecido por centenas de pessoas, como esta jovem, pudesse ter passado por três quarteirões sem ter sido visto por pessoa alguma.’ Essa ideia foi levantada por um homem que reside há muito em Paris, um homem público, um homem que ao andar pela cidade, limita-se, na maior parte das vezes, aos arredores das repartições públicas. Ele percebe que *ele próprio*, ao passar por uma dezena de quarteirões próximos ao seu escritório, raramente deixa de ser reconhecido e abordado. Assim, ciente de ser um pessoa bastante conhecida pelos outros, e os outros por ele, o editor compara sua notoriedade com a da garota da perfumaria e considera que não há muitas diferenças entre elas, chegando de imediato à conclusão de que ela, em suas andanças, seria igualmente passível de reconhecimento como ele. Assim poderia ser caso as andanças da garota tivessem a mesma natureza invariante, metódica, circunscritas a uma região limitada, com características *similares* às dele. Caminhando, ele vai e vem, em intervalos regulares, numa periferia restrita, abundante de indivíduos propensos à observação de sua pessoa por conta da natureza similar de suas ocupações com a dele. Pode-se supor que as andanças de Marie eram, em geral, divagantes. Nessa ocasião particular, considerar-se-á mais provável

ela ter tomado um caminho sensivelmente diverso daqueles que ela costumava tomar. A comparação que imaginamos ter ocorrido ao Le Commercial só se sustentaria no caso de dois indivíduos atravessando a cidade inteira. Nessa circunstância, admitindo idênticas ambas as notoriedades, as chances de ocorrer um igual número de encontros seriam também idênticas. De minha parte, sustento ser não apenas possível, mas muito além do provável, que Marie tenha tomado, em todas as suas visitas, um dos caminhos quaisquer entre a sua residência e a da tia sem encontrar um só indivíduo conhecido por ela, ou que a conhecesse. Observando essa questão sob uma perspectiva ampla e apropriada, devemos manter - de uma maneira firme - em mente a enorme desproporção de pessoas conhecidas que existe até mesmo entre o mais notável indivíduo de Paris e toda a população da cidade.

“Mas qualquer estímulo que ainda possa surgir e que vá ao encontro das sugestões do Le Commercial será arrefecido quando levarmos em conta *a hora* na qual a garota partiu. ‘Quando ela saiu’, diz o Le Commercial, ‘as ruas estavam cheias de gente’. Mas isso não é verdade. Eram nove horas da manhã. Às nove horas, todas as manhãs, *com exceção da manhã domingo*, é bem verdade que as ruas da cidade estão abarrotadas de gente. Às nove no domingo, a população está principalmente dentro de casa, preparando-se para ir à igreja. Nenhuma pessoa mais observadora consegue deixar de notar a atmosfera singularmente deserta da cidade, desde cerca de oito horas até às dez da manhã em todos os dias do Senhor. Entre dez e onze, as ruas ficam abarrotadas, mas não tão cedo como o período citado.

“Há um outro ponto onde parece haver uma falha de *observação* por parte do Le Commercial: ‘De uma das anáguas da desafortunada’, diz o jornal, ‘um pedaço, com dois pés de comprimento e um pé de largura, foi rasgado e amarrado sob seu queixo, passando pela parte de trás da cabeça, provavelmente para impedir gritos. Isso foi realizado por indivíduos que não possuíam um lenço de bolso.’ Se essa ideia está bem ou má fundamentada, buscaremos verificar posteriormente; de qualquer forma, por ‘indivíduos que não possuíam um lenço de bolso’ o editor se refere à classe mais baixa dos facínoras. Entretanto,

o texto descreve justamente um tipo de gente que sempre é encontrado possuindo um lenço, mesmo que esteja destituído de camisa. Nos últimos anos, você deve ter tido a oportunidade de observar o quanto se tornou absolutamente indispensável aos canalhas meticulosos o lenço de bolso.”

“E o que devemos nós concluir”, perguntei, “do artigo do Le Soleil?”

“Que é uma pena seu redator não ter nascido um papagaio; se assim ocorresse, esse indivíduo teria sido o mais ilustre papagaio de sua raça. Ele apenas repetiu as opiniões já publicadas; coligindo-as, com louvável diligência, deste e daquele jornal. ‘*Evidentemente*, todos os objetos permaneceram ali’, diz o jornal, ‘pelo menos três ou quatro semanas... e ‘*não pode haver dúvidas* de que a cena desta atrocidade estarrecedora foi descoberta.’ Os fatos aqui reafirmados pelo Le Soleil estão, na verdade, muito longe de solucionar as dúvidas que eu mesmo tenho sobre esse assunto, fatos que examinaremos em particular mais à frente, relacionando-os com uma outra parte do tema.

“Neste momento, devemos nos ocupar com outras investigações. Você não deve ter deixado de observar a extrema displicência no exame do cadáver. Devo dizer que a questão da identidade foi prontamente resolvida, ou deveria ter sido; mas há outros pontos a serem averiguados. Os corpo foi, de alguma maneira, *espoliado*? A falecida usava artigos de joalheria ao sair de casa? Se sim, ela ainda estava com algum ao ser encontrada? Eis perguntas importantes que as evidências deixaram completamente intocadas; e há outras de igual importância às quais não foi dada a devida atenção. Devemos nos empenhar para atender nossas demandas através de inquérito particular. O caso de St. Estauche precisa ser reexaminado. Sobre ele, não tenho suspeitas; mas vamos proceder metodicamente. Averiguaremos, de forma a não deixar dúvidas, a validade dos depoimentos escritos sobre o seu paradeiro no domingo. Depoimentos escritos dessa natureza são quase matéria pronta para mistificação. Entretanto, se nada houver de errado com elas, descartaremos St. Eustache de nossas investigações. Seu suicídio, embora suscitante de suspeitas e ainda que se descubra

ter sido uma farsa, não é, de maneira alguma, uma circunstância que se possa preterir ou que nos obrigue a desviar da linha usual de análise.

“E em tal análise, que agora proponho, nós descartaremos os elementos internos dessa tragédia e concentraremos nossa atenção nos periféricos. Em investigações como esta, não é erro dos menos comuns limitar-se à investigação do imediato com a total negligência nos eventos colaterais ou circunstanciais. Trata-se do mal hábito dos tribunais em restringir as evidências e a discussão aos limites do que é aparentemente relevante. Contudo, a experiência tem mostrado, e a verdadeira filosofia sempre mostrará, que grande - talvez a maior - parte da verdade emana do que parece ser irrelevante. Através da essência desse princípio, não precisamente através de seu texto, a ciência moderna resolveu *prognosticar considerando os imprevistos*. Mas talvez você não esteja me compreendendo. A história do conhecimento humano tem mostrado sistematicamente que aos eventos colaterais, ou incidentais, ou acidentais devemos a grande maioria das descobertas e também as mais valiosas; tem mostrado que se tornou altamente necessário, qualquer que seja a perspectiva de avanço, fazer não apenas grandes concessões, mas as maiores concessões possíveis, às criatividades que por acaso apareçam e que estejam sensivelmente fora do âmbito da expectativa ordinária. Não é mais filosófico alicerçar sobre aquilo que já foi a visão daquilo que será. O *acidental* é agora considerado como parte da infraestrutura. Tornamos a sorte matéria passível de cálculo absoluto. Submetemos o que não se vê e o que não se imagina às fórmulas matemáticas tratadas nas escolas.

“Reitero não ser nada além de um fato que a *maior* parcela da verdade emane do colateral; e é de acordo com a essência do princípio envolvido nesse fato que eu desviaria, no presente caso, as investigações do desgastado e até agora infrutífero campo do evento propriamente dito para as circunstâncias vigentes que o cercaram. Enquanto você averigua a validade dos depoimentos escritos, eu examinarei os jornais de uma maneira mais geral do que você já fez. Até o momento, nós apenas esquadrinhamos o campo de investigação; mas será de fato estranho se um exame abrangente dos impressos públicos, tal como

proponho, não nos proporcionar sequer o menor dos indícios que possa estabelecer uma direção de investigação.”

Seguindo a orientação de Dupin, procedi a uma meticulosa verificação dos depoimentos escritos. O resultado foi a firme convicção de sua veracidade e da consequente inocência de St. Eustache. Entretanto, meu amigo ocupou-se com o que me pareceu um escrutínio pormenorizado e ao mesmo tempo sem objetivo de várias páginas de jornais. Ao final de uma semana, ele colocou diante de mim os seguintes excertos:

Há cerca de três anos e meio, uma confusão bastante similar à atual, foi provocada pelo desaparecimento desta mesma Marie Rogêt, funcionária da perfumaria do Monsieur Le Blanc, no Palais Royal. Entretanto, no final da semana, ela reapareceu ao seu costureiro *comptoir*³³, tão bem quanto antes, exceto por uma ligeira palidez não muito comum. Sua mãe e Monsieur Le Blanc divulgaram que a garota apenas tinha ido fazer uma visita a uma amiga no interior; e o caso foi rapidamente abafado. Presumimos que a ausência em questão seja uma esquisitice da mesma natureza e que, ao término de uma semana, ou talvez um mês, ela estará entre nós novamente. — *Jornal Vespertino, segunda-feira, 23 de junho.*³⁴

Ontem, um jornal vespertino se referiu a um antigo desaparecimento misterioso de Mademoiselle Rogêt. Sabe-se muito bem que durante a semana em que garota se ausentou da perfumaria de Le Blanc, ela estava em companhia de um jovem oficial naval, muito conhecido por seus deboches. Supõe-se que uma briga a fez providencialmente retornar para casa. Temos o nome do Lotário³⁵ em questão, que está atualmente estacionado em Paris, mas, por razões óbvias, evita tornar público esse fato. — *Le Mercurie, manhã de terça-feira, 24 de junho.*³⁶

Anteontem, um ultraje dos mais atrozes foi perpetrado perto desta cidade. Um cavalheiro, com sua esposa e filha, contratou, às

³³“Balcão”.

³⁴O “Express” de Nova Iorque. (N. do A.)

³⁵Personagem da história “El Curioso Impertinente”, presente no romance “Dom Quixote”, de Miguel de Cervantes. Lotário seduziu inescrupulosamente a esposa de seu melhor amigo.

³⁶O “Herald” de Nova Iorque. (N. do A.)

margens do Sena, por volta do anoitecer, os serviços de seis jovens que remavam num barco, indo e vindo, para que o transportasse fazendo a travessia do rio. Ao chegarem à margem oposta, os três passageiros desceram e já haviam andado uma distância tal que não avistavam mais o barco quando a garota descobriu que havia deixado sua sombrinha na embarcação. Ela então retornou, foi capturada pela gangue, levada de volta ao rio, tratada de forma brutal e finalmente deixada num ponto da margem não muito distante de onde havia originalmente entrado no barco com seus pais. Por hora, os vilões ainda estão foragidos, mas a polícia já está no encalço e alguns deles serão capturados em breve. — *Jornal Matutino, 25 de junho*.³⁷

Recebemos uma ou duas denúncias cuja intenção era atrelar à Mennais³⁸ a culpa pela antiga atrocidade cometida; mas como esse cavalheiro foi integralmente exonerado pelo inquérito policial e como os argumentos de vários correspondentes nossos parecem ser mais zelosos que profundos, julgamos inadequado tornar públicas tais denúncias. — *Jornal Matutino, 28 de junho*.³⁹

Recebemos diversas denúncias escritas, aparentemente de diversas fontes, que extensivamente dão como certo que a desafortunada Marie Rogêt tenha sido vítima de um dos diversos bandos de canalhas que infestam as cercanias da cidade no domingo. Nossa opinião é decididamente favorável a essas suspeitas. Daqui em diante, procuraremos dar espaço a alguns desses argumentos. — *Jornal Vespertino, terça-feira, 31 de junho*^{40, 41}

Na segunda-feira, um dos barqueiros de uma barcaça ligada aos serviços do fisco avistou um barco vazio percorrendo o Sena. Tecidos de vela foram encontrados no assoalho do barco. O barqueiro o rebocou até atracá-lo no “barge office”⁴². Na manhã seguinte, o barco foi levado dali, sem o conhecimento de qualquer oficial.

³⁷O “Courier and Inquirer” de Nova Iorque. (N. do A.)

³⁸Mennais foi um dos suspeitos que à princípio foram presos, mas depois soltos por total falta de evidências. (N. do A.)

³⁹O “Courier and Inquirer” de Nova Iorque. (N. do A.)

⁴⁰O erro na data foi cometido pelo autor.

⁴¹O “Evening Post” de Nova Iorque. (N. do A.)

⁴²Espécie de repartição pública construída no litoral ou às margens de um rio, responsável por serviços de aduana, imigração entre outros.

O leme está agora no “barge office”. — *Le Diligence, quinta-feira, 26 de junho*.⁴³

Após ler esses vários excertos, eles não me soaram apenas irrelevantes, mas também não consegui perceber uma forma na qual pudessem sustentar as questões em voga. Esperei alguma explicação de Dupin.

“Por hora, não faz parte dos meus planos”, disse ele, “*estender-me* no primeiro e segundo excertos. Eu os copiei para mostrar à você, principalmente, a negligência extrema da polícia que, até onde consegui perceber pelas informações do prefeito, não se deu ao menor trabalho de investigar o citado oficial naval. Ainda assim, trata-se de mera tolice dizer que entre o primeiro e o segundo desaparecimento, não há conexão *admissível*. Consideremos que a primeira fuga dos amantes resultou numa briga entre eles e no retorno à casa pela traída Marie. Estamos aptos a enxergar agora uma segunda *fuga* (*admitindo* que uma nova fuga ocorreu) indicando uma renovação das investidas do traidor e não o resultado de novas promessas feitas por um segundo indivíduo - podemos considerar tal fuga a consequência de uma reconciliação em prol do antigo *amour* ao invés do início de um novo. É de dez para um a chance do rapaz que fugiu com Marie pela primeira vez ter proposto novamente uma outra fuga ao invés da garota, para a qual propostas de fuga haviam sido feitas por um certo indivíduo, tê-las recebido de um outro. Nesse ponto, permita-me chamar sua atenção para o fato de que o tempo transcorrido entre a primeira fuga efetiva e a suposta segunda é poucos meses mais longo que o período habitual das viagens marítimas de nossos soldados em guerra. Foi interrompido o amante, em sua primeira vilania, pela necessidade de partir para o mar ou teria ele reservado para o primeiro momento após sua chegada a renovação dos planos ainda não inteiramente realizados; ainda não inteiramente realizados por *ele próprio*? De tudo disso, nada sabemos.

“Você vai dizer, entretanto, que na segunda vez não houve fuga

⁴³O “Standard” de Nova Iorque. (N. do A.)

propriamente dita. Certamente que não; mas, estamos nós preparados para afirmar que um plano frustrado não ocorreu? Além de St. Eustache, e talvez Beauvais, não conseguimos encontrar sequer um pretendente de Marie conhecido, declarado ou ilustre. Sobre nenhum outro pretendente, nada foi dito. Quem é então este amante secreto do qual os parentes (a maioria deles, pelo menos) nada sabem, mas que Marie se encontrou na manhã de domingo, sendo de sua tão absoluta confiança que ela sequer hesitou em permanecer com ele até que declinassem as sombras da noite por entre os bosques solitários do Barrière du Roule? Quem é este amante secreto, repito, do qual a maioria dos parentes nada sabem? E o que significa esta singular profecia de Madame Rogêt na manhã em que Marie partiu: ‘Temo jamais ver Marie novamente’?

“Mas se não é possível imaginar Madame Rogêt cúmplice do plano de fuga dos amantes, podemos ao menos supor esse plano sendo acolhido pela garota? Ao sair de casa, ela deu a entender que foi visitar a tia na Rue des Drômes e que St. Eustache foi solicitado para trazê-la de volta à noite. À primeira vista, esse fato vai fortemente de encontro às minhas hipóteses; mas, vamos refletir. É sabido que ela *de fato* se encontrou com um amigo e que atravessou o rio com ele, alcançando o Barrière du Roule por volta das três horas da tarde. Entretanto, ao consentir em acompanhar esse indivíduo (*por qualquer motivo que seja; quer sua mãe soubesse ou não*), ela deve ter pensado em sua intenção precípua ao sair de casa, e também na surpresa e desconfiança que seriam despertadas no coração de seu prometido pretendente St. Eustache quando, ao tentar chamá-la na hora combinada, à Rue des Drômes, ele descobrisse que por lá ela não estivera e, ademais, quando retornasse à *pension* com tais preocupações, ele ficasse sabendo que ela ainda estava ausente de casa. Marie deve ter pensado nessas coisas, creio eu; deve ter antevisto a decepção de St. Eustache, suas desconfianças por tudo aquilo. Ela não retornaria para enfrentar tais suspeitas; além disso, elas adquiriram uma importância trivial, considerando que Marie *não* tinha intenções de voltar.

“Podemos então imaginar seus pensamentos: ‘Vou encontrar uma

certa pessoa com um certo propósito de fuga ou com outros propósitos que só eu mesma sei. É necessário que não haja oportunidades para interrupções. Devemos nos conceder tempo suficiente para que a fuga seja realizada. Vou dar a entender que visitarei minha tia e passarei o dia com ela à Rue des Drômes. Direi à St. Eustache para não ir me buscar até o anoitecer; assim, minha ausência de casa durante o maior tempo possível, sem causar suspeita ou expectativa alguma, estará explicada; com isso, ganharei mais tempo do que com qualquer outra estratégia. Se eu pedir à St. Eustache para que me busque à noite, ele certamente não o fará antes desse período; mas, se eu não pedir, meu tempo para escapar ficará diminuído, uma vez que surgirá a expectativa de que eu retorne mais cedo e minha ausência vai logo suscitar preocupações. Agora, se eu tivesse planejado voltar *realmente*, se minha intenção fosse apenas dar uma volta com o indivíduo em questão, eu não teria adotado a estratégia de pedir à St. Eustache que me buscasse; pois, ao me buscar, ele iria *certamente* descobrir que eu o havia enganado; fato do qual eu deveria mantê-lo em completa ignorância, saindo de casa sem informá-lo de minha visita e retornando antes do anoitecer; explicando depois que tinha estado com minha tia à Rue des Drômes. Entretanto, como meu objetivo é *jamaiz* retornar, ou pelo menos por algumas semanas, ou até que certos segredos sejam empreendidos, ganhar tempo é o único ponto sobre o qual preciso tratar de me preocupar.

“Você observou em suas anotações que a opinião mais geral em relação a este triste episódio é - e sempre foi desde o início - de que a garota havia sido vitimada por uma *ganque* de canalhas. A opinião popular, sob certas condições, não pode ser desconsiderada. Quando ela emerge por si só, quando ela se manifesta de uma maneira absolutamente espontânea, devemos enxergá-la como algo análogo àquela *intuição* típica das idiossincrasias de um indivíduo genial. De cem casos, em noventa e nove deles eu me apoiaria em tal opinião. Mas é importante que não encontremos um só traço palpável de *sugestão*. A opinião deve ser rigorosamente do *próprio público*, mas uma distinção é, às vezes, extremamente difícil de perceber e de se manter.

No presente caso, parece-me que esta tal ‘opinião pública’, em relação à *gangue*, tem sido super induzida pelo efeito colateral detalhado no terceiro de meus excertos. Toda Paris agitou-se com a descoberta do cadáver de Marie; uma moça jovem, bonita e conhecida. Esse cadáver foi encontrado apresentando marcas de violência, boiando no rio. Agora, sabe-se que, no mesmo período ou próximo a ele, em que essa garota foi assassinada, um ultraje similar ao enfrentado pela falecida, embora menor em intensidade, foi perpetrado por uma gangue de jovens facínoras contra uma segunda garota. Parece algo fantástico uma atrocidade desvendada influenciar o julgamento popular a respeito de outra, não desvendada? Esse julgamento aguardava um direcionamento, e o desvendado ultraje parece tê-lo conseguido! Também Marie foi encontrada no rio; e nesse mesmo rio, cometeu-se a tal atrocidade que foi desvendada. O vínculo entre os dois eventos era de tal forma palpável que seria algo realmente fantástico se a população *não conseguisse* estabelecê-lo e apreendê-lo. Entretanto, uma atrocidade, tendo sido cometida de uma certa forma, é, na verdade e antes de tudo, evidência de que a outra, perpetrada num período praticamente coincidente, *não* foi cometida dessa mesma forma. Teria sido de fato um milagre se, enquanto uma gangue de facínoras perpetrava, numa dada localidade, uma crueldade das mais inacreditáveis, houvesse uma outra gangue similar realizando - numa localidade similar, na mesma cidade, sob as mesmas circunstâncias, com os mesmos meios e dispositivos à disposição - outra crueldade, com precisamente as mesmas características, exatamente no mesmo período! Assim, em que se fundamenta, a não ser nessa maravilhosa cadeia de coincidências, a opinião inadvertidamente *sugestionada* da população para nos fazer acreditar nela?

“Antes de prosseguirmos, vamos considerar a suposta cena do assassinato, como sendo o matagal situado no Barrière du Roule. Esse matagal, embora denso, é bem próximo a uma via pública, dentro do qual há de três a quatro pedras grandes que formam um espécie de assento, com encosto e escabelo. Sobre a pedra mais alta, descobriu-se uma anágua branca; sobre a segunda, uma echarpe de seda. Ali tam-

bém foram encontrados uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso. O lenço trazia o nome ‘Marie Rogêt’. Fragmentos do vestido foram vistos nos arbustos em volta. O solo encontrava-se pisoteado, os arbustos quebrados, e havia evidências claras de uma luta violenta.

“Não obstante a aclamação com a qual a descoberta desse matagal foi recebida pela imprensa e a unanimidade que o considerou a exata cena do ultraje, deve-se admitir que havia ainda algumas boas razões para dúvida. Que *foi* essa a cena do crime, posso até acreditar, ou não; mas há uma excelente razão para se duvidar. Se a *real* cena do crime, como sugere o *Le Commercial*, estivesse localizada nas vizinhanças da Rue Pavée St. Andrée, os executores da atrocidade, considerando-os ainda residentes em Paris, seriam acometidos de pavor ante à atenção pública fortemente direcionada aos canais apropriados; e, em alguns tipos de mentes, surgiria imediatamente um senso de necessidade para dispender esforço no sentido de desviar tal atenção. E então, já colocado sob suspeita o matagal no Barrière du Roule, a ideia de colocar os objetos ali onde foram encontrados deve ter sido cogitada naturalmente. Não há evidência palpável - embora o *Le Soleil* assim o suponha - de que os objetos descobertos tenham permanecido no matagal por mais de alguns poucos dias; embora haja diversas provas circunstanciais de que não poderiam ter estado ali, sem atrair a devida atenção, durante os vinte dias que transcorreram entre o domingo fatal e a tarde em que foram encontrados pelos meninos. ‘Eles *mofaram* bastante’, diz o *Le Soleil*, adotando as opiniões de seus predecessores, ‘devido à ação da chuva, ficando grudados um no outro por causa do *bolor*. A grama já havia crescido em volta e sobre alguns deles. A seda da sombrinha era resistente, mas suas fibras estavam coladas umas nas outras por dentro. A parte superior, onde o tecido era duplo e dobrado, estava toda *mofada* e apodrecida, rasgando-se quando a sombrinha foi aberta.’ À respeito da grama ter ‘crescido em volta e sobre alguns deles’, é evidente que essa informação só pode ter sido obtida a partir das palavras e, portanto, das lembranças, de dois meninos, uma vez que eles removeram os objetos e os levaram para casa antes que pudessem ser vistos por um terceiro. Entretanto,

gramas crescem, especialmente num clima quente e úmido como o do período do assassinato, de duas a três polegadas num único dia. Uma sombrinha sobre o solo onde a relva é recente pode, em uma semana, ficar completamente escondida pela grama que brotou. No tocante ao mofo em que o editor do *Le Soleil* insiste tão obstinadamente e ao qual se refere não menos que três vezes no breve parágrafo citado, será que ele desconhece a natureza desse tipo de *bolor*? Precisamos informá-lo que se trata de uma entre diversas classes de *fungos* cuja característica mais comum é seu nascimento e morte ocorrerem dentro de um período de vinte e quatro horas?

“Assim, podemos concluir, num átimo, que as razões mais gloriolosamente consideradas para sustentar a ideia dos objetos terem permanecido ‘por pelo menos três ou quatro semanas’ no matagal são tão absurdas quanto qualquer outra evidência que se levante sobre esse fato. Dessa forma, é extremamente difícil acreditar que tais objetos pudessem ter permanecido no citado matagal por um período superior à uma semana, superior ao período de um domingo a outro. Aqueles que conhecem alguma coisa sobre os arredores de Paris sabem da extrema dificuldade para se encontrar *isolamento*. Ali, lugar parecido com um retiro inexplorado ou mesmo pouco visitado, cercado por matas e pomares, não é algo que se imagine, nem por um minuto. Consideremos alguém que, sendo um profundo amante da natureza, esteja agrilhado por seus afazeres à poeira e ao calor desta grande metrópole; alguém que procure, mesmo nos dias de semana, atenuar sua ânsia por solidão entre os cenários naturais aprazíveis que repentinamente nos envolvem. Num segundo momento, invariavelmente, tal pessoa verá toda essa beleza crescente sendo dissipada pela voz ou pela intromissão de algum facínora, de algum bando de canalhas festeiros. Pelas densas folhagens, ela tentou buscar um pouco de privacidade em vão. Pois esses são justamente os mesmos recantos infestados pela escória, são os templos que ela mais profana. Profundamente enojado, o andarilho foge de volta à poluída Paris: um antro de poluição menos odioso por ser menos incongruente. Mas se os arredores da cidade são tão assediados durante os dias de semana, quando se trabalha,

muito mais no dia do Senhor! É especialmente nesse dia que, livre das obrigações do trabalho, ou desprovido das costumeiras oportunidades para o crime, o canalha urbano busca as cercanias da cidade, não pelo amor ao bucólico, algo que ele despreza profundamente, mas como um meio de escapar às restrições e convenções da sociedade. Ele almeja menos o frescor do ar e o verde das árvores que a completa *indulgência* do campo. Ali, numa hospedaria, ou sob a folhagem da mata, ele se permite, longe de todos os olhos, exceto os de seus desaforados companheiros, os mais tresloucados excessos de uma alegria forjada; filha da conjunção da libertinagem com o rum. Nada digo além do óbvio para qualquer observador desapaixonado quando reitero que a circunstância dos objetos em questão terem permanecido ocultos por um período maior que o de um domingo a outro, em um *certo* matagal nas circunvizinhanças de Paris, deve ser encarada como algo quase miraculoso.

“Mas não há falta de motivos para se suspeitar que os objetos foram colocados no matagal visando desviar a atenção da real cena do ultraje. Deixe-me, primeiramente, chamar sua atenção para a data da descoberta dos objetos. Confronte essa data com a do quinto excerto que eu próprio extraí dos jornais. Você vai notar que a descoberta dos objetos sucedeu, quase que imediatamente, as notáveis informações enviadas ao jornal vespertino. Essas informações, embora variadas, vindas aparentemente de diversas fontes, convergiam todas para o mesmo ponto: chamar a atenção para uma gangue, considerando-a a autora do ultraje, e para o Barrière du Roule, considerando-o a cena do crime. Assim sendo, nossa suspeita, evidentemente, não está relacionada - em consequência das informações citadas ou da atenção pública por elas direcionada - à descoberta dos objetos pelos meninos, mas tal suspeita pode e deve estar relacionada aos objetos não terem sido encontrados *anteriormente* pelos meninos em razão de não estarem ali, espalhados no matagal, até aquele momento; tendo sido ali colocados na data da divulgação das informações, ou pouco antes dela, pelos verdadeiros culpados: os autores, propriamente ditos, dessas informações.

“O referido matagal é singular; extremamente singular. Denso, de forma incomum. Cercadas pelas paredes naturais desse lugar, há três pedras extraordinárias, *formando um assento com encosto e escabelo*. E esse matagal, tão cheio da arte da natureza, encontra-se na vizinhança próxima - *cerca de poucas varas*⁴⁴ *de distância* - à residência de Madame Deluc, cujos filhos tinham o hábito de vasculhar cuidadosamente os arbustos em volta, à procura de cascas de sassafrás⁴⁵. Seria imprudente apostar - uma aposta de mil para um - que sequer um dia se passou na vida desses meninos sem que se encontrasse pelo menos um deles abrigado naquele salão sombreado, coroado sobre um trono feito pela natureza? Aqueles que porventura hesitarem em propor tal aposta ou nunca foram meninos ou se esqueceram da natureza infantil. Repito: é extremamente difícil compreender como os objetos puderam permanecer incógnitos nesse matagal por um período superior a um ou dois dias; e que, por isso, há fortes suspeitas, apesar da ignorância dogmática do Le Soleil, dos objetos terem sido colocados, num período relativamente tardio, no local onde foram encontrados.

“Mas há outras razões - ainda mais fortes do que aquelas já instadas por mim - para se crer que os artigos foram colocados ali. Assim, permita-me rogar sua atenção para a disposição altamente artificial dos objetos. Sobre a pedra *mais alta*, havia uma anágua branca; sobre a *segunda*, uma echarpe de seda; espalhados em volta, estavam uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso trazendo o nome ‘Marie Rogêt’. Eis justamente uma disposição que *naturalmente* seria concebida por alguém não muito astuto, desejando espalhar *naturalmente* os objetos. Mas tal arranjo não foi de forma alguma algo *de fato* natural. Eu iria procurar encontrar essas coisas *todas* no chão, espalhadas, pisoteadas. Nos estreitos limites daquele caramanchão, seria quase impossível uma anágua e uma echarpe permanecerem sobre as pedras se sujeitas à agitação oscilante de várias pessoas lutando. Diz-se que ‘havia evidências notórias de luta e a terra estava pisoteada, os arbus-

⁴⁴Uma vara corresponde a cerca de cinco metros.

⁴⁵Árvore do gênero sassafras, nativa da América do Norte, cujas casca e raiz são utilizadas para se fazer chá.

tos quebrados'; mas a anágua e a echarpe foram encontradas como que colocadas numa prateleira. 'Os pedaços da sobrecasaca rasgada pelos arbustos tinham cerca de três polegadas de largura por seis de comprimento. Uma parte deles era a bainha da sobrecasaca, que havia sido remendada. Os pedaços *pareciam tiras extraídas.*' Aqui, o Le Soleil empregou, inadvertidamente, uma frase extremamente suspeita. Os pedaços descritos realmente 'pareciam tiras extraídas', mas propositalmente, com as mãos. Trata-se de acidente raríssimo um pedaço de qualquer peça de vestuário ser 'extraído' da forma que ocorreu com a sobrecasaca em questão, pela ação *de um espinho*. Por conta da natureza desses tecidos, um espinho ou um prego que neles se embarace, rasga-os de maneira retangular; separa-os longitudinalmente em duas partes, que formam um ângulo reto entre si e se encontram no vértice onde está o espinho. Mas é quase impossível imaginar algum pedaço sendo 'extraído'. Eu nunca vi tal coisa, e nem você. Para *extrair* um pedaço desse tipo de tecido, são necessárias, na grande maioria dos casos, duas forças distintas, atuando em direções diferentes. Se há duas bordas no tecido; se, por exemplo, no caso de um lenço de bolso, se deseja arrancar-lhe uma tira, então, e somente nesse caso, uma força apenas servirá para tal objetivo. Entretanto, no caso em questão, trata-se de um vestido com apenas uma borda. Um pedaço de seu interior, onde não há bordas, arrancado por espinhos só pode ser algo resultado de um milagre, e um único espinho jamais conseguiria tal feito. Mesmo quando há uma borda, dois espinhos são necessários: um deles operando em duas direções distintas e outro em uma. E isso supondo-se que a borda não esteja debruada. Se estiver, extrair uma tira do tecido é praticamente impossível. Podemos ver então os diversos e grandes obstáculos para que pedaços de tecido sejam 'extraídos' pela simples ação de 'espinhos'; mesmo assim, querem nos fazer crer em não apenas um pedaço sendo arrancado dessa forma, mas vários. Além disso, 'Uma parte deles *era a bainha da sobrecasaca!*' Outro pedaço pertencia '*à saia da sobrecasaca, não à bainha*'; isso significa dizer que ele foi completamente arrancado, pela ação de espinhos, do interior sem bordas do vestido! Aceito que se perdoe alguém por não

acreditar nessas coisas todas; ademais, tomadas coletivamente, talvez elas constituam motivos menos razoáveis para se levantar suspeitas do que a surpreendente circunstância dos objetos terem sido deixados nesse matagal por *assassinos* que tiveram a precaução suficiente para pensar em ocultar um cadáver. Contudo, você não estaria me compreendendo muito bem se considerasse que é meu intento *descartar* esse matagal como cena do ultraje. Algum delito pode ter ocorrido *nesse local* ou, mais possivelmente, houve algum acidente na hospedaria de Madame Deluc. Mas, na verdade, tudo isso tem uma importância menor. Não estamos comprometidos em tentar descobrir a cena do assassinato, mas em revelar seus autores. O que aduzi, não obstante a minúcia com a qual o fiz, tem a intenção de, primeiramente, mostrar a tolice das afirmações categóricas e precipitadas do Le Soleil; em segundo lugar e principalmente, levá-lo, pela via mais natural possível, a refletir mais profundamente sobre a questão do assassinato ter sido ou não obra de *uma gangue*.

“Retomaremos essa questão simplesmente aludindo aos detalhes revoltantes examinados pelo médico-cirurgião durante o inquérito. Basta dizer que suas publicadas *inferências* a respeito do número de facínoras têm sido adequadamente ridicularizadas por todos os respeitadíssimos anatomistas de Paris como algo injusto e totalmente sem prova. Não que a questão não *possa ser* objeto de inferências, mas não há o menor fundamento nas que foram publicadas. Haveriam outras mais fundamentadas?

“Vamos refletir sobre as tais ‘evidências notórias de luta’; permita-me dizer o que supõem demonstrar essas evidências: uma gangue. Mas elas não demonstram justamente a ausência de uma gangue? Que *luta* poderia ter ocorrido - luta tão violenta e tão longa capaz de deixar essas ‘evidências’ por todas as direções - entre uma garota frágil e indefesa contra uma suposta *gangue* de facínoras? Bastaria que poucos braços robustos a agarrassem silenciosamente e tudo estaria terminado. A vítima ficaria absolutamente imobilizada. Agora, você deve se lembrar que os argumentos levantados contra o matagal como cena do crime rejeitam-no, em grande parte, como a cena de um ultraje

cometido por *mais de um único indivíduo*. Se imaginarmos apenas *um* malfeitor, poderemos conceber, apenas conceber, uma luta de natureza tão violenta e obstinada capaz de deixar ‘evidências’ notórias.

“Outra vez: eu já mencionei sobre a suspeita que surge ante à dificuldade dos citados objetos terem *apenas* permanecido no matagal onde foram descobertos. Parece quase impossível que tais evidências de culpabilidade tenham sido acidentalmente deixadas no local onde as encontraram. Houve presença de espírito suficiente (assim supomos) para se remover o cadáver; todavia, deixou-se evidenciar claramente na cena do ultraje algo mais contundente que o próprio cadáver (cujas características poderiam rapidamente obliterar pela decomposição): refiro-me ao lenço com o *nome* da falecida. Se isso foi um acidente, não o causou *uma gangue*. Conseguimos imaginá-lo como sendo um acidente cometido por apenas um indivíduo. Vejamos: esse indivíduo cometeu o assassinato; ele está sozinho com o fantasma da falecida, está estarrecido com o que jaz imóvel diante dele. Sumiu a fúria de sua paixão, e agora há bastante espaço em seu coração para o natural temor daquilo que fez. Nele, não há aquela confiança que a presença de companheiros inevitavelmente inspira. *Sozinho* com a morta, ele se desorienta e estremece. Todavia, é necessário se desvencilhar do cadáver. Ele o leva até o rio, mas deixa para trás as outras evidências do crime, pois é difícil, senão impossível, carregar todas as coisas de uma só vez; será mais fácil retornar e pegar o que ficou. Mas, durante sua árdua jornada até a água, redobram seus temores. Os primeiros sons de vida circundam seu caminho. Por dezenas de vezes, ele ouve ou imagina ter visto os passos de um observador. As próprias luzes da cidade o confundem. Mesmo assim, mesmo após diversas e demoradas interrupções de profunda agonia, ele chega a tempo à beira do rio, e desfaz de sua carga hedionda; talvez por meio de um barco. E *agora*, quais tesouros reservaria o mundo, quais possibilidades de desforra ele poderia oferecer fortes o bastante para fazer esse assassino solitário percorrer um caminho árduo e perigoso de volta àquele matagal e suas lembranças medonhas, lembranças de causar calafrios? Ele *não* retorna; deixa seguirem seu curso as conseqüências do que fez. Mesmo

que tentasse retornar, ele *não* conseguiria. Fugir imediatamente foi seu único pensamento. *Para sempre* dá as costas àquela mata terrível e foge da ira que se avizinha.

“Como seria com uma *gangue*? Seu tamanho inspiraria confiança em seus membros, caso seja de fato confiança aquilo que acalentam os canalhas notórios; e é justamente de canalhas notórios que essas supostas *gangues* sempre se constituem. Acredito que seu tamanho teria evitado o insensato e desorientado pavor que imagino ter paralisado o homem solitário. Supondo o descuido de um, dois ou até três membros, um quarto iria remediá-lo. Nada teriam deixado para atrás; pois o tamanho da *gangue* teria possibilitado que levassem *tudo* de uma vez. Não haveria necessidade de *retornar*.

“Considere agora a circunstância em que, na parte externa da roupa que vestia o cadáver, ‘uma tira de tecido, com cerca de um pé de espessura, havia sido rasgada de baixo para cima, da barra até a cintura, enrolada três vezes em volta da cintura e presa às costas por uma espécie de presilha.’ Tudo isso foi feito com o evidente propósito de se obter uma *alça* para carregar o corpo. Mas, teria um *grupo* de homens imaginado recorrer a tal expediente? A três ou quatro deles, os membros do cadáver teriam sido não apenas suficientes, mas a melhor forma possível de se carregá-lo. O artifício utilizado é obra de um único indivíduo; e isso nos remete ao fato de que ‘entre o matagal e o rio, foram encontrados derrubados arames de cercas e o terreno apresentava sinais claros de uma pesada carga que sobre ele havia sido arrastada!’ Mas, um *grupo* de homens se submeteria à supérflua e problemática tarefa de derrubar uma cerca no intuito de arrastar através dela um cadáver, que conseguiria *erguer e passar* rapidamente por cima de qualquer cerca? Teria um *grupo* de homens realmente *arrastado* o cadáver e deixado *traços* tão evidentes de seu feito?

“Aqui precisamos nos referir a uma observação do *Le Commercial*; observação sobre a qual já comentei, em certa medida. ‘De uma das anáguas da desafortunada’, diz o jornal, ‘um pedaço foi arrancado e amarrado sob seu queixo pela parte de trás da cabeça, provavelmente para impedir gritos. Isso foi realizado por indivíduos que não possuíam

um lenço de bolso.’

“Em algum momento, sugeri que o autêntico canalha nunca anda *desprovido* de um lenço de bolso. Mas não é especificamente sobre esse fato ao qual desejo aludir neste momento. Fica evidente que não foi falta de lenço de bolso - com o propósito imaginado pelo Le Commercial - a razão da utilização dessa bandagem, porque um lenço de bolso foi deixado no matagal; fica evidente também que a bandagem não era para ‘impedir gritos’, porque foi utilizada ao invés de se dispor de outros expedientes muito melhores para tal propósito. Mas as evidências dizem que a tira em questão ‘foi encontrada em volta do pescoço, amarrada com folga e segura por um nó firme.’ Tais palavras são bastante vagas, e diferem substancialmente das palavras do Le Commercial. A tira possuía dezoito polegadas de espessura e, embora de musselina, formaria então uma faixa resistente se dobrada ou amarrotada longitudinalmente. E assim ela foi descoberta: amarrotada. A seguir, seguem minhas inferências. O assassino solitário, tendo carregado o cadáver por uma certa distância - seja a partir do matagal ou de algum outro lugar - utilizando a bandagem, *agarrando-a* mais ou menos pelo meio, concluiu que o peso, daquela forma que o levava, era demasiado para suas forças. Resolveu então arrastar esse fardo; e evidências mostram que ele de fato foi arrastado. Com esse objetivo em mente, tornou-se necessário atar uma espécie de corda a uma das extremidades. Ela poderia ser melhor atada na região da nuca, onde a cabeça evitaria que escorregasse. Nesse momento, o assassino certamente se lembrou da bandagem na região dos quadris. Ele a teria usado caso ela não estivesse envolvendo o cadáver, com um *nó* que a embaraçara, e se não fosse a lembrança de que essa faixa não havia sido ‘extraída’ da roupa. Era mais fácil arrancar uma nova tira da anágua. Ele então a arrancou, fê-la envolver firmemente a região da nuca, e aí *arrastou* sua vítima até à margem do rio. Que essa ‘bandagem’, cuja obtenção demandou tanto tempo e esforço, atendendo inadequadamente a seus objetivos; que essa bandagem foi *de alguma forma* utilizada demonstra que sua utilidade nasceu das circunstâncias ocorridas no período em que um lenço de bolso não estava mais

disponível; nasceu, em outras palavras, após ele ter deixado o matagal (se ele saiu realmente de um matagal), no caminho entre esse matagal e o rio.

“Mas o testemunho de Madame Deluc - você dirá - destaca, em especial, a presença de uma *gangue* nas vizinhanças do matagal, à época do assassinato ou próximo dela. Não questiono tal fato. Tenho dúvidas se não havia *dezenas* de gangues, como a descrita por Madame Deluc, no Barrière du Roule e em suas vizinhanças quando ocorreu essa tragédia, ou *num período muito próximo*. Mas a gangue que atraiu para si a citada acusação - num testemunho de Madame Deluc um tanto tardio e bastante suspeito - é a *única gangue*, citada por essa honesta e escrupulosa anciã, que comeu seus bolos e tragou seu conhaque sem se dar ao trabalho de efetuar o pagamento. *Et hinc illæ iræ?*⁴⁶

“Mas qual é afinal o exato testemunho de Madame Deluc? ‘Uma gangue de patifes resolveu aparecer; comportaram-se tempestuosamente, comeram e beberam sem pagar, seguiram pelo mesmo caminho do jovem e da garota, retornaram à hospedaria *por volta do anoitecer*, e atravessaram de volta o rio aparentemente bastante apressados.’

“Esses patifes ‘bastante apressados’, possivelmente, pareceram ainda mais apressados aos olhos de Madame Deluc, pois ela se alongou lastimosa e demoradamente ao falar sobre a violação de seus bolos e de suas cervejas - bolos e cervejas pelos quais ela ainda deve conservar uma tênue esperança de ressarcimento. Por qual outra razão - já que era *por volta do anoitecer* - ela faria um comentário sobre *pressa*? Certamente não é motivo de admiração que até mesmo uma gangue de canalhas deva se *apressar* para chegar logo em casa quando um rio largo precisa ser atravessado em barcos pequenos, quando ameaça uma tempestade, e quando a noite *se aproxima*.”

“Eu digo *se aproxima* porque a noite *ainda não havia chegado totalmente*. Somente *próximo ao anoitecer* a pressa indecente desses ‘patifes’ ofendeu os olhos sóbrios de Madame Deluc. Entretanto, nos

⁴⁶“E por isso toda essa raiva?”.

foi dito que justamente nesse mesmo final de tarde Madame Deluc, e também seu filho mais velho, ‘ouviram gritos femininos nas redondezas da hospedaria.’ Quais foram as palavras que Madame Deluc utilizou para designar o período da tarde em que esses gritos foram ouvidos? ‘Foi *logo após o escurecer*’, disse ela. Mas ‘*logo após o escurecer*’ significa que já está *escuro*, pelo menos; enquanto ‘próximo ao anoitecer’ certamente se refere ao dia ainda claro. Portanto, está bastante evidente que a gangue deixou o Barrière du Roule *antes* dos gritos ouvidos casualmente por Madame Deluc. E não obstante todos os relatos dos testemunhos apresentem as citadas expressões temporais, empregadas da mesma maneira como as empreguei nesta conversa contigo, nada foi percebido, até agora, sobre essa discrepância grosseira, por quaisquer dos jornais populares ou dos mirmidões da polícia.

“Vou acrescentar apenas mais um aos diversos argumentos contra a hipótese de *gangue*; mas *esse argumento* tem, no meu entendimento, um peso absolutamente irresistível. Sob as circunstâncias da grande recompensa oferecida, e o pleno perdão para qualquer tipo de delação, não se pode imaginar, nem por um momento, que algum membro de uma *gangue* de facínoras, ou de qualquer agrupamento de homens, não houvesse, há muito, traído seus comparsas. Nesse contexto, qualquer um desses membros não ficaria mais ávido por dinheiro, ou mais ansioso para fugir, do que *temeroso de uma traição*. Assim, ele trai ávida e rapidamente para que *não seja ele próprio o traído*. O fato do segredo ainda não ter sido divulgado é a maior comprovação de que se trata realmente de um segredo. Os horrores desse feito sombrio são conhecidos por um ou dois seres humanos vivos, e por Deus.

“Vamos resumir agora os acertados frutos, ainda que mirrados, de nossa longa análise. Chegamos à ideia de um acidente fatal nas dependências de Madame Deluc ou de um assassinato perpetrado no matalgal do Barrière du Roule por algum enamorado, ou, pelo menos, um companheiro secreto da falecida, muito íntimo. Esse tal companheiro é de compleição parda. Essa compleição, o ‘amarrio’ na bandagem e o ‘nó de marinheiro’ com o qual o cordão da touca foi amarrado de-

signam um marinheiro. Seu envolvimento com a falecida, uma garota liberal mas não abjeta, indica que se trata de alguém com patente superior a do marujo comum. Corroboram esse fato as urgentes e bem escritas informações enviadas aos jornais. As circunstâncias da primeira fuga, conforme mencionado pelo *Le Mercurie*, tendem a mesclar essa ideia de um marinheiro com a de um ‘oficial naval’, conhecido por ter conduzido a desafortunada ao disparate.

“E agora, mais adequadamente, advém a consideração sobre a absoluta ausência desse sujeito de compleição escura. Permita-me interromper para comentar que a compleição desse homem é parda e escura; mas não foram os comuns atributos do pardo o único ponto que despertou lembranças tanto em Valence quanto em Madame Deluc. A questão é por que esse homem sumiu? A gangue o assassinou? Se sim, por que há rastros apenas da garota assassinada? As cenas dos dois ultrajes seriam naturalmente supostas idênticas. E onde está seu cadáver? Os assassinos muito provavelmente disporiam de ambos da mesma forma. Todavia, pode-se dizer que esse homem está vivo e não se deixou conhecer por medo de ser responsabilizado pelo assassinato. Pode-se supor que tal razão esteja sendo considerada por ele agora - num período mais tardio -, quando há evidências de que ele foi visto com Marie; razão essa que não tinha forças num período próximo ao do acontecimento. O primeiro impulso de um homem inocente seria anunciar o ultraje e auxiliar na identificação dos facínoras. Tudo isso, a prudência lhe teria sugerido. Ele havia sido visto com a garota; havia atravessado o rio junto dela num ferryboat aberto. Denunciar os assassinos pareceria, até mesmo para um idiota, a única e mais segura maneira de se livrar de alguma suspeita. Não podemos considerar esse homem - na noite do domingo fatal - inocente e, ao mesmo tempo, desinformado sobre o ultraje cometido. Pois, somente sob tais circunstâncias, é possível imaginar que ele, estando vivo, não conseguisse denunciar os assassinos.

“Quais são então nossos meios para alcançar a verdade? Iremos encontrá-los multiplicando e agrupando informações distintas ao prosseguirmos. Vamos esquadrinhar até o fim o evento da primeira fuga.

Conheçamos a história completa desse ‘oficial’, as circunstâncias dele nessa fuga e seu paradeiro no preciso momento do assassinato. Vamos comparar cuidadosamente umas com as outras as várias informações enviadas aos jornais vespertinos, pelas quais a intenção era culpar *uma gangue*. Isso feito, vamos comparar também essas informações escritas, tanto em termos de estilo quanto de grafia, com aquelas enviadas aos jornais matutinos, num período anterior, que insistiam veementemente na culpa de Mennais. Depois disso tudo, comparemos novamente essas diversas comunicações com a grafia conhecida do oficial. Esforcemo-nos para investigar, por meio de repetidos questionamentos a Madame Deluc e seus filhos, bem como ao motorista de ônibus, um pouco mais sobre a aparência e o comportamento deste ‘homem de compleição escura’. Consultas, habilmente direcionadas, não irão fracassar em extrair, dessas pessoas citadas, informações sobre esse ponto particular (ou sobre outros); informações que nem mesmo elas próprias sabem que detêm. Vamos trilhar agora *o barco* que o barqueiro capturou na manhã de segunda-feira, vinte e três de junho, o qual fora removido do ‘barge-office’ sem o conhecimento do oficial em comando - e *sem o leme* - algum tempo antes da descoberta do cadáver. Com a cautela e perseverança devidas, iremos trilhar esse barco sem o menor erro; pois além do barqueiro que o capturou conseguir identificá-lo, seu *leme está disponível*. O leme de um *barco à vela* não seria abandonado, sem questionamentos, por alguém inteiramente tranquilo consigo mesmo. Aqui, permita-me interromper para colocar uma questão. Não houve *notícia* alguma sobre a captura desse barco. Ele foi silenciosamente levado ao ‘barge-office’ e, da mesma forma, silenciosamente removido. Mas, em relação ao seu proprietário ou usuário, como *aconteceu* de ter sido informado, tão cedo numa manhã de terça-feira, sem a ajuda de notícias, sobre a localização de um barco retirado na segunda-feira sem se imaginar alguma conexão dele com a *marinha*, alguma conexão pessoal e duradoura que o permitiu conhecer detalhadamente os interesses envolvidos, as mínimas particularidades?

“Sobre o assassino solitário arrastando seu fardo até a margem, já

cogitei a possibilidade de que ele tenha se valido *de um barco*. Assim, devemos entender que Marie Rogêt *foi* jogada de um barco. Esse seria o procedimento natural. Não se poderia confiar o cadáver às águas rasas próximas da margem. As marcas peculiares nas costas e nos ombros da vítima indicam ripas do assoalho de um barco. Corroborava também tal ideia o fato do corpo ter sido encontrado sem um peso. Se ele tivesse sido arremessado da margem, um peso seria amarrado. Só podemos explicar a ausência desse peso supondo que o assassino, antes de jogar o corpo, negligenciou a precaução de atar o peso a ele. Durante o ato de depositar o cadáver na água, ele inquestionavelmente notou seu descuido; mas já não havia uma solução disponível. Qualquer risco seria preferível ao retorno àquela margem odiosa. Tendo se livrado de sua terrível carga, o assassino teria se precipitado para a cidade. Ali, em algum cais obscuro, teria pisado em terra firme. E o barco? Teria ele o amarrado em algum lugar? Não, estava muito apressado para coisas desse tipo. Ademais, se atasse o barco à margem, iria pensar que estava produzindo prova contra si mesmo. Seu raciocínio natural seria afastar de si, até a máxima distância possível, tudo o que estivesse relacionado com seu crime. Ele teria não apenas fugido do cais, mas também não permitira que o *barco* ali permanecesse. Iria colocá-lo à deriva, indubitavelmente. Prossigamos então com nossas conjecturas. Pela manhã, o infeliz é acometido por um terror indescritível ao descobrir que o barco foi capturado e retido num local que ele frequenta diariamente; local que talvez suas ocupações o obriguem a frequentar. Na noite seguinte, *sem se atrever a perguntar pelo leme*, ele retira o barco dali. Agora, *onde* está esse barco sem leme? Que essa seja uma de nossas primeiras questões a serem desvendadas. A partir do primeiro vislumbre dessa descoberta, iniciar-se-á o alvorecer do nosso sucesso. Esse barco singrará, com uma rapidez que vai até nos surpreender, para o homem que dele dispôs naquele fatal dia do Senhor. Comprovações surgirão a partir de outras comprovações e o assassinato será delineado.”

[Por razões que não iremos esmiuçar, mas que para muitos leitores parecerão óbvias, tomamos a liberdade de omitir aqui, a partir

dos manuscritos colocados em nossas mãos, as partes que detalham aquilo que *se seguiu* à débil pista obtida por Dupin. Todavia, achamos oportuno informar, em poucas palavras, que o resultado desejado foi levado a cabo; e que o prefeito cumpriu pontualmente, embora com alguma relutância, os termos de seu pacto com o Cavalheiro. O artigo do sr. Poe conclui com as palavras a seguir. — *Editores*^{47]}⁴⁸

Deve-se entender que aqui falo apenas de coincidências e *nada mais*. O que disse no texto acima há de ser suficiente. Em meu coração não habita a fé no sobrenatural. Que a Natureza e seu Deus constituem duas entidades, homem pensante algum irá negar. Que a segunda, criadora da primeira, pode, à sua vontade, controlá-la e modificá-la, é também algo incontestável. Digo “à sua vontade” pois a questão é realmente de vontade e não, como a insanidade da Lógica assumiu, de poder. Não é que a divindade *não possa* modificar suas leis, mas presumir uma possível necessidade de modificação é insultá-la. Na sua origem, essas leis foram moldadas para abarcar *todas* as contingências que *pudessem* surgir no futuro. Para Deus, tudo é *agora*.

Assim, reafirmo que falo dessas coisas somente como coincidências. Além disso, em tudo aquilo que relaciono, observar-se-á que entre o destino da infeliz Mary Cecilia Rogers, até onde ele é conhecido, e o destino da tal Marie Rogêt, até um certo ponto de sua história, há um paralelo nas considerações feitas, de cuja admirável exatidão fica a razão constrangida. Digo que tudo isso ainda será visto. E que não se suponha, nem por um momento, que ao proceder a triste narrativa de Marie a partir da época que acabamos de mencionar, e no *delineamento*, até seu desfecho, do mistério que a envolveu, eu tenha tido a intenção dissimulada de insinuar uma extensão do citado paralelismo, ou mesmo de sugerir que as medidas adotadas em Paris para a descoberta do assassinato de uma grisette, ou as medidas fundamentadas em raciocínios similares, produziriam resultados similares.

Em relação ao último ramo das suposições, deve-se levar em conta

⁴⁷Da revista na qual o artigo foi originalmente publicado. (N. do A.)

⁴⁸Essa nota é criação do autor e não de seus editores.

que a mais insignificante variação nos fatos registrados dos dois casos pode dar origem aos mais grosseiros erros de cálculo, por fazer divergir completamente os cursos dos dois eventos; tal qual, na aritmética, um erro que, por seu valor, é desprezado, mas produz no final, por força de diversas multiplicações ao longo do processo, um resultado muitíssimo diferente do correto. Além disso, em relação ao primeiro ramo das suposições, não podemos perder de vista que o próprio Cálculo das Probabilidades ao qual me referi impede qualquer ideia de extensão de paralelismo; impede-a com uma assertividade tão forte e decisiva quanto a exatidão e a longevidade do paralelismo. Trata-se daquelas proposições anômalas que, embora aparentemente atrativas a um pensamento dissociado da Matemática, apenas um matemático pode apreciar na sua inteireza. Por exemplo, nada é mais difícil do que tentar convencer o leitor comum de que dois números seis, obtidos em sequência, em duas jogadas consecutivas de um dado é condição suficiente para se apostar na alta probabilidade de que um seis não será obtido na terceira tentativa. A proposição desse efeito é geralmente rejeitada de imediato pelo intelecto: não parece possível que as duas jogadas já realizadas, agora existentes exclusivamente no passado, possam ter influência na jogada que existe apenas no futuro. A chance de se jogar um seis em sequência a outro parece exatamente a mesma que se tem a qualquer tempo, ou seja, sujeita apenas à influência das diversas outras jogadas que possam ter sido feitas com o dado. E tal reflexão parece tão extremamente óbvia que qualquer tentativa de contestá-la é recebida mais frequentemente com um sorriso debochado do que algo parecido com atenção respeitosa. O erro aqui envolvido - erro grosseiro, impregnado de consequências danosas - não posso proceder à sua exposição por conta dos limites que, nesse momento, me circunscrevem; ademais, dispondo-se do pensamento filosófico, não há necessidade de expô-lo. Por ora, basta dizer que ele constitui uma das infinitas séries de equívocos que surgem no caminhar da Razão, sempre propensa a buscar a verdade *nos seus mínimos detalhes*.